

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN ? FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

MAUREN DE SOUZA XAVIER DOS SANTOS

POR QUÊ?: UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO NO JORNALISMO DIÁRIO

Porto Alegre

2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES, DESIGN – FAMECOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MAUREN DE SOUZA XAVIER DOS SANTOS

**POR QUÊ?
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO NO JORNALISMO DIÁRIO**

Porto Alegre
2019

MAUREN DE SOUZA XAVIER DOS SANTOS

**POR QUÊ?
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO NO JORNALISMO DIÁRIO**

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva

Porto Alegre
2019

MAUREN DE SOUZA XAVIER DOS SANTOS

POR QUÊ?
UMA ANÁLISE DOS DISCURSOS SOBRE SUICÍDIO NO JORNALISMO DIÁRIO

Dissertação apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Escola de Comunicação, Artes e Design – Famecos, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS).

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Juremir Machado da Silva – PUCRS

Prof. Dr. Alfredo Cataldo Netto – PUCRS

Prof. Dr. Antonio Hohlfedt - PUCRS

Porto Alegre
2019

Ficha Catalográfica

S237p Santos, Mauren de Souza Xavier dos

Por quê? : Uma análise dos discursos sobre suicídio no jornalismo diário / Mauren de Souza Xavier dos Santos . – 2019.

140p.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Juremir Machado da Silva.

1. Comunicação. 2. Jornalismo. 3. Suicídio. 4. Responsabilidade Social. 5. Ética. I. Silva, Juremir Machado da. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Salete Maria Sartori CRB-10/1363

AGRADECIMENTOS

Sempre que me perguntavam porque estudar o suicídio, eu não sabia direito o que dizer. Foi preciso tempo e a pesquisa, em alguns momentos dolorosa, para descobrir que era por amor. Acredito que o suicídio é devastador e traz uma dor inimaginável. Ajudar a evitar esse sofrimento é acreditar que a sociedade pode ser melhor. Não para mim, mas para aqueles que amo. Esse trabalho é para vocês.

À minha peculiar e grandiosa família. Pai, mãe, irmãs e irmãos, cada um do seu jeito, me mostram porque vale a pena viver essa vida. Vocês são a minha representação do amor genuíno. Imperfeito, mas real.

Ao meu orientador, professor Dr. Juremir Machado da Silva, que gentilmente aceitou me conduzir nesse processo. Serei eternamente grata pela confiança, respeito e, principalmente, por me fazer ter asas que jamais imaginei possuir.

Aos professores e integrantes da banca de qualificação e de defesa, Dr. Antonio Hohlfeldt, por ter me mostrado que era hora de volta para a Famecos e acreditar no meu potencial como pesquisadora; e Dr. Alfredo Cataldo Neto, por toda a generosidade e carinho que demonstrou comigo e com minha pesquisa desde o primeiro contato.

Aos meus colegas da turma de 2017 (e agregados), do Geisc e do GTI, aos professores e às funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Sem vocês, com certeza, essa etapa seria incompleta e nada divertida. Obrigada por toda a generosidade, parceria, paciência, cafés e, óbvio, carinho. Vou levar vocês comigo para sempre.

Aos meus chefes e colegas do *Correio do Povo*, por me apoiarem, de várias maneiras, nessa jornada. Essa pesquisa teria sido bem mais difícil sem esse apoio.

A todos os que me aguentaram ouvir falando da pesquisa, que vibraram com as minhas pequenas conquistas e que acreditaram em mim.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-Brasil (CAPES), pela bolsa parcial concedida no segundo ano desta pesquisa.

“A morte é o momento mais solitário da vida
e o suicídio é a mais solitária das mortes”

(Otávio Frias Filho)

RESUMO

Ainda nos dias de hoje o suicídio é considerado um tabu. As entidades da área de saúde frequentemente buscam auxílio aos mais diversos setores da sociedade para mudar essa percepção, inclusive à comunicação, para ampliar as discussões acerca do tema e, conseqüentemente, tornando-se um caminho para a prevenção. A partir desse pressuposto, contextualizamos o suicídio e a complexidade que envolve esse ato contra a própria vida, tendo como embasamento teórico os estudos de Durkheim (2011) e Botega (2015). Para a reflexão do conteúdo jornalístico, concentramos a atenção nos eixos da responsabilidade social (BELTRÃO, 1994; CHAPARRO, 1994) e da ética (BUCCI, 2000; KARAM, 2004; CHRISTOFOLETTI, 2008). Cientes da complexidade do tema, propomos fazer a apuração do material a partir dos caminhos indicados na Análise Textual Discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007). Como objeto, escolhemos o conteúdo informativo do jornal *Folha de S. Paulo*, em função da sua relevância no jornalismo brasileiro. Com a revisão da literatura e análise do material empírico, identificamos que a temática do suicídio está presente no noticiário, superando possíveis tabus de que não deve ser noticiado pela mídia. Além disso, observamos que da morte voluntária emanam diferentes discursos. Alguns mais acolhedores e focados na prevenção e outros centrados na visão criminal do ato. Identificamos ainda que ao promover a discussão adequada sobre o suicídio, o jornalismo irá, além de colaborar com a prevenção, reforçar a sua relevância no contexto social.

Palavras-chave: Comunicação; Jornalismo; Suicídio; Responsabilidade social; Ética.

ABSTRACT

Suicide is still considered a taboo in society. Health agencies often seek assistance from diverse sectors of society to change people's perception of suicide, including the field of communications. The reasoning is simple. Broadening the discussion of the issue can create a path to prevention. Based on this assumption, we contextualize suicide and the complexity of this act against life itself based on the studies of Durkheim (2011) and Botega (2015). And we reflect on journalistic content about suicide by focusing on the axes of social responsibility (BELTRÃO, 1994; CHAPARRO, 1994) and ethics (BUCCI, 2000; KARAM, 2004; CHRISTOFOLETTI, 2008). Aware of the complexity of this topic, we propose to analyze materials by following the indicated paths of Discursive Textual Analysis (MORAES; GALIAZZI, 2007). As an object, we chose content published in Folha de S. Paulo, due to the newspaper's significance within Brazilian media. Based on a review of the literature and analysis of the empirical material, we identified that the issue of suicide is present in the news, overcoming possible taboos that it should not be reported by the media. In addition, we have observed that different discourses emanate from voluntary death. Some of them are more welcoming and focus on prevention, while others focus on the criminality of the act. We further identified that in promoting an adequate discussion about suicide, journalism will, in addition to collaborate with prevention, reinforce its relevance in the social context.

Keywords: Communications; Journalism; Suicide; Social Responsibility; Ethics.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Linha do tempo da concepção do suicídio.....	24
Imagem 2 - Mapa Mundial dos casos de suicídio	33
Imagem 3 - Evolução dos casos de suicídio no Brasil.....	34
Imagem 4 - Modelo de identificação do conteúdo	85

LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Fatores de risco de um suicídio	38
Tabela 2 – Mapeamento completo da <i>Folha de S. Paulo</i> em 2017	80
Tabela 3 – Mapeamento do conteúdo informativo	86
Tabela 4 – Unidades do conteúdo informativo.....	88
Tabela 5 – Categorias do conteúdo informativo.....	89

LISTA DE GRÁFICO

Gráfico 1 – Mapeamento da citação da palavra suicídio nas décadas.....	78
Gráfico 2 – Distribuição por mês	81
Gráfico 3 – Distribuição por editorias	82
Gráfico 4 – Gêneros informativo e opinativo	83

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
1 SUICÍDIO - UMA PERSPECTIVA PANORÂMICA	20
1.1 CONTEXTOS HISTÓRICOS	22
1.2 TODOS SOMOS RESPONSÁVEIS	27
1.3 PANORAMA MUNDIAL E VIÉS CLÍNICO	31
1.4 UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA	39
1.5 CAMINHOS DA PREVENÇÃO	42
2 JORNALISMO, RESPONSABILIDADE SOCIAL E ÉTICA	46
2.1 RESPONSABILIDADE SOCIAL.....	51
2.2 POSTURA ÉTICA	54
2.3 JORNALISMO, SUICÍDIO E TABU	58
2.4 EXISTE UMA MANEIRA CORRETA DE FALAR?	62
3 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA	68
3.1 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS	72
3.2 ESCOLHA DO JORNALISMO IMPRESSO	73
3.3 FOLHA DE S. PAULO.....	76
3.4 MAPEAMENTO DOS DADOS	77
4 UNIDADES, CATEGORIAS E METATEXTOS	84
4.1 AS UNIDADES.....	87
4.2 AS CATEGORIAS.....	89
4.3 OS METATEXTOS.....	90
4.3.1 Como são noticiados os casos de suicídio?.....	90
4.3.1.1 <i>Análise prévia</i>	94
4.3.2 As ações de prevenção do CVV	96
4.3.2.1 <i>Análise prévia</i>	96
4.3.3 O suicídio relacionado aos jovens	97
4.3.3.1 <i>Análise prévia</i>	99
4.3.4 O suicídio no ambiente acadêmico	100
4.3.4.1 <i>Análise prévia</i>	103
4.3.5 O suicídio e a falta de controle nas redes sociais	104
4.3.5.1 <i>Análise prévia</i>	106
4.3.6 O suicídio relacionado à produção artística	107
4.3.6.1 <i>Análise prévia</i>	109

4.3.7 A cultura como espaço para falar do suicídio.....	109
4.3.7.1 <i>Análise prévia</i>	111
4.3.8 Suicídio como um problema de saúde pública.....	112
4.3.8.1 <i>Análise Prévia</i>	113
4.3.9 A responsabilidade da sociedade	115
4.3.9.1 <i>Análise Prévia</i>	115
4.4 MERGULHOS DISCURSIVOS	116
CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	125
APÊNDICE.....	131

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Poucos assuntos são tão complexos na sociedade contemporânea como a escolha do momento de deixar de viver. Ou apenas a hora de morrer. A morte, natural ou por uma fatalidade, provoca sentimentos complexos e diversos, representados no luto. O impacto de uma morte voluntária (suicídio) é mais devastador. As maneiras como as pessoas lidam com a morte são particulares. Mas é inegável que, ao confrontar-se com um suicídio, os questionamentos são diferentes. Por que uma pessoa tira a própria vida? Por que ela escolhe não viver? Por que ela acha que não vale a pena viver? Por que não ajudei? Por que não percebi? São muitos os porquês que pairam diante de um caso tão violento como esse. Como apresenta Erwin Stengel (1980, p. 75), "a morte de uma pessoa por suicídio dá origem a um grande número de perguntas, todas as quais dizem respeito a fatos e acontecimentos que precederam o ato". São esses questionamentos que originaram o nome do trabalho: Por quê? Claramente não pretendemos¹ aqui investigar as razões que levam uma pessoa, especificamente, ao suicídio, mas os discursos acerca desse ato a partir do noticiário do jornalismo diário.

É o mesmo suicídio que, segundo o filósofo Albert Camus, em *O mito do Sísifo*, lançado inicialmente em 1942, representa o maior dilema do homem. Nas palavras dele: "Só há um problema filosófico verdadeiramente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale ser vivida, é responder à questão fundamental da filosofia" (CAMUS, 2004, p. 3). Qual a razão de haver tanto medo diante da morte voluntária? Seria porque a motivação de matar-se, presente no outro, pode estar também dentro de nós? O psicanalista Rubem Alves, no prefácio de *Do suicídio* (CASSORLA, 1998), define o diferencial da morte do suicida: "Pois ela não é uma coisa que venha de fora, mas gesto que nasce de dentro" (ALVES; 1998, p. 12). Por um dos olhares da psicanálise, esse sentimento interno de destruição do homem recebe o nome de *impulso da morte* ou *pulsão da morte*, como definido por Sigmund Freud (1930), e estaria presente em todo o ser vivo, sendo um contraponto ao sentido da preservação da vida. Assim, seria praticamente impossível fugir desse sentimento e o

¹ Utilizaremos a primeira pessoa do plural porque acreditamos que a pesquisa é resultado de uma produção coletiva de conhecimento.

enfrentamento com a possibilidade de se matar seria inevitável dentro de cada um de nós. Para tornar mais complexa a discussão, as respostas sobre o que leva uma pessoa a querer tirar a própria vida não são únicas nem definitivas. Normalmente, as motivações são de cunho individual, sendo, nesta lógica, na maioria das vezes, de difícil compreensão para o outro. Especialistas da área médica (CASSORLA, 1998; BOTEGA, 2015) consideram que a tentativa de atribuir um único motivo ao ato apenas reduz a sua relevância e diminui a possibilidade de compreensão.

Mesmo sendo uma atitude individual, no contexto geral, os dados mostram-se alarmantes e os seus estilhaços atingem mais pessoas do que é possível dimensionar. O suicídio não é um caso isolado. Não é apenas a filha de uma vizinha ou o tio desconhecido de uma colega do trabalho. Quanto mais próximos, mais inquietantes esses episódios se tornam. Segundo as estimativas da Organização Mundial da Saúde (OMS)², mais de 800 mil pessoas por ano tiram a própria vida. O dado também pode ser representado em uma ocorrência a cada 40 segundos no mundo. Pelo seu impacto, o suicídio é considerado um problema de saúde pública. Porém, a mesma OMS reconhece que existem falhas na notificação exata das mortes e das tentativas de suicídio. Não é errado afirmar que provavelmente os números concretos devam ser ainda mais avassaladores. As projeções, segundo a própria OMS, por exemplo, indicam que, para cada suicídio, ocorrem cerca de 20 a 40 tentativas.

O impacto do suicídio não é isolado na vida de uma pessoa. É impossível esquecer que há aqueles que são atingidos por essas mortes, que são chamados de sobreviventes (CASSORLA, 1998; BOTEGA, 2015). São familiares, amigos ou conhecidos que, muitas vezes, carregam para sempre a culpa de não ter conseguido evitar um suicídio. Existem estudos, como o de Meleiro e Wang (1995), que indicam o fenômeno da herança suicida, que envolve os descendentes diretos, como filhos e netos. São famílias que têm casos de suicídios em várias gerações.

Diante dessa breve apresentação, precisamos reconhecer que o assunto fascina, desconcerta, intriga e incomoda. São esses elementos que atraem a atenção e, ao mesmo tempo, exigem uma reflexão mais ampla. Como um tema de tanta relevância e que resulta, mesmo que seja impossível dimensionar concretamente, em

² A OMS tem desenvolvido uma série de ações, nas últimas décadas, para chamar a atenção para o assunto, especialmente pelo indicativo do crescimento de casos no mundo. São iniciativas no sentido de ampliar a conscientização e a prevenção.

tamanha dor, tanto de quem pratica o ato quanto de quem fica, pode ser tão pouco discutido na sociedade? E pior, como pode ser tratado como um tabu? Essas perguntas inquietaram e fomentaram a pesquisa desde o seu início.

Todos sabem que o suicídio existe. Todos conhecemos uma pessoa que tirou a sua própria vida. Mesmo assim, estando tão próximo ao nosso dia a dia, ninguém gosta de falar muito sobre o assunto. É melhor deixar assim, alguns dizem. Como se o simples ato de pronunciar a palavra pudesse fazer outras pessoas cometerem o mesmo gesto, como num processo de contágio, tão relacionado ao polêmico romance de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, que, lançado em 1774, teria sido responsável por estimular o suicídio de jovens europeus.

Independentemente das possíveis justificativas e dos argumentos, apresenta-se contra a lógica que um ato tão severo como tirar a própria vida fique fora do debate público. É neste ponto que recai, não totalmente, mas parte, a responsabilidade do jornalismo e sua função social, como destaca Chaparro (1994). Não encontramos, explicitamente, em manuais de redação de jornais brasileiros ou em outros documentos, que o suicídio não deveria ser noticiado. Mas, por muitas décadas, este pensamento tem sido compartilhado entre os jornalistas e dentro das redações dos veículos de comunicação. Assim como no caso do livro de Goethe, um dos argumentos era o potencial risco de novos casos a partir das publicações de reportagens. Nessa recomendação, que foi perpetuada por gerações, nasceu o tabu de que o suicídio é um tema proibido no jornalismo.

Verdade que, mesmo assim, algumas situações romperam a barreira, por ser absolutamente impossível ignorar tal acontecimento e existirem outros critérios de noticiabilidade, como a do ex-presidente do Brasil Getúlio Vargas que, em plena crise política, ceifou a sua vida com um tiro no peito, em 24 de agosto de 1954.

A atuação profissional em redação de jornal motivou a realização desta pesquisa. Ao longo dos anos, presenciamos debates sobre se determinada morte com características de suicídio deveria se tornar notícia ou não. Em algumas situações eram discussões conflituosas e pouco esclarecedoras. Muitas vezes, os comentários se repetiam tais quais 'não se noticia casos de suicídio', reforçando o mito do contágio, como exposto há pouco; ou que 'é uma questão pessoal e privada', pelo risco do comprometimento ético. Ao mesmo tempo, acompanhamos ações de divulgação do

Centro de Valorização da Vida (CVV) ou de órgãos ligados à saúde, que enfatizam a importância de se abordar o assunto para combater os estigmas que, na prática, só prejudicam a prevenção.

Uma experiência que vivenciamos nesse sentido aconteceu na produção da reportagem *Suicídio: é preciso falar* (CORRÊA; XAVIER, 2017), no auge das notícias sobre o chamado Desafio da Baleia Azul³ e da polêmica em torno do seriado *13 Reasons Why*⁴. Além do curto tempo e do volume de informações, encaramos, muitas vezes, questionamentos sobre quais os termos seriam mais adequados, além do acompanhamento atento por parte da edição, exatamente pela cautela de abordar tal tema. A reportagem permitiu um contato intenso com o assunto. Mesmo assim, não amenizou o sentimento de desconforto diante de uma temática delicada. Acreditamos que outros jornalistas também tiveram a mesma cautela ao abordar o suicídio em suas reportagens, desafiando-os a falar sobre o assunto com maior profundidade. Além disso, precisamos levar em consideração que as decisões na produção jornalística são cercadas de critérios subjetivos e indefinidos. “Esses filtros são criados e destruídos informalmente, no dia a dia dos fechamentos” (DAPIEVE, 2006, p. 10).

Na investigação acadêmica, encontramos o seguinte resultado: em buscas realizadas no Banco de Teses da Capes⁵, identificamos uma série considerável de trabalhos sobre suicídio, mas concentrada nos segmentos de saúde. A pesquisa utilizando apenas a palavra *suicídio* obteve 1.028 resultados, sendo desses 262 de trabalhos de doutorado; 711 de mestrado; 41 de mestrado profissional; e 14 profissionalizante. Consideramos interessante citar que o primeiro mapeamento ocorreu em outubro de 2017 e foi repetido em maio de 2018 e o resultado teve um acréscimo, nesse período, de 116 estudos. Analisando a evolução histórica, verificamos um crescente número de pesquisas na última década no Brasil, atingindo o pico no ano de 2017, com 120 produções e, no ano anterior, 2016, com 104

³ O Desafio da Baleia Azul foi investigado como jogos nas redes sociais em que os participantes, especialmente crianças e jovens, eram desafiados a cometer uma série de atos arriscados, sendo o último, o suicídio.

⁴ Produção do canal de *streaming* Netflix, lançada em 31 de março de 2017, que trazia como eixo da sua narrativa o suicídio cometido por uma jovem estudante, que conta os motivos que a levaram a tal ato, por meio de fitas gravadas.

⁵ A pesquisa foi realizada no Banco de Teses da Capes, que permite a consulta às teses e dissertações defendidas junto a programas de pós-graduação do país, com a palavra-chave *suicídio*. Disponível em: <<http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

pesquisas. Esse é um possível indicador de que a temática tem recebido maior atenção no meio acadêmico, de forma geral.

Em relação à distribuição pela área de conhecimento, identificamos maior contingente de pesquisas em quatro áreas: medicina (110); psicologia (100); letras (55); e saúde coletiva (53). Porém, ao aplicarmos o filtro para assinalar os trabalhos de comunicação, apenas 13 surgem como resposta, mostrando a limitada produção científica na área. Dos selecionados, são nove dissertações e quatro teses. Dentro da área da comunicação, a maioria dos trabalhos estava relacionada ao jornalismo. Desses, destacamos a dissertação de Dapieve (2006), intitulada *Suicídio por contágio – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária*, pela aproximação com a proposta que desenvolvemos neste estudo. A respectiva pesquisa traça um panorama do relacionamento do jornalismo e do tema suicídio, tendo como referência a análise do potencial contágio das reportagens de jornal impresso, argumento normalmente utilizado para sustentar o tabu.

O mapeamento do assunto, em outros bancos de dados específicos de comunicação, como os anais de seminários e congressos da Compós⁶ (Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação) e da Intercom⁷ (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação), também mostrou a existência de uma quantidade pequena de produções. Ao utilizar os termos *suicídio* e *suicida* nas buscas, encontramos um trabalho na Compós, entre os anos de 2008 e 2017; e três na Intercom, entre 2007 e 2016. Precisamos salientar que conhecemos o uso de notícias jornalísticas, não como objetos de estudos, mas como fontes, especialmente em áreas da sociologia, da antropologia e da literatura, apenas para citar alguns exemplos, quando trata de pesquisas sobre suicídio. Assim, pressupomos que a reflexão aqui proposta possa colaborar com o debate sobre o suicídio e com sua relação com os meios de comunicação, não só no campo acadêmico, mas também no profissional.

Diante dessas considerações, apresentamos, como objetivo maior deste estudo, analisar a cobertura jornalística sobre a temática do suicídio, ao longo do ano

⁶ Anais da Compós. Disponível em: <www.compos.org.br/anais_encontros.php>. Acesso em: 2 out. 2017.

⁷ Anais dos trabalhos apresentados durante os congressos nacionais da Intercom. Disponível em: <portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional-apresentacao5>. Acesso em: 2 out. 2017.

de 2017. Esclarecemos que a escolha do termo *temática* deve-se ao assunto aparecer em notícias de maneiras diferentes e permear as mais distintas editoriais. Destacamos duas situações para utilizarmos como referência para uma melhor compreensão. Na primeira, o suicídio é noticiado pelo viés de um problema de saúde pública, a partir da divulgação de uma pesquisa sobre o assunto; e, na outra, corresponde aos casos de suicídio (a morte propriamente dita de uma pessoa, uma personalidade, por exemplo), vista como um crime ou ato de violência. Dito isso, como resultado desse objetivo, esperamos identificar os discursos que resultaram dessa cobertura jornalística, indicando os pontos que são abordados ou ignorados do complexo assunto da morte voluntária, além de compreender a existência ou não de um padrão de abordagem no noticiário.

Agora, indicamos os passos da pesquisa. No primeiro capítulo, apresentamos o fenômeno do suicídio por meio de definições e de reflexões de autores com trajetórias de pesquisa na área. Diante da elevada complexidade, esperamos mostrá-lo a partir de cinco movimentos. O primeiro é traçar a trajetória do conceito ao longo da história, mesmo que brevemente, com suas diferenças, fases de uma maior compreensão e outras de condenação ao ato. O segundo é focado nos conceitos considerados essenciais para o estudo, como o viés sociológico, por meio de Durkheim (2011), e a reflexão da sociedade atual, por Lipovetsky (2007); o terceiro é pelo olhar clínico, com a apresentação do panorama nacional e internacional do suicídio e as contribuições de Stengel (1980); Cassorla (1998) e Botega (2015); o quarto tem enfoque na psicanálise, com Freud (1930) e Menninger (1970); e, por último, o foco são as ações de prevenção desenvolvidas atualmente.

O segundo capítulo tem como eixo central a *práxis* jornalística, a partir dos eixos de responsabilidade social, especialmente pelo olhar de Chaparro (1994) e Beltrão (1992); e da ética, com Bucci (2000), Karam (2004) e Christofolletti (2008). A nossa intenção é a de mostrar como o conteúdo jornalístico pode auxiliar na promoção de debates sobre determinados assuntos, neste caso específico, em ampliar a conscientização sobre o suicídio e sua prevenção. Apresentamos os posicionamentos, a partir de manuais de redação – que representam as linhas editoriais e as recomendações sobre determinadas coberturas jornalísticas –, de veículos de comunicação no país, além de um breve histórico da evolução do

relacionamento entre imprensa e suicídio e alguns exemplos internacionais pertinentes ao debate proposto na pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos os caminhos metodológicos e os procedimentos que utilizamos para realizar a análise. A nossa opção foi a de aplicar a Análise Textual Discursiva (ATD), conforme indicado por Moraes (2003) e Moraes e Galiazzi (2007). Além disso, indicamos as motivações da nossa escolha pelo jornalismo impresso e a definição pelo jornal *Folha de S. Paulo*.

No quarto capítulo, o foco será a apuração das notícias e sua divisão em unidades, seguida do agrupamento em categorias. Por fim, a construção de metatextos e, assim, definir o que poderemos chamar de um *discurso jornalístico*, efetivando a análise. Para um corpus que atendesse à pesquisa, minimamente, selecionamos como objeto empírico as notícias publicadas no jornal ao longo de 2017.

No encerramento, as considerações finais desse trajeto de pesquisa.

1 SUICÍDIO - UMA PERSPECTIVA PANORÂMICA

O suicídio não é um assunto fácil de se abordar. Parece que o soar de cada uma das letras está impregnado de uma conotação negativa e de medo. Se falar é difícil, tentar compreender o fenômeno, é desafiador. A questão é que a morte voluntária faz parte do homem, independentemente do tipo de viés, seja clínico, social, psicológico, psicanalítico ou cultural, dentre outros tantos pontos de vista. O sentimento de angústia fica em evidência na descrição de Frias Filho (2003), apresentada a seguir:

Como a maior parte das pessoas, tive ocasiões de desespero íntimo em que pude perceber na própria pele que não é necessário um atestado psiquiátrico para alguém se matar. Conforme as circunstâncias, poderia ocorrer com qualquer um (FRIAS FILHO, 2003, p. 246).

Mas afinal, de que suicídio estamos falando exatamente? Há muitos termos utilizados, que variam de acordo com o ponto de observação, como *morte voluntária*, *autoaniquilação* ou *autoextermínio*. A palavra propriamente dita aparece pela primeira vez em 1651, na Inglaterra, em latim, no *Oxford English Dictionary*, segundo relembra Alvarez (1999, p. 63-64), sendo “sui” = a si mesmo, e “caedere” = matar. Porém, ele afirma ter encontrado o termo em publicação anterior a essa. Sobre a palavra, o autor traz a seguinte reflexão:

Mas o termo ainda era raro o bastante para não aparecer na edição de 1755 do dicionário do dr. Johnson. Em seu lugar, usavam-se expressões como “self-murder” [auto-assassinato], “self-destruction” [autodestruição], “self-killing” [auto-assassinato], “self-homicide” [auto-homicídio], “self-slaughter” [automassacre] - todas elas refletindo a associação feita entre suicídio e assassinato (ALVAREZ, 1999, p. 64).

Ainda sobre a definição, Veneu (1994) contextualiza que a adoção dessa terminologia, nesse período histórico, estava associada à alteração de entendimento do fenômeno:

A popularização do termo, bem como sua entrada definitiva nos dicionários, é obra do ‘século das luzes’ e do romance moderno. Até então, o gesto de dar-se morte era designado por perífrases como ‘ser homicida de si mesmo’, ‘matar-se’, ‘assassinar-se’, etc. (VENEU, 1994, p. 14).

Após as explicações morfológica e semântica da palavra, passamos para a apresentação do conceito que trabalharemos na pesquisa. A definição é importante, uma vez que há, na literatura, diferentes concepções do assunto. Por vezes, num sentido mais compreensível do ato, quanto mais crítico e punitivo. No estudo de referência, *O suicídio. Estudo de sociologia*, publicado originalmente em 1897, o francês Émile Durkheim define-o como “todo caso de morte que resulta direta ou indiretamente de um ato, positivo ou negativo, realizado pela própria vítima e que ela saiba que produziria esse resultado” (DURKHEIM, 2011, p. 14). Mesmo que o conceito indique um ato voluntário, Angerami-Camon (1997), com entendimento baseado na psicoterapia, aponta que essa ação não deve ser considerada como tendo um objetivo deliberado. Para ele, o suicídio é um ato concretizado após muita reflexão. Sendo assim, trata-se de uma sequência. “A busca do suicídio é muito mais uma tentativa de se resolver determinados conflitos bem como o emaranhado de sofrimento em que a existência muitas vezes se encontra” (ANGERAMI-CAMON, 1997, p. 24). Pela observação do autor, a posição do suicida é de vítima que encontra na morte a única alternativa para o seu problema. Para reforçar essa concepção, ele considera a influência social, assim como Durkheim, em que “cabe dizer que o suicida faz algo com o que fizeram dele” (ANGERAMI-CAMON, 1997, p. 24).

Por outro ponto de vista, o psiquiatra americano Karl Menninger defende que o “suicídio deve ser considerado como uma espécie peculiar de morte que envolve três elementos internos: o elemento de morrer, o elemento de matar e o elemento de ser morto” (MENNINGER, 1970, p. 37). Numa perspectiva mais existencial, está a interpretação do filósofo francês Jean Baechler, que salienta: “Não há nada mais especificamente humano que o suicídio, pois apenas o ser humano é capaz de refletir sobre sua própria existência e de tomar a decisão de dar-lhe fim” (BAECHLER, In BRANDALISE, 2017, p. 121).

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS), “o suicídio resulta de um ato deliberado, iniciado e levado a cabo por uma pessoa com pleno conhecimento ou expectativa de um resultado fatal. O suicídio constitui hoje um grande problema de saúde pública” (OMS, 2001, p. 36). Pela percepção clínica, por exemplo, Botega (2015) apresenta uma definição contemporânea, em que posiciona o suicídio como um fenômeno complexo e que deve ser entendido na sua amplitude. “A temática do suicídio está aberta a diferentes perspectivas e a várias ciências. Devido a sua

natureza dilemática, complexa e multidimensional, não há uma maneira única de olhar ou abordar o problema” (BOTEGA, 2015, p. 23). Nessa linha, Bertolote (2010, p. 15) reforça a complexidade em torno das suas causas, como descrito a seguir:

Inúmeros fatores já foram identificados como predisponentes e precipitantes dos comportamentos suicidas, entre os quais, constituição genética, fatores demográficos (particularmente idade, sexo e situação conjugal), fatores culturais, fatores nosológicos (particularmente doenças mentais e físicas crônicas, incuráveis e causadoras de grande sofrimento), fatores psicológicos (perdas afetivas ou materiais, reais e simbólicas), fatores sociais e ambientais (por exemplo, isolamento social, condições de vida extremamente adversas, e importantes perdas materiais) (BERTOLOTE, 2010, p. 15).

Se a complexidade está presente na definição do termo, fica mais evidente quando propomos um olhar com mais profundidade do assunto. A seguir, abordaremos o suicídio levando em consideração o contexto histórico, a influência da sociedade, o viés de saúde e psicanalítico, além dos caminhos da prevenção.

1.1 CONTEXTOS HISTÓRICOS

Após essa breve definição, avançamos na compreensão desse fenômeno a partir de uma trajetória histórica. O suicídio recebeu diferentes interpretações e entendimentos ao longo dos períodos, sendo, inclusive, em alguns mais aceito e, em outros, duramente condenável. As distorções de compreensão ficam mais nítidas em alguns momentos específicos da história. Nesse ponto, Werlang (2013) e Botega (2015) fazem um apanhado histórico valioso, em suas respectivas pesquisas.

Nos povos primitivos, o suicídio estaria vinculado aos costumes tribais e seria até reverenciado, como no caso dos mais velhos que se matavam para garantir a vida dos demais. “A pessoa idosa se matava em um ato de suprema honra e altruísmo, a fim de não se transformar em um ônus para seu povo” (BOTEGA, 2015, p. 15). Na Antiguidade greco-romana havia uma certa tolerância diante do suicídio, até então entendido como “exercício racional de um direito pessoal” (BOTEGA, 2015). Mas, na Grécia, era necessário obter a licença do Senado, caso contrário seria um ato contra o Estado. É nesse período que, apesar de repudiar o gesto, Sócrates comete suicídio

por envenenamento, por ordem do Estado. Em Roma, havia uma compreensão maior sobre o assunto. Porém, era permitido apenas aos senhores e proibido aos escravos, soldados e criminosos.

A rejeição mais forte contra a morte voluntária ganha força com o processo de expansão do cristianismo e com as interpretações do teólogo Santo Agostinho, no século IV. Na Idade Média, o suicídio passa a ser considerado uma atitude diabólica. Outra justificativa, na época, é que era cometido por uma pessoa que estava no auge da loucura. Ao fim desse período histórico, a morte voluntária passa a ser condenada, incluindo o confisco de bens e exposição pública do corpo (WERLANG, 2013). Dependendo das regiões, o corpo poderia ser arrastado por cavalo e pendurado numa forca de cabeça para baixo e, em outros casos, o corpo era mutilado e havia restrições de locais para o enterro (BOTEGA, 2015). O endurecimento contra o suicídio está vinculado à visão de pecado trazida, no século XIII, pelo teólogo São Tomás de Aquino. Para ele, a morte voluntária é definida como um crime contra Deus e o pior dos pecados.

Diante da mudança na concepção da vida, com o início do Renascimento, há um aumento nos casos de suicídio, o que reflete na produção cultural da época, como na literatura. No século XVII teremos a publicação de *Hamlet*, de William Shakespeare, que traz luz ao dilema da existência, na clássica divagação “Ser ou não ser”. Assim, abrem-se brechas para um debate público sobre o assunto. “Houve a secularização do suicídio, com o reconhecimento da liberdade individual, incluindo-se o direito ao suicídio” (BOTEGA, 2015, p. 22).

No século XVIII, o pensador Jean-Jacques Rousseau apresenta uma concepção mais ampla, em que o homem é resultado da sociedade em que está inserido, abrindo espaço para uma visão mais compreensiva em relação ao suicídio. Nos séculos seguintes, começa a existir uma tolerância maior em relação aos casos de morte voluntária, tanto por parte da sociedade, quanto da própria Igreja, que exercia grande influência social. “Alguns séculos foram privilegiados na reflexão acerca do suicídio e este se tornou, pouco a pouco, um mal mental, moral, físico e social” (WERLANG, 2013, p. 28).

Esse movimento de relação do suicídio com os transtornos mentais, especialmente a partir do século XX, abre espaço para o processo de prevenção. O

suicídio torna-se uma questão de saúde pública e a prevenção é articulada, não só por profissionais da saúde, mas por entidades com representação mundial, como a Organização Mundial da Saúde (OMS), que monitora a evolução dos casos há mais de seis décadas. Outro resultado foi o processo de descriminalização do ato no âmbito social, que passa a ser compreendido como resultado de uma doença ou transtorno mental. É importante destacar que, apesar do avanço, ainda existe um estigma em relação a quem comete suicídio, assim como de quem sofre de problemas de ordem da saúde mental.

Para melhor exemplificarmos o entendimento ao longo da história, reproduzimos a linha do tempo proposta por Botega (2015, p. 27).

Imagem 1: Linha do tempo da concepção do suicídio



Fonte: Botega, 2015.

As religiões também apresentam percepções próprias em relação à morte voluntária e influenciaram o entendimento do ato pela sociedade. A *Bíblia* traz seus casos de suicidas, mas não apresenta uma condenação ao ato, como se verifica pela postura adotada na maior parte do cristianismo. No Antigo Testamento, estão os episódios de Sansão, Saul, Abimelec e Aquitofel. No Novo Testamento, o primeiro suicídio é o do discípulo Judas Iscariotes, que tira a vida em função do remorso por trair Jesus Cristo. O próprio Jesus Cristo também pode ser considerado um suicida, em uma interpretação um tanto polêmica, como descrito a seguir:

A morte de Jesus Cristo - que, de forma voluntária, abre mão de continuar vivo - foi considerado por alguns como suicídio. Considere-se a expressão “Dou a minha vida pelas minhas ovelhas”. Ele sabia o que o esperava quando se dirigiu a Jerusalém. Todavia, sob a perspectiva de ser o enviado de Deus e de redenção, a morte de Jesus adquire significado e dimensão que a diferenciam do suicídio comum (BOTEGA, 2015, p. 19).

No islamismo, o suicídio é considerado pecado imperdoável, porque a morte é uma vontade exclusiva de Deus. Mesmo assim, é impossível esquecer as ocorrências relacionadas ao terrorismo, que envolvem suicidas. Na cultura japonesa, a morte voluntária é interpretada como um ato ético diante da realidade, sendo que, na tradição do país, já existia a prática do *haraquiri*, em que o suicídio fazia parte de uma cerimônia com contornos heroicos. Outro exemplo ocorre durante a II Guerra Mundial, quando pilotos japoneses (kamikazes) se matavam com a finalidade de atingir os inimigos.

O suicídio e seus desdobramentos, na sociedade, podem ser compreendidos pela visão jurídica. Assim, é pertinente lembrar que, como demonstração, no Reino Unido, até 1961⁸, as pessoas que tentavam se matar eram processadas ou quando o ato era consumado, as ações recaíam sobre os seus familiares:

Essas imbecilidades oficiais e judiciais são felizmente a última e tênue manifestação de preconceitos que um dia já foram infinitamente mais virulentos e profundos. Considerando que a selvageria da punição é sempre proporcional ao medo que o ato infunde, por que será que um gesto de caráter tão essencialmente privado inspiraria tão primitivo terror e superstições? (ALVAREZ, 1999, p. 62).

No Brasil, legalmente, segundo o Código Penal (2018), o suicídio não é crime. Ao mesmo tempo, de acordo com o artigo 122, do mesmo Código, está prevista a punição para quem venha a induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça. A pena, nesses casos, é de “reclusão, de dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave” (BRASIL, 2018, s/p), podendo ser ampliada de acordo com as condições em que o mesmo ocorre.

⁸ Fonte: <http://www.legislation.gov.uk/ukpga/Eliz2/9-10/60>. Acesso em: 4 jun. 2018.

Indicamos a eutanásia, que é uma morte assistida, como a discussão mais acentuada atualmente, nessa temática. Destacamos que esse debate encontra-se mais maduro em alguns países, mas ainda é cercado de polêmicas. Trazemos o caso recente envolvendo o cientista inglês David Goodall que, aos 104 anos, deixou o país onde morava, a Austrália, e foi concretizar a vontade de ter um suicídio assistido na Suíça, em maio de 2018⁹. Como justificativa, ele alegou a degradação na qualidade de vida em função do agravamento da sua saúde, que comprometia a visão e a mobilidade. Em manifestação pública, o cientista disse “esperar que a sua situação estimule a legalização do suicídio assistido em outros países” (FSP, 2018).

No Brasil, a eutanásia e o suicídio assistido são proibidos. Ao recontar a história de um casal de idosos, em que o homem consegue matar a esposa, para aliviar a sua dor, ao mesmo tempo em que fracassa na sua tentativa de suicídio, Brandalise (2017) contextualiza o debate no território nacional:

A discussão sobre a liberdade para escolher a própria morte ainda é incipiente. Há avanços, como a Lei estadual 10.241, de 1999, que permite às pessoas, dentro do estado de São Paulo, “recusar tratamentos dolorosos ou extraordinários para tentar prolongar a vida”. Outro avanço ocorreu em 2006, quando o CFM aprovou resolução (1.805/2006) que prevê que “na fase terminal de enfermidades graves e incuráveis é permitido aos médicos limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente, garantindo-lhe os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento, na perspectiva de uma assistência integral, respeitada a vontade do paciente ou de seu representante legal (BRANDALISE, 2017, p. 113).

O traçado histórico e as demais considerações atuais que trouxemos à pesquisa serviram para demonstrar como o suicídio esteve e está em evidência. Mas também porque acreditamos ser relevante dimensionar a sua complexidade e demonstrar os diferentes entendimentos. Assim como os suicídios também podem ser influenciados pelas crenças de cada um.

⁹Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/05/cientista-david-goodall-104-morre-apos-fazer-suicidio-assistido-na-suica.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2018.

1.2 TODOS SOMOS RESPONSÁVEIS

Apesar de ser um ato individual, o suicídio tem reflexos sociais imensuráveis. Impacta na vida de familiares, amigos, colegas de trabalho ou fãs, nos casos de personalidades. Nesse aspecto, alguns autores se destacam na tentativa da construção de uma ponte entre a sociedade e o indivíduo, no debate sobre a morte voluntária. Para entender o suicídio e sua relevância social, a obra de Durkheim, lançada em 1897, é a base. A partir dela, passam a ser realizados estudos sistemáticos sobre o tema. Um dos pioneiros da sociologia, o autor se propôs a explicar o fenômeno pelas causas sociais, trazendo, à época, uma abordagem diferenciada até aquele momento. Ele analisa o suicídio como um “fato social” (DURKHEIM, 2011). Na visão de Durkheim, o suicídio também pode ser conceituado como uma expressão individual de um fenômeno social. Importante contextualizar que, naquele momento, o mundo, especialmente os países da Europa e os Estados Unidos, enfrentava uma depressão econômica, o que influenciava na vida das pessoas. Estudos atuais indicam que o desemprego, comum em períodos de recessão, é, por exemplo, considerado um fator de risco para o suicídio. “A taxa referente a mortes deste tipo aumenta em períodos de recessão econômica, principalmente nos três primeiros meses da mudança de situação financeira ou de desemprego” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2017).

Durkheim tem como definição de suicídio todo o caso de morte praticado pela própria vítima em que a mesma tinha conhecimento do resultado. A contribuição do autor é importante porque divide a responsabilidade pela interrupção da vida entre o indivíduo e a sociedade. Para tal, ele ameniza a relevância daquelas ocorrências que teriam como base os “fatores extrassociais”, como as que envolvessem as doenças mentais, como o caso da loucura. Para diminuir a importância desse ponto, ele faz a seguinte comparação: “os países em que há menos loucos são aqueles em que há mais suicídios” (DURKHEIM, 2011, p. 56). Logo, loucura e a morte voluntária não teriam uma relação direta.

Ao aprofundar a pesquisa, o autor estabelece três categorias de maior destaque para classificar os casos de suicídio. São elas: egoístas, altruístas e anômicos. O suicídio egoísta seria cometido por aquele que não vê razões para viver, a não ser que esteja ligado a algo que o ultrapasse, que pode ser interpretado por

viver em uma sociedade que tenha mais valor do que ele sozinho. Em outras palavras, seria o indivíduo que não se integra à sociedade. “O egoísmo não é apenas um fator auxiliar dele; é a sua causa geradora. Se, nesse caso, o vínculo que liga o homem à vida se solta, é porque o próprio vínculo que o liga à sociedade se afrouxou” (DURKHEIM, 2011, p. 266). Entre as argumentações, cita o suicídio de crianças, que é excepcional, e nos casos em que a relação do indivíduo com a sociedade não existe.

O tipo altruísta é aquele quando a pessoa está fortemente vinculada à sociedade e que a sua morte, muitas vezes, é vista como algo louvável. Seria praticamente o contrário do caso egoísta. Enquadram-se, a fim de exemplificação, alguns casos na sociedade ocidental, como o *haraquiri*, já citado, no Japão, assim como um empresário falido que não quer a desonra, por venerar demais a sociedade que integra.

Na terceira categoria, temos o tipo anômico, que depende da maneira como o indivíduo é regulado pela sociedade. Ou seja, seria quando ele tem o seu lugar desestabilizado nessa comunidade. É preciso levar em consideração quando essa sociedade sofre mudanças ou transformações, por exemplo, a partir de crises ou catástrofes, e acaba não conseguindo exercer essa força de ação em relação ao indivíduo. Durkheim (2011) argumenta que o ser humano não está totalmente livre. Ao contrário, está ligado aos outros que precisam de regulação. Esse controle é exercido pela sociedade em questão. “O que o homem tem de característico é que o freio ao qual está submetido não é físico, mas moral, ou seja, social” (DURKHEIM, 2011, p. 320).

Com menos destaque, há ainda a categoria híbrida ou mista, quando ocorre uma aproximação dos tipos egoísta e anômico que, juntos, reforçam as suas características principais. Aparece ainda, na obra de Durkheim (2011), mesmo com atenção bem inferior, o suicídio fatalista, que seria quando uma sociedade muito rigorosa começa a afrouxar as exigências, afetando a relação até então existente com o indivíduo.

As categorias e os conceitos apresentados por Durkheim são elementos que valorizam a importância de o suicídio ser visto pelo viés social e não, meramente, como uma decisão individual. Seu estudo teve como parâmetro a análise do fenômeno no final do século XIX na Europa. Apesar disso, permite a comparação com países de

outros continentes. A pesquisa do sociólogo francês, até por ser pioneira, recebeu muitas críticas ao longo das décadas, como questionamentos a respeito da base científica dos dados utilizada pelo autor e a ausência de metodologia.

Stengel (1980) faz um apanhado dessas críticas. O autor cita a recomendação de Gibbs e Martin para a necessidade de atualizar a produção de Durkheim. A justificativa é que a teoria formulada pelo pensador francês não pode ser verificada. Traz ainda o estudo de Henry e Short, que combinou as teorias sociológicas com as psicopatológicas, para apontar brechas no estudo do francês; e a do sociólogo Jack Douglas, que seria o ataque mais radical, por rejeitar a fidelidade da base de dados usada por Durkheim na sua pesquisa. Em pesquisa mais recente, Meleiro e Wang (1995) apontam que faltou ao autor levar em consideração, na análise das justificativas para os suicídios, a “intencionalidade de se matar, perda de vontade de viver e motivação para estar morto, não necessariamente correlacionadas entre si” (MELEIRO; WANG; 1995, p. 378).

As críticas não podem anular totalmente as contribuições apresentadas na pesquisa de Durkheim. O estudo propôs “uma mudança drástica na abordagem do fenômeno: não mais vê-lo como a expressão individual de uma doença ou de uma loucura, e sim como a expressão individual de um fenômeno coletivo”, avalia Dapieve (2006, p. 16). Nessa mesma linha, Alvarez acredita que o autor contribuiu ao tratar o suicídio não como crime:

O efeito mais amplo da obra-prima de Durkheim foi frisar que o suicídio não era um crime moral irredimível mas um fato social, como a taxa de natalidade ou o índice de produtividade, e que tinha causas sociais que eram subordinadas a leis discerníveis e podiam ser discutidas e analisadas racionalmente. Na mais pessimista das hipóteses, era uma doença social, como o desemprego, que podia ser curada por meios social (ALVAREZ, 1999, p. 102-103).

Além disso, mesmo depois de mais de um século da publicação, muitas observações e considerações trazidas ao debate por Durkheim seguem presentes e pertinentes em diversas pesquisas sobre o suicídio, como a influência da sociedade sobre o indivíduo que comete suicídio e a importância das redes de proteção para a prevenção.

Ainda no aspecto da influência social, Stengel (1980, p. 17) destaca que “embora o ato de suicídio pareça ter como objetivo apenas a destruição do próprio indivíduo, é também um ato de agressão contra outros”. Ele avança na reflexão e sentencia que as mudanças no “estado da sociedade, como guerras, convulsões políticas e crises econômicas” (STENGEL, 1980, p. 48), impactam nas taxas de suicídio, assim como previsto por Durkheim. O autor reforça que “é frequente as razões apresentadas pelas vítimas serem bastante compreensíveis, mas é muito raro serem de natureza que tornem o suicídio a única ação possível” (STENGEL, 1980, p. 47). Pelas considerações de Stengel, podemos concluir que, se a sociedade fosse mais acolhedora, menos discriminatória e não gerasse tanta pressão sobre o indivíduo, muitos casos de morte voluntária seriam evitados.

Meio século antes de *O suicídio*, de Durkheim, na Alemanha, Karl Marx publicava um trabalho em que relacionava o suicídio e a questão social. O texto foi construído a partir de levantamentos produzidos por Jacques Peuchet, na época em que era diretor dos arquivos da polícia, em Paris. Peuchet reuniu e elaborou um panorama das ocorrências de suicídio, com números e tipos de meios usados no ato. No breve escrito, chamado atualmente de *Sobre o suicídio*, Marx faz ponderações relevantes diante do conteúdo disponível. Uma delas é que, pelo número de casos, o suicídio faz parte da vida cotidiana. Ao mesmo tempo, “está na natureza da nossa sociedade gerar muitos suicídios, ao passo que os tártaros não se suicidam” (MARX, 2006, p. 25). Para embasar as suas afirmações, o autor investe no histórico das vítimas, narra as suas vidas privadas e encontra elementos que expliquem a morte voluntária. Marx lança críticas à condenação do ato que, para ele, nada mais era que uma tentativa de contê-lo por meio de penalidades. Porém, as punições acabavam por recair, na prática, sobre aqueles que ficavam, como os familiares.

Precisamos levar em consideração que Marx apropria-se da discussão para reforçar o seu pensamento, que condena a sociedade burguesa da época e é contra o capital privado, mesmo que não esteja totalmente explícito na obra. Porém, essa percepção fica visível quando o autor fala sobre a miséria e o desemprego como justificativas para uma pessoa ter tirado sua própria vida. Ao concluir, Marx considera o suicídio o sintoma de uma sociedade que necessita de uma mudança social total.

Na tentativa de ampliar o debate da visão social, incluímos as reflexões do pensador francês Gilles Lipovetsky sobre a contemporaneidade. Em *A sociedade da*

decepção (2007), descreve a comunidade com palavras como *amargura*, *ressentimento* e *frustração*, como destacamos no trecho a seguir:

Os dois fenômenos (sensação de fracasso e sistemas da felicidade) atuam conjuntamente e amplificam um ao outro. A exigência de se realizar e de ser feliz se intensifica pelas mesmas razões que causam as dificuldades objetivas para subir de nível. Sob o efeito dessa confluência de fatores, a decepção torna-se uma experiência particularmente forte (LIPOVETSKY, 2007, p. 15).

A definição serve de argumento para reforçar o conceito de que a sociedade atual não é receptiva e integradora, mas tem um forte sentimento de exclusão. Pelo seu olhar atual, acreditamos que a percepção de Lipovetsky contribui nas análises sobre o fenômeno do suicídio, apesar de ele não abordar a morte voluntária propriamente dita. Porém, como pensador, traz reflexões importantes sobre o atual contexto social.

Após o debate sobre a influência da sociedade, passamos para o próximo ponto, que é a tentativa de compreensão do fenômeno pelo viés clínico, pelo olhar psicanalítico e pelas frentes de prevenção.

1.3 PANORAMA MUNDIAL E VIÉS CLÍNICO

O suicídio tem preocupado as autoridades em saúde pelos números elevados de mortes e tentativas. A estimativa da OMS, em 2012, era de 800 mil mortes anuais por suicídio, podendo representar um óbito a cada 45 segundos. “O suicídio mata mais do que as guerras e do que a violência urbana; é considerado um problema de saúde pública. Cada suicídio tem um efeito devastador na vida de, pelo menos, outras 6 pessoas” (HÜBNER, 2007).

Consideramos importante entender como o suicídio é contabilizado, uma vez que as estatísticas podem gerar entendimentos equivocados ou tortuosos, como alerta Botega (2015). “É preciso cautela na interpretação de coeficientes de mortalidade em países ou localidades com pequeno número de habitantes. Algumas mortes a mais ou a menos implicam uma variação muito grande nos coeficientes” (BOTEGA, 2015, p. 58).

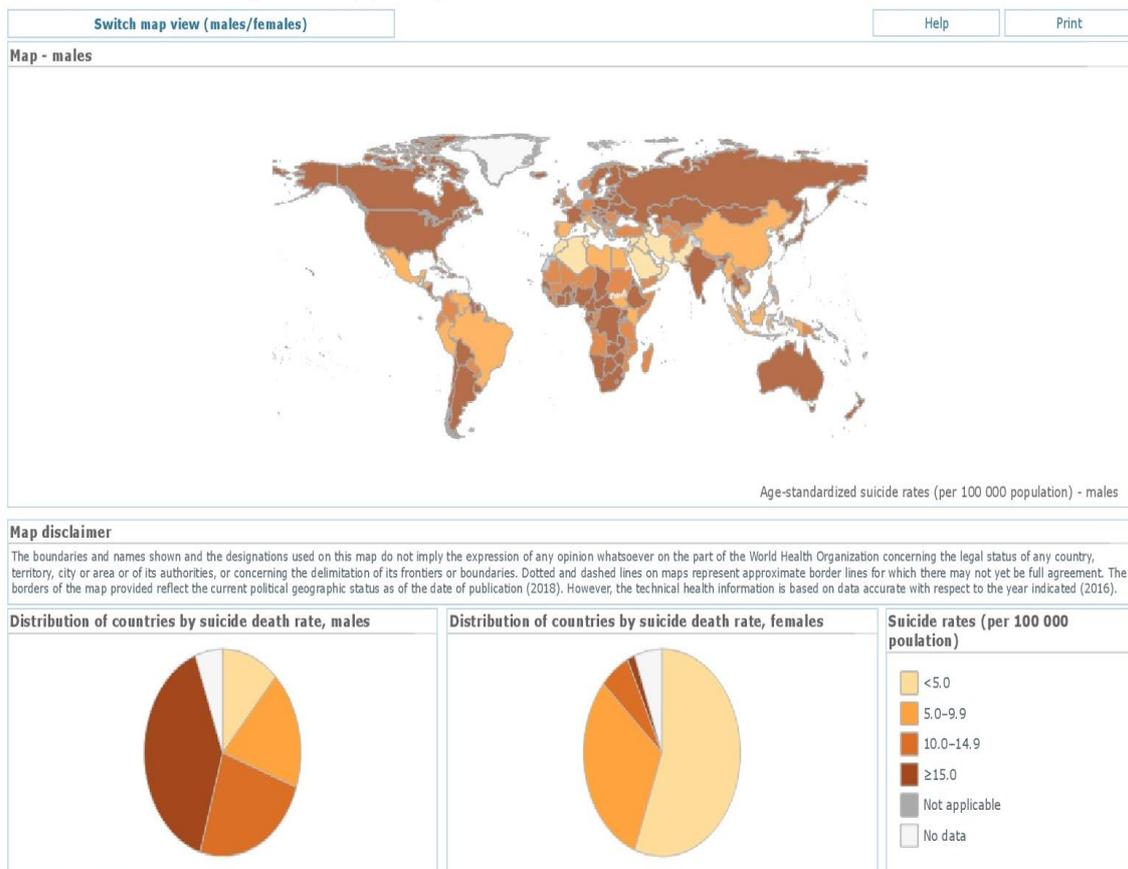
A base de referência para obter-se a taxa de morte voluntária é feita numa proporção para cada 100 mil habitantes. A taxa global é de 11,4, sendo mais frequente entre os homens, 15, enquanto o número de mulheres é de 8. Ao mesmo tempo, as mulheres são as que mais tentam se matar, segundo a OMS (2017).

A partir dessa base, é possível identificar a existência de diferenças consideráveis entre os índices dos países, tendo em vista a população de cada um. Em 2012, a Guiana aparece com maior coeficiente de mortalidade por suicídio, com taxa de 44,2. No mesmo ano, a estimativa em números absolutos era de 377 suicídios. Ao longo das últimas seis décadas houve mudanças significativas entre os países (BOTEGA, 2015, p. 41-42). Os dados indicam uma migração das taxas elevadas da Europa Ocidental para a Oriental e para a Ásia. Atualmente, a Índia e a China lideram o *ranking* com a maior quantidade de casos. Na última década, a Coreia do Sul viu a sua taxa dobrar, apesar de os recentes estudos não detalharem as justificativas para tais índices. Essas são apenas algumas considerações sobre as mudanças no panorama internacional.

Para ilustrar, reproduzimos o mapa com as taxas do ano de 2016 no mundo.

Imagem 2: Mapa mundial dos casos de suicídio

Age-standardized suicide rates (per 100 000 population), 2016



Fonte: Organização Mundial da Saúde (OMS)¹⁰.

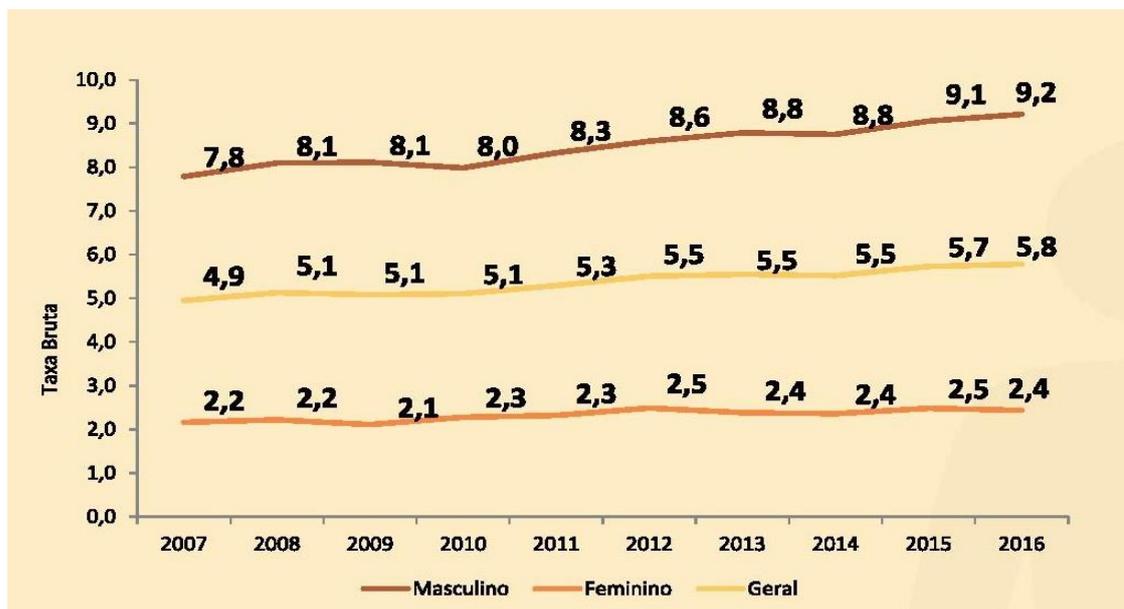
Os dados mostram ainda distribuições diferenciadas em relação à faixa etária. Nos últimos anos, a concentração maior de ocorrências passou do grupo dos idosos para o de jovens. O suicídio é considerado a segunda principal causa de morte de jovens entre 15 e 29 anos no mundo (OMS, 2017).

O Brasil apresenta um índice de mortalidade por suicídio inferior à média mundial. Atingiu 5,8 no ano de 2012, estimado pela OMS, enquanto que a taxa global dos países foi de 11,4. Porém, em número absoluto de óbitos, o Brasil ficou entre os dez com mais casos. No ano de 2012, foram 11.821 suicídios, representando uma média de 32 por dia, oitava posição em números totais no mundo (BOTEGA, 2015).

¹⁰ Fonte: http://gamapserver.who.int/gho/interactive_charts/mental_health/suicide_rates/atlas.html. Acesso em: 10 nov. 2018.

Apenas em 2017, o Ministério da Saúde divulgou o primeiro boletim epidemiológico sobre o suicídio¹¹, com a finalidade de qualificar as notificações, para que fosse possível conhecer o perfil dos pacientes e, assim, melhorar as medidas de prevenção. O boletim é considerado uma referência atual dos dados no Brasil, apesar de antes haver outros mapeamentos menores sobre o fenômeno, também do Ministério da Saúde. O levantamento em questão, de 2017, constatou que, entre 2011 e 2016, foram registrados 1.173.418 casos de violências interpessoais ou autoprovocadas, sendo que destes, 27,4%, ou seja, 48.204, foram identificadas como tentativas de suicídio. Nesse universo, na divisão por gênero, 69% eram de mulheres e 31% de homens, além de quatro casos de sexo ignorado (BE, 2017). Os dados seguem o padrão internacional de divisão de gênero: mulheres tentam mais se suicidar. A evolução dos casos de suicídios registrados, assim como a distribuição por gêneros, está representada na imagem a seguir, elaborada pelo Ministério da Saúde:

Imagem 3 – Evolução dos casos de suicídio no Brasil



Fonte: Ministério da Saúde (MS, 2018)¹²

¹¹ O Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde tem como referência casos de tentativas de suicídio a base de dados da Vigilância de Violência e Acidentes do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (VIVA/SInan), entre 2011 e 2016; e, no caso dos óbitos, os registros do Sistema de Informação sobre Mortalidade, dentro do período de 2011 e 2015.

¹² Fonte: <http://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2018/setembro/20/Coletiva-suic--dio.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2018.

Retornando aos dados do Boletim Epidemiológico, no período de 2011 a 2015, foram registrados, no Brasil, 55.649 óbitos por suicídio. A taxa por cada 100 mil habitantes ficou em 5,7, no ano de 2015, pouco menor que o estipulado pela OMS para o ano de 2012, que foi de 5,8. Assim, é possível concluir que as variações têm sido pequenas entre os anos.

Na distribuição por gênero, o risco de um homem cometer suicídio é aproximadamente quatro vezes maior do que uma mulher. Na comparação com as mulheres, Kutcher e Chehil (2007, p. 8-9) apontam como justificativas o fato do homem ser *menos propenso a procurar ajuda para problemas emocionais e ter menos vontade de aceitar ajuda* nesses casos; *ter comportamento mais impulsivo*; *ser menos inserido socialmente*; e *por escolher meios mais letais*. Segundo o Boletim Epidemiológico (2017), na escala da faixa etária, as maiores taxas estão nos grupos de pessoas com mais de 70 anos, em que atinge 8,9 por 100 mil habitantes (8,9/100 mil hab.). O fenômeno relacionado à população idosa, de acordo com o documento, tem ligação com alguns fatores desencadeadores, que envolvem doenças graves e degenerativas, dependência física, distúrbios e depressão severa. O Boletim Epidemiológico alerta ainda para as altas taxas em comunidades indígenas. Inclusive, essa situação tem gerado estudos específicos.

O documento mostrou ainda o aumento de casos envolvendo jovens entre 15 e 29 anos, seguindo a tendência mundial. Nessa faixa etária, o suicídio é a quarta causa de morte no Brasil, atrás das causas externas, como violência interpessoal e os acidentes de trânsito. Esse mesmo comportamento também foi captado pelo Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil (2017), assinado pelo sociólogo Júlio Waiselfisz. A pesquisa apontou que as taxas de morte por suicídio, no período de 2002 e 2014, entre os 15 e 29 anos, aumentou 10%. Assim como no caso dos idosos, há fatores específicos relacionados aos suicídios de jovens, como as transformações comuns desse período, tanto no corpo, quanto no comportamento. Essas mudanças são apontadas como fatores de risco. Segundo Botega (2015, p. 90), os jovens “enfrentam situações de conflito interpessoal e possuem menor estabilidade emocional”, o que os tornam mais vulneráveis. Kutcher e Chehil (2007) acrescentam ainda que, nessa fase, ocorre o surgimento de doenças mentais graves, como depressão, transtorno bipolar e esquizofrenia, apenas para citar alguns.

As dimensões continentais do Brasil fazem com que existam consideráveis diferenças entre as regiões. As distinções são previsíveis, uma vez que há variações significativas no processo de colonização e nas influências culturais específicas das comunidades. O Rio Grande do Sul (10,3/100 mil hab.), Santa Catarina (8,8/100 mil hab.) e Mato Grosso do Sul (8,5/100 mil hab.) apresentaram, no período analisado, as maiores taxas entre os demais estados (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017).

Além de liderar o *ranking*, o Rio Grande do Sul tem o dobro da média nacional. Há cidades gaúchas, como as que possuem maior população de agricultores, em que os coeficientes atingem 30 por 100 mil habitantes, o que seria três vezes a média do estado e seis vezes a taxa nacional. Existem algumas combinações de fatores que podem justificar esse fenômeno. Botega (2015) aponta as seguintes: a cultura predominantemente alemã; a exposição ao uso de agrotóxicos agrícolas; o endividamento e a cultura patriarcal; e a história de suicídio que perpassa as gerações da família.

Werlang (2013) explorou essa combinação de maneira ampla em sua tese de doutorado. Nela, a pesquisadora aponta os mesmos fatores citados por Botega como justificativas para o suicídio. Acrescentou ainda, entre as suas conclusões, o processo de desconfiguração do meio rural, pelo atual perfil econômico. Esse movimento gerou a descaracterização do campo, assim como das relações de trabalho, que também teriam ficado mais precárias. Logo, o campo tornou-se lugar em que o sofrimento é ampliado e o suicídio encontra espaço. Além disso, assim como Marx, Werlang (2013) denuncia a influência do modelo capitalista. Alerta para a urgência de que o assunto seja entendido no contexto social. "O espaço rural é deletério e faz-se necessário cuidado, uma vez que muitas mortes por suicídio estão enraizadas neste território, causadas pelo avanço do desenvolvimento capitalista" (WERLANG, 2013, p. 228).

Dos meios, são os mais utilizados nas ocorrências brasileiras o enforcamento, a intoxicação exógena e as armas de fogo, respectivamente nessa sequência. As autoridades em saúde indicam que identificar os métodos é uma informação relevante para ações de prevenção, como ampliar a restrição da venda de armas de fogo e de medicamentos com alto poder letal.

Para avançar na compreensão do suicídio como um problema de saúde pública, mostra-se fundamental contextualizá-lo pelo viés clínico. Estudos apontam

que 90% dos casos estão associados a patologias mentais, que podem ser diagnosticadas e tratadas, como a depressão, o transtorno bipolar e os abalos psicológicos, além de fatores como o consumo de bebidas alcoólicas e de outras drogas, ou mesmo o envelhecimento, no caso dos idosos. Nessa área, a produção científica é grande, destacando-se os estudos de Cassorla (1998) e Botega (2015).

Com sua experiência na prática da psiquiatria, Cassorla traz, em suas pesquisas, reflexões pertinentes para a compreensão do fenômeno. Segundo o autor, para aqueles que buscam o suicídio, “a morte é vista como a solução - não porque se deseje a morte, mas porque a vida se torna insuportável”, e complementa: “o que ele deseja é fugir do sofrimento” (CASSORLA, 1998, p. 22). Assim, torna-se claro que não é um problema que leva a pessoa a cometer o suicídio. Na verdade, é uma situação complexa, em que ela não encontra outra alternativa, a não ser acabar com a sua vida, como descrito a seguir:

Não existe uma causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que vão se acumulando na biografia do indivíduo, em que entram em jogo desde fatores constitucionais até fatores ambientais, culturais, biológicos, psicológicos, etc. O que se chama ‘causa’ é geralmente, o elo final dessa cadeia (CASSORLA, 1998, p. 20-21).

Nessa mesma linha, Botega (2015) explica que há características pessoais e determinadas circunstâncias que estão mais associadas aos casos. São os chamados *fatores de riscos*. A classe médica indica alguns grupos e comportamentos que podem representar maior potencial suicida. Como o termo mesmo sugere, são indicativos, não devendo ser considerados à risca. Entre os próprios especialistas, há algumas variações sobre quais os fatores que podem indicar a pré-disposição de uma pessoa a cometer suicídio. Além disso, novos estudos têm trazido olhares diferenciados e exigem constante atualização. Para fins de conhecimento, indicamos alguns fatores de risco (CIULLA et al., 2013, p. 237):

Tabela 1: FATORES DE RISCO DE UM SUICÍDIO¹³

Sexo	A relação homens/mulheres para tentativas de suicídio é 1:4 e, para suicídio consumado, é 4:1, respectivamente.
Idade	No homem, o risco aumenta com a idade e na mulher chega a um platô na meia-idade. Apesar de, nos últimos 15 anos, ter aumentado o índice de tentativas entre adolescentes e adultos jovens, ainda é mais prevalente acima dos 45 anos.
Situação conjugal	A prevalência é maior entre divorciados, solteiros e viúvos e sem filhos. Os casados têm menor prevalência.
Situação profissional	As taxas de suicídio são maiores em desempregados. Entre as profissões de maior risco estão dentista, médico e policial. Na classe médica, os especialistas que mais cometem suicídio são os psiquiatras, seguidos pelos anestesistas e oftalmologistas.
Relacionamento interpessoal	As taxas de suicídio são maiores em relações interpessoais e famílias caóticas, instáveis e agressivas, ambiente familiar tumultuado, perdas familiares ou afetivas.
Aspectos biológicos	O metabolismo cerebral da serotonina está associado ao comportamento agressivo e impulsivo, ambos subjacentes ao comportamento suicida.
Aspectos genéticos	Estudos com gêmeos mostraram que os monozigóticos (um óvulo) apresentam maior concordância para o suicídio do que os dizigóticos (dois óvulos). A história familiar de suicídio aumenta o risco do mesmo.
Doença física	Pacientes com dor crônica, doença incapacitante, câncer, pacientes renais em diálise e infecção pelo HIV/AIDS estão associados a maiores índices de suicídio.
Doenças psiquiátricas	Estudos recentes relatam que em, praticamente, todos os casos de suicídio, seria possível fazer um diagnóstico de transtorno mental. A depressão, por exemplo, seria responsável por 50% a 70% dos casos consumados. Abuso de álcool e de outras drogas e estados mistos (mania e depressão) também são apontados como características presentes no suicídio.

Fonte: CIULLA et al. (2013).

¹³ Tabela construída a partir das informações contidas em CIULLA, L.; SERRANO, A. Í.; TRES, G.L.; CATALDO NETO, A. "Suicídio: Avaliação de risco e manejo." In: CATALDO NETO, A.; GAUER, G. J. C.; FURTADO, N. R (Orgs.). **Psiquiatria para estudantes de medicina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

Em relação às doenças psiquiátricas, apesar da possibilidade de tratamento clínico, é preciso destacar que não é possível eliminar totalmente o risco da tentativa de suicídio do indivíduo. “Mesmo com todos os cuidados terapêuticos, alguns pacientes vão cometer suicídio. Esse é o ‘óbito do paciente’ do psiquiatra’ (CIULLA et al., 2013. p. 245). Em outras palavras, é improvável que nenhum paciente venha a cometer suicídio e esse caso tende a ser difícil para o profissional que o acompanha. Tanto que, clinicamente, uma tentativa de suicídio é considerada uma urgência médica, “pelo risco de vida que o ato pode acarretar ao indivíduo” (MELEIRO; WANG, 1995, p. 376). Na abordagem médica, exatamente pela complexidade em que uma tentativa ou um ato propriamente dito estão inseridos, é recomendado que o paciente seja compreendido de maneira individual, levando em consideração circunstâncias particulares, a sua história, as características culturais, econômicas e religiosas, por exemplo, além das condições psicológicas, como apontam Meleiro e Wang (1995, p. 376).

Refletir sobre a distinção entre suicídio e tentativa de suicídio é relevante na compreensão médica. Stengel (1980) foi um dos pioneiros ao estabelecer as diferenças entre os dois casos, a partir de análises de dados clínicos, na década de 1950. O pesquisador compreende o suicídio como o “ato fatal de autodestruição”, ao mesmo tempo, em que a tentativa representa “o mesmo ato não fatal cometido com intenção mais ou menos consciente de destruir a própria vida, embora uma intenção vaga e ambígua” (STENGEL, 1980, p. 18). Apesar da similaridade, na visão do autor, a tentativa não é apenas uma ação sem êxito. Ao contrário, traz consigo outras problemáticas, como aquele ato por impulso simplesmente para chamar a atenção de alguém ou um gesto de ameaça ou chantagem contra o outro.

1.4 UMA PERSPECTIVA PSICANALÍTICA

Na busca da compreensão do suicídio, podemos dar ainda espaço à psicanálise, que teve amplo desenvolvimento ao longo do século XX. Os dilemas da vida e a relação do inconsciente e consciente são algumas reflexões que ganham espaço nesta área. Um dos conceitos que consideramos relevantes trazer a esta

pesquisa é o apresentado por Sigmund Freud, denominado *pulsão da morte*¹⁴. Recuperamos a definição do Dicionário de Termos da Psicanálise que define os termos como “a ideia de algo poderoso e maior que dirige as ações do vivente ao nível da espécie e do indivíduo” (HANNIS, 1996, p. 351). Para compreender o conceito, é preciso entender que Freud (1930) acredita existir o instinto de preservação da vida. Logo, essa é a força contrária. Assim, por suicidas, o autor entende “alguns neuróticos, em quem, a julgar por todas as suas reações, o instinto de preservação foi, realmente, invertido. Eles parecem nada mais ter em vista, senão o próprio dano e a autodestruição” (CUNHA, 1978, p. 204). Ainda na reflexão sobre o termo, Menninger avança, como descrito no trecho a seguir:

De acordo com esse conceito, existem desde o início em todos nós fortes propensões à autodestruição e essas propensões só se concretizam em verdadeiro suicídio nos casos excepcionais em que numerosas circunstâncias e fatores se combinam para torná-lo possível (MENNINGER, 1970, p. 21).

Nessa percepção, é preciso ainda esclarecer que a análise de Freud não é em relação à morte voluntária propriamente dita, mas tem como alvo a “intenção de praticar o suicídio” (MENNINGER, 1970, p. 30). Assim, esse conflito de emoções, que poderia desencadear um suicídio, estaria presente em todos os humanos por ser relacionado a duas tendências “construtivas e destrutivas da personalidade” (MENNINGER, 1970, p. 21). Elas estariam em duelo dentro de cada um de nós e seria impossível livrarmo-nos dessas pressões internas, mesmo conquistando um nível de compreensão maior sobre nós mesmos:

Uma espécie de equilíbrio, com frequência muito instável, é conseguida e mantida até ser perturbada por novos acontecimentos no ambiente, que causam uma rearrumação com resultado talvez muito diferente.

Com base nisso podemos compreender como é possível que algumas pessoas se matem rapidamente, algumas se matam vagarosamente e algumas não se matem, que algumas contribuam para sua própria morte e outras resistam valente e brilhantemente contra ataques externos à sua vida, diante dos quais seus semelhantes teriam logo sucumbido (MENNINGER, 1970, p. 22).

¹⁴ Há traduções que utilizam o termo ‘instinto da morte’.

Por outro lado, Menninger constrói a sua concepção de suicídio a partir dos fatores psicológicos inconscientes. Acredita que o ato em si está relacionado a três elementos: o de morrer, o de matar e o de ser morto. Com esta base, ele desenvolve a sua lógica de entendimento do tema. Para o autor, há dois tipos de morte voluntária: o crônico e o focal. Ao invés de relacioná-los com a sociedade, como Durkheim, os fatores determinantes estão voltados a como o homem provoca a sua autodestruição. No caso do crônico, o suicídio ocorre aos poucos, como a questão do fumo e da bebida alcoólica, as desobediências ou os comportamentos agressivos. São situações em que a própria pessoa se coloca em risco e que podem culminar na sua morte, mesmo que não de maneira rápida. “O indivíduo adia a morte indefinidamente, à custa de sofrimento e diminuição de função, o que é equivalente a um suicídio parcial - uma ‘morte em vida’ é verdade, mas ainda assim vida” (MENNINGER, 1970, p. 90). O focal, na visão do autor, está relacionado aos casos de automutilação e a certos acidentes inconscientemente propositais. Segundo o autor, nesse grupo, a atividade de autodestruição “se concentra sobre o corpo e geralmente sobre uma parte limitada do corpo” (MENNINGER, 1970, p. 207).

Na argumentação desenvolvida por Menninger, fica evidente que os atos, como de automutilação, têm explicações mais subjetivas e carregam consigo bagagens emocionais que fazem o indivíduo realmente colocar a sua vida em risco, mesmo que não compreenda totalmente a sua atitude. Ele utiliza, como exemplo, um caso de automutilação em que um homem cortava sozinho o seu cabelo, até gerar um efeito repulsivo, mesmo sem necessidade. Na análise, relata Menninger, foi identificado que o indivíduo, de cabelos pretos, tinha problemas de relacionamento com o pai e com o irmão, que era loiro, e representava isso na sua compulsão em cortar o cabelo, o que também se refletia na vida. “Em outras palavras, ele repetia vezes e vezes a fórmula de atacar seu irmão, desafiar seu pai e incorrer em punição. Punia diretamente a si próprio ou fazia-se punir pelas agressões que praticava contra várias pessoas em lugar de seu pai e seu irmão” (MENNINGER, 1970, p. 221-222).

Retornando à análise de Freud (1930), apropriamo-nos de outro conceito de sua investigação: a geração do sofrimento. Em *O Mal-estar na civilização*, o psicanalista aprofunda a análise sobre as origens do sofrimento no homem, indicando três fontes principais: a fragilidade do nosso próprio corpo; o mundo externo; e os nossos relacionamentos. Ao se aprofundar na questão, Freud (1930) analisa as ações

que adotamos para evitar tais dores, sendo um dos caminhos a moderação da felicidade, entendida como o que provém da satisfação. Como alternativas estão o isolamento voluntário, a intoxicação, a sublimação dos instintos, renegar a realidade e a religião.

A que está associada aos relacionamentos é a que resulta no sofrimento mais penoso. Isso porque os outros dois casos (a fragilidade do nosso corpo e o mundo externo) não podem ser controlados, porém, esse, especificamente, poderia:

Quanto à terceira fonte, a fonte social de sofrimento, nossa atitude é diferente. Não a admitimos de modo algum; não podemos perceber por que os regulamentos estabelecidos por nós mesmos não representam, ao contrário, proteção e benefício para cada um de nós (FREUD, 1930, p. 43).

O psicanalista aponta que existem benefícios e desvantagens na vida em civilização. Do lado negativo, o homem precisa renunciar aos seus instintos, para, em troca, encontrar uma certa comodidade de viver sob uma ordem coletiva, o que, segundo Freud (1930, p. 51), conserva as suas *forças psíquicas*. Apesar disso, as desvantagens têm sido mais sentidas pelos indivíduos, que estão cada vez mais frustrados e perdendo o prazer de viver nessa civilização, apesar de todos os avanços tecnológicos e inovações para ampliar o tempo de vida. Assim, o autor reflete: “de que nos vale uma vida longa se ela se revela difícil e estéril em alegrias, e tão cheia de desgraças que só a morte é por nós recebida como uma libertação?” (FREUD, 1930, p. 40).

A reflexão de Freud, pelo viés da psicanálise, sobre o fato de a sociedade gerar sofrimento ao indivíduo, ao nosso ver, se relaciona com o pensamento trazido por Durkheim, pela base sociológica, da influência social nos casos de suicídios. Assim, a sociedade desempenha papel relevante quando se trata desse fenômeno, e, automaticamente, nas buscas de ações de prevenção.

1.5 CAMINHOS DA PREVENÇÃO

Internacionalmente, existem várias frentes de estudos sobre o comportamento e a possibilidade de prevenção ao suicídio. Uma das mais amplas é o trabalho

desenvolvido pela própria OMS, chamado Suicide Prevention Program (SUPRE), iniciado em 1999. O programa promove diversas iniciativas, como melhorar a divulgação de informações e o mapeamento de tais dados, assim como a produção de cartilhas especializadas para vários segmentos, como a imprensa, o que será aprofundado mais à frente; para profissionais da área da saúde; da segurança pública; e da educação.

A criação do Centro de Prevenção ao Suicídio, em 1958, nos Estados Unidos, sob coordenação de Schneidman, Litman e Farberow (FONTANELLE, 2008), é outro movimento relevante. Entre os êxitos das pesquisas do grupo, estão a elaboração de uma medição da letalidade de um paciente suicida e o desenvolvimento da autópsia psicológica, que é uma investigação pós-morte. A autópsia psicológica, inclusive, representou um avanço importante na área por ser uma técnica que prevê a tentativa de “reconstruir retrospectivamente aspectos clínico, psicológico e social do indivíduo que cometeu suicídio” (MELEIRO; WANG, 1995, p. 377). A investigação recupera elementos que permitem traçar possíveis ações de intervenção ou de alerta no desenvolvimento de ações de prevenção.

Pelas questões destacadas, fica evidente que não será um movimento individual que conseguirá dar conta de todos os sofrimentos e eliminar, mesmo que de maneira utópica, o risco de uma pessoa cometer suicídio. Ao mesmo tempo, há indicativos que devem ser considerados. Durkheim (2011) aponta, em seu estudo, a relevância de redes de proteção, como é o caso de laços fortes de família e a religião, como exemplos, para evitar suicídios. Tanto que, ao explicar a morte voluntária no seu estudo, destaca a falência ou a redução de representatividade e de força, dessas duas instituições (família e religião).

Para pensar a prevenção, precisamos compreender o processo de comunicação que envolve o suicídio. Angerami-Camon (1997, p. 21) compartilha a responsabilidade pelo suicídio, ao afirmar que, “com a sua morte o suicida não nos diz somente que já não suportava mais. Também fala de nós. Demonstra, por um lado, que não podia continuar nos tolerando” (ANGERAMI-CAMON, 1997, p. 21). Assim, defende uma ação terapêutica comunitária para fazer o enfrentamento a esse problema social, reduzindo os estigmas e os preconceitos.

No enfrentamento, existem serviços voluntários de apoio que se destacam no Brasil, como é o caso do Centro de Valorização à Vida (CVV). Sem ligações políticas ou religiosas, a entidade foi fundada em 1º de março de 1962, e desenvolve um trabalho de suporte relevante, apesar das limitações. O atendimento, que tem a maior parte de sua ação desenvolvida via telefone, pode ser feito por *chat*, *Skype*; *e-mail* ou pessoalmente. É um serviço sigiloso. A rede é formada por cerca de 2,2 mil voluntários treinados para ouvir e compreender quem os procura. “A partir do momento em que um ser humano colocou-se em disponibilidade para ouvir com compaixão o desabafo das angústias de outro ser, pode-se dizer que começou o trabalho de prevenção do suicídio” (CVV, s/d, p. 8). Uma das frentes em que o CVV atua é no sentido de “deixar de ter medo de falar sobre o assunto”, como indicado na cartilha *Falando abertamente sobre suicídio* (2017). O conversar seria como conceder uma “permissão” para quem está em sofrimento poder “falar sobre esses pensamentos e sentimentos (suicidas). Muitas pessoas que possuem ideação suicida sentem-se oneradas, envergonhadas ou pecadoras por terem estes pensamentos que as aterrorizam” (KUTCHER; CHEHIL, 2007, p. 4).

O CVV compreende o suicídio como o “último gesto de comunicação de um indivíduo; gesto desesperado e violento, mas que no fundo, comunica alguma coisa para alguém ou para a sociedade” (CVV, s/d, p. 16). Entre os argumentos para tal definição, está o de que, no momento em que um determinado problema passou a ser discutido, as ações de prevenção foram positivas. Entre os esclarecimentos, destaque de que 90% dos suicídios podem ser prevenidos, desde que, segundo a OMS, “existam condições mínimas para oferta de ajuda voluntária ou profissional” (CVV, 2017).

Outro movimento de enfrentamento é o Plano de Ação de Saúde Mental 2013-2020, que prevê o comprometimento por parte dos países membros de trabalharem para a redução das taxas de suicídios em até 10% ao final da década atual. A atuação na atenção à saúde mental está vinculada à Rede de Atenção Psicossocial (RAPS), dentro do Sistema Único de Saúde (SUS) que, ao invés de favorecer a internação, fornece suporte “por meio do acolhimento e acompanhamento contínuo, considerando os diferentes níveis de complexidade de cada caso, bem como os grupos em situação de maior vulnerabilidade” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2017, p. 13).

Existe ainda outra ação liderada pelo poder público no Brasil que é o Plano Nacional de Prevenção dos Suicídios, similar ao desenvolvido em outros países. No papel, ele passou a vigorar por meio da portaria nº 1.876, de 14 de agosto de 2006¹⁵. Na questão do atendimento, voltam-se às atenções para aqueles que tentaram tirar a vida. “A assistência prestada a pessoas que tentaram o suicídio é uma estratégia fundamental na prevenção do suicídio, pois essas constituem um grupo de maior risco” (BOTEGA; GARCIA, 2004).

Buscamos apresentar, até aqui, algumas articulações para estabelecer um entendimento em relação ao assunto. Foi nosso objetivo definir o suicídio, não só como um ato egoísta e deslocado da sociedade, discurso que predomina no contexto popular. Ao contrário, foi mostrá-lo pelas suas diversas nuances e reflexões, como a influência das doenças mentais ou das exigências impostas pela sociedade; do julgamento religioso ou jurídico; e mesmo da complexidade interna presente em cada um. Na nossa avaliação, essa etapa foi fundamental para, mais à frente, podermos confrontar a temática com um olhar mais apurado e amplo.

Agora, avançamos para a compreensão do papel do jornalismo ao abordar o suicídio, além de como ele pode auxiliar na desmitificação do assunto e ser, ainda, uma importante frente de prevenção.

¹⁵ Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2006/prt1876_14_08_2006.html. Acesso em: 12 jun. 2018.

2 JORNALISMO, RESPONSABILIDADE SOCIAL E ÉTICA

Antes de ingressarmos no debate sobre a relação da imprensa e o suicídio, parece-nos adequado definir a base da nossa visão de jornalismo. Não nos cabe, por não ser esse o objetivo da pesquisa, fazer uma recuperação histórica dos diversos debates existentes acerca do conceito do jornalismo e seu papel na sociedade. Porém, para fins de contextualização, apresentamos algumas definições clássicas que contribuem com a nossa proposta.

Segundo Amaral (1982, p. 16), o jornalismo executa um “processo de transmissão de informações através de veículos de difusão coletiva”, sendo que a relevância da função está vinculada a uma necessidade da própria sociedade. “O jornalismo - acentua - vive do cotidiano, do presente, do efêmero, procurando nele penetrar e dele extrair o que há de básico, fundamental e perene, mesmo que essa perenidade valha, apenas, por alguns dias ou por algumas horas” (AMARAL, 1982, p. 16). O jornalismo também pode ser compreendido como

um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/emissoras) e coletividades (públicos/receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/rádio/televisão/cinema) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos) (MELO, 1985, p. 14-15).

Para tal, o jornalismo tem sua função determinada pela atualidade. Logo, são os fatos que estão acontecendo que permite que ele seja o “fio da ligação entre emissor e receptor” (MELO, 1985, p. 15). O pensamento vai ao encontro da definição sintetizada por Chaparro, em que

o jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Eis aí o vínculo com o princípio ético universal que deve orientar a moral das ações jornalísticas e em função do qual o jornalista assume a responsabilidade consciente pelos seus *fazer*es profissionais (CHAPARRO, 1994, p. 23).

Nesse contexto, o jornalismo mostra-se inserido num processo mutável e em constante transformação e adaptação, como definido por Dines (1986), a seguir:

O jornalismo acompanha, assim, as demais ciências humanas, que, ao contrário das outras, talvez, até mais exatas, são estáticas. O ser humano, imprevisível e impreciso como é, transmite às ciências que o estudam um tom mercurial, palpitante, inacabado e fecundo (DINES, 1986, p. 25).

Nessa lógica, cabe ao jornalismo “levar a comunidade, direta ou indiretamente, a participar da vida social” (BAHIA, 1990, p. 9). Para exercer tal serviço à sociedade, o autor lista os seguintes deveres do jornalismo: *independência, veracidade, objetividade, honestidade, imparcialidade, exatidão e credibilidade* (BAHIA, 1990, p. 11-19).

Numa abordagem mais recente, recuperamos as contribuições de Christofolletti (2008) e Grando (2010), que veem o jornalismo como um agente atuante na formação do imaginário coletivo, ao estabelecer prioridades que auxiliam no processo de promoção, ou não, de determinados tabus. Sendo assim, no momento em que opta pelo silêncio em relação ao suicídio, acaba por não executar a sua função principal de mediador de discussões. Reforçando o debate, Trigueiro (2015, p. 45) ressalta que “o silêncio entorno do assunto alimenta a passividade quando o momento deveria ser de ação”.

Diante das diferentes perspectivas apresentadas, assumimos a compreensão do jornalismo enquanto produção diária. Além disso, recordamos que a atividade sofreu consideráveis mudanças nas últimas décadas, principalmente com o surgimento das tecnologias de informações, que ainda estão em transformação. Assim como já ocorreu em outros momentos da história, as alterações impactam na produção e na maneira de apresentação do conteúdo. Mudanças também se deram no acesso a informações e na aceleração no ritmo de produção de conteúdo. Se, por um lado, as redações estão mais enxutas, por outro, há mais exigências e menos tempo para produzir cada conteúdo. O desafio do profissional é conseguir manter a qualidade da notícia, não só no texto, mas na apuração, na seleção e no tratamento do assunto. As mudanças citadas impactaram no produto final, a notícia, que chega ao leitor.

Retrocedendo na nossa linha de pensamento, fazemos uma breve recuperação histórica, com a finalidade de contextualizar algumas transformações na produção e na atuação jornalística, ao longo do século XX, no Brasil. Uma delas foi trazida pela

escola norte-americana que implementou um jornalismo produzido no contexto industrial, carregando conceitos como a *objetividade* e a inserção de elementos, tanto no texto jornalístico, como o *lead*¹⁶, quanto na construção do jornal, como a *pauta*¹⁷. Outra mudança, no final do século XIX, e que avançou no XX, foi a transformação do veículo de comunicação em empresa, em que seu produto busca atender e atrair um cliente.

Esses pontos não foram lembrados de maneira aleatória, mas porque estão ligados ao conteúdo final. De um lado, a objetividade, do jornalismo norte-americano, impactou no formato do texto jornalístico e na sua maneira de narração, primando mais pela informação e menos pelo enredo propriamente dito. A adoção da concepção empresarial é relevante porque amplia o olhar sobre o conteúdo produzido para além dos jornalistas, mas também para possíveis influências econômicas ou políticas que cercam uma notícia.

Mas, afinal, de que notícia estamos falando? Parece-nos oportuno dar atenção a esse ponto porque será nela que iremos nos concentrar na respectiva análise. A importância deve-se ainda, como aponta Bahia, porque “a notícia é a base do jornalismo, seu objeto e seu fim” e, pelos meios de comunicação, “adquire conteúdo e forma, expressão e movimento, significado e dinâmica para fixar e perenizar um acontecimento, ou para torná-lo acessível a qualquer pessoa” (BAHIA, 1990, p. 35). Assim, é como se um dependesse obrigatoriamente do outro para existir e cumprir a sua missão. “A notícia é a matéria-prima, o centro de gravidade do jornal, da mídia em geral, a base de tudo quanto é publicado. Em sua busca, concentra-se o esforço da redação”, define Amaral (2008, p. 39).

A notícia pode ser interpretada a partir de diversos pontos de vista e áreas de conhecimento, como a sociologia e a linguística. No nosso entendimento, ela é um produto concretizado dentro do contexto das empresas de comunicação, e, também,

¹⁶ *Lead* corresponde, pelo padrão norte-americano, ao primeiro parágrafo da notícia em que são respondidas as questões: o que, quem, quando, onde, como e por que?.

¹⁷ LAGE (2001b) explica que esses dois elementos surgem no modelo moderno e industrial do jornalismo. O *lead* buscou dar mais destaque e a responder perguntas básicas, reduzindo a presença da linguagem retórica no texto e valorizando os conceitos éticos. Já a pauta foi introduzida para permitir e facilitar o planejamento da edição e também ser um norteador para o repórter abordar determinado assunto.

uma construção possível da realidade. Para embasar essa definição, trazemos algumas reflexões.

Primeiramente, a visão de a notícia ser um produto dentro de uma indústria de massa, por meio das avaliações de Marcondes Filho (1989), Medina (1998) e Lage (2001b). Eles convergem no entendimento de que o objetivo é atingir a massa. Em sua reflexão, Marcondes Filho apresenta a notícia como resultado de uma informação que foi transformada em uma mercadoria e é “um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político” (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13). Sob esse aspecto, Lage (2001b) também aponta como negativo o fato de a notícia ter o poder de promover um controle social. Positivamente, ela aborda o concreto e reduz o pensamento especulativo.

Ao decompor a notícia, Medina (1998) apresenta os fatores que influenciam o produto, sendo eles a *angulação*, a *influência do editor*, o *processo de coleta* de dados, a *formulação da mensagem* e a *linguagem*. Entre as interferências, destacamos o papel do editor nesse processo. Isso porque cabe a ele definir “a formulação da mensagem. Seu lugar de valorização, a morfologia como a matéria aparece na página, os títulos, a diagramação, o emprego da fotografia” (MEDINA, 1988, p. 80). Para Marcondes Filho (1989, p. 39), é preciso levar em consideração que existem diversas intervenções que ocorrem entre “o acontecimento” propriamente dito e “a sua apresentação ao público”, e são essas ações que vão alterar o caráter e os efeitos das notícias.

Medina e Lage posicionam ainda a notícia a partir do confronto com a definição de reportagem. Enquanto a reportagem “é o tratamento do fato jornalístico no tempo de ação e no processo de narrar”, sendo uma “narração noticiosa”, encontramos, na notícia, o texto que “fixa o aqui, o já, o acontecer” (MEDINA, 1988, p. 115). Em Lage (2001b), a distinção está descrita da seguinte forma:

A notícia distingue-se com certo grau de sutileza da reportagem, que trata de assuntos, não necessariamente de fatos novos; nesta, importam mais as relações que reatualizam os fatos, instaurando dado conhecimento do mundo. A reportagem é planejada e obedece a uma linha editorial, um enfoque; a notícia, não (LAGE, 2001b, p. 51).

Se a notícia pode ser entendida como um produto em uma sociedade de consumo, ela também é uma consequência da realidade. Em *A construção da notícia*, Alsina (2009) promove a discussão sobre duas concepções: a da notícia ser um espelho da realidade e a de ser a construção de uma realidade. Sobre o primeiro conceito, Alsina crítica o fato de a produção jornalística ser camuflada; assim, a notícia seria apenas algo pronto e exato. Por outro lado, a segunda definição, de acordo com o autor, está em constante transformação, acompanhando as mudanças dos próprios fenômenos sociais. Nessa reflexão, propõe a notícia como “uma representação social da realidade cotidiana, produzida institucionalmente e que se manifesta na construção de um mundo possível” (ALSINA, 2009, p. 299).

Nessa lógica, o autor defende que a mídia é responsável pela criação de uma realidade, e, nesse contexto, o jornalista “possui um papel social institucionalizado e legitimado na transmissão do saber cotidiano e age como tradutor do saber dos especialistas para o grande público” (ALSINA, 2009, p. 269).

No processo da construção da notícia, Traquina (2005) também considera a intervenção do jornalista, que tem o poder de indicar o que é mais importante ou interessante para a sociedade saber, como uma ação de poder. “Os jornalistas são participantes ativos na definição e na construção das notícias, e, por consequência, na construção da realidade” (TRAQUINA, 2005, p. 26). Nesse ponto, os critérios de noticiabilidade são linhas que tentam definir o interesse do conteúdo para o público. Ainda segundo Amaral (2008, p. 40), chamam a atenção aqueles assuntos que são próximos ou que o indivíduo quer viver, envolvendo ainda pessoas conhecidas e preocupações universais, por exemplo. Nesse contexto, recebem mais destaque ou aumentam o valor, os casos de crimes, suicídios, doenças em geral, acidentes, catástrofes, crimes passionais e conflitos. Ao listar esses critérios, Amaral (2008, p. 42) faz críticas aos novos parâmetros das notícias. “O que a mídia transmite de acordo com suas agendas. Conclui, explicando que a “notícia não é só o que os repórteres apuram, mas o que editores, produtores e donos da mídia decidem publicar e transmitir” (AMARAL, 2008, p. 43).

Após a apresentação dos conceitos de jornalismo e notícia, cabe, na nossa avaliação, fazer o embasamento teórico sobre dois aspectos relevantes à prática jornalística: a responsabilidade social (BELTRÃO, 1992; CHAPARRO, 1994) e a postura ética (BUCCI, 2000; KARAM, 2004; CHRISTOFOLETTI, 2008). Os conteúdos

jornalísticos podem ser analisados sob inúmeros prismas. A escolha desses deve-se à relação que eles têm com o tema central desta pesquisa, que é o suicídio. Como será abordado mais à frente, neste capítulo, noticiar o suicídio envolve questões éticas, com ênfase na preservação do indivíduo e da sua vida particular; ao mesmo tempo, calar-se diante do assunto é ir contra a função de responsabilidade social do jornalismo, em que a divulgação de uma informação colabora para amenizar os estigmas e para auxiliar na promoção de um debate mais amplo e consistente sobre o tema. Além disso, consideramos praticamente impossível refletir sobre responsabilidade social e ética de maneira isolada. Os dois conceitos são pilares da prática jornalística.

2.1 RESPONSABILIDADE SOCIAL

Como já dito, a responsabilidade social é um conceito primordial, especialmente no caso de um tema tão delicado, como o suicídio. Acreditamos no poder de influência dos veículos de comunicação em trazer assuntos à tona, influenciando ações e reações.

Começamos pela definição de Beltrão (1992), pioneiro nos estudos e na teoria do jornalismo no Brasil e que trouxe luz a problemáticas que fazem parte da base do exercício da atividade. A responsabilidade social da profissão está ligada às ações de informar e de conduzir o público, sendo a gênese da comunicação, além de gerar debates sobre temas que promovam o bem comum, como descrito a seguir:

Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum (BELTRÃO, 1992, p. 67).

A partir desse conceito, podemos concluir que o jornalismo busca assegurar o bem-estar social, ao orientar, mas também serve de elo entre os indivíduos da sociedade. “O jornalismo, sem pretender traçar roteiros rígidos e exatos, atua como propulsor da ação individual e coletiva, ao oferecer à massa a sumária e, por vezes, superficial análise dos acontecimentos” (BELTRÃO, 1992, p. 99). Na visão do autor, responsabilidade social e liberdade estão diretamente relacionadas. Para ter a

liberdade necessária para executar a sua função, o jornalismo precisa assumir responsabilidades “para com o indivíduo e a coletividade (jornalismo moral); para com a pátria (jornalismo e nacionalismo) e para com a comunidade internacional (jornalismo e paz mundial)” (BELTRÃO, 1992, p. 167). Na avaliação de Chaparro (1994), a responsabilidade social está relacionada ao interesse público:

Aliás, nunca é demais lembrar que a atividade jornalística deve ser avaliada e avalizada pelas razões do interesse público, parâmetro gerador dos critérios jornalísticos de valoração da informação. E quanto mais vigorosos forem os atributos de relevância social da informação, maior será a dimensão do interesse público atendido (CHAPARRO, 1994, p. 118).

Chaparro reflete ainda sobre a influência do fazer jornalístico em relação ao acontecimento. “A intervenção do relato jornalístico em acontecimentos complexos ou com elevado potencial de complexidade, pode assumir dimensão de sucesso dentro do processo, e, até, desencadear processos derivados” (CHAPARRO, 1994, p. 19). A partir desse ponto, utilizando os conhecimentos e os estudos pragmáticos de Van Dijk, Chaparro traz as questões relacionadas ao propósito ou à intenção. Elementos, na nossa avaliação, essenciais para discutirmos a responsabilidade social. O autor parte do pressuposto de que a ação jornalística é um fazer e esse fazer se dá sobre assuntos complexos e que vão chegar ao público. Claramente, não podemos desconsiderar os objetivos não evidentes dessa ação, como trazido por Chaparro, que resume o debate da seguinte forma: “O propósito pode gerar uma intenção, mas o inverso não ocorre, porque a intenção é o elemento de consciência que controla o fazer. Esgota-se na ação, enquanto o propósito procura os efeitos” (CHAPARRO, 1994, p. 20).

Os riscos de o jornalismo não levar em consideração a sua responsabilidade social, ao invés de auxiliar na busca do bem comum, causará prejuízos a essa sociedade. “Essa força motora da vida social geraria preconceitos e ódios, aguçaria conflitos, levaria indivíduos e comunidades à desintegração, provocaria o caos e a ruína” (BELTRÃO, 1992, p. 157).

Outro ponto importante é quando a notícia, ao invés de atender aos interesses públicos, preocupa-se em atender aos anseios privados. Karam (2004) aponta a preocupação com a conglomeração dos meios de comunicação, que passaram a

constituir verdadeiros monopólios da informação, com a influência política e empresarial dos mesmos, comprometendo a sua finalidade original de atender ao interesse público:

Muitas vezes, é difícil perceber até que ponto o jornalismo de interesse público confunde-se com publicidade chamada de jornalismo. Acontecimentos que efetivamente são fatos de interesse jornalístico podem ser aproveitados em muitas direções, orientando-se por proposições mais úteis socialmente ou mais particularizadas no usufruto final (KARAM, 2004, p. 230).

Seguindo a mesma base, Bucci (2000) critica as negociações entre empresas e governos e avança, ao destacar que o jornalismo deve buscar a verdade dos fatos, ao invés de perseguir o lucro, como sendo um mero negócio empresarial. “Se uma empresa de comunicação não se submete na prática às exigências de busca da verdade e do equilíbrio, o esforço do diálogo vira proselitismo vazio. É inútil” (BUCCI, 2000, p. 31). Para Amaral (2008, p. 21), o “senso elevado de responsabilidade social poderia livrar a imprensa de subordinação aos interesses empresariais”.

Nessa linha de pensamento, as ações, objetivos, propósitos e intenções da atuação jornalística estão diretamente ligadas ao viés ético, que é um dos pilares da profissão e está relacionado ao papel que o jornalismo desempenha na sociedade:

Ora, se a intenção controla conscientemente a ação, quando se trata de comunicação social, em especial quando a ação está na esfera da informação de interesse público, a intenção impõe o caráter moral à ação, e esse caráter moral, por sua vez, deve estar conectado a um princípio ético orientador (CHAPARRO, 1994, p. 21).

O caminho trilhado por Chaparro é importante por auxiliar a dar sustentação à questão ética, que será abordada em seguida. Acreditamos que refletir sobre esse conceito, levando em consideração o tema central dessa pesquisa, é essencial, uma vez que, abordar o suicídio, normalmente, representa ingressar na intimidade das pessoas e seus conflitos particulares.

2.2 POSTURA ÉTICA

O suicídio “diz respeito à esfera privada e só deve ser divulgado quando guardar relação com assuntos de interesse público” (RAMOS; PAIVA, 2007, p. 127). Nesse contexto, a ética torna-se um eixo que defende cautela na divulgação de casos de morte voluntária, o que é apontado como um elemento que sustenta o tabu na imprensa. Consideramos fundamental refletir sobre a relação da ética e do jornalismo, que é formada por fortes tensões favoráveis, negativas e críticas.

Segundo a etimologia, a palavra *ética* vem do grego *éthos*, que faz referência aos costumes (BUCCI, 2000, p. 15). Ao mesmo tempo, há debates entre pensadores sobre as definições e as abrangências, como da necessidade dessas definições tornarem-se obrigatoriamente leis ou códigos de conduta. No caso do jornalismo, há frentes de embates que alertam para o quanto o regramento pode restringir ou coibir a ação jornalística, enquanto outras consideram essencial a existência de normas para evitar atuações incorretas dos profissionais. Nessa linha, sobre os conflitos éticos acerca da atuação profissão, as colaborações de Bucci (2000), de Karam (2004) e de Christofolletti (2008) agregam elementos pertinentes à análise proposta por esta pesquisa.

A complexidade da ética no campo jornalístico pode ser demonstrada pelas situações em que não há certo ou errado, como alerta Bucci (2000). “No exercício da profissão, diariamente os profissionais de imprensa enfrentam dilemas cuja solução nem sempre é simples. Os impasses cotidianos se apresentam como bifurcações entre dois valores que, de início, parecem ser igualmente válidos” (BUCCI, 2000, p. 19). O autor exemplifica como sendo “entre o valor da verdade e a responsabilidade sobre as consequências do que será publicado” (BUCCI, 2000, p. 19).

Para Christofolletti (2008), a ética no jornalismo trata exatamente dos questionamentos relacionados às condutas profissionais e aos limites morais em geral. “Porque ostentam um magnífico poder, os meios de comunicação têm uma responsabilidade igualmente gigantesca. É a contrapartida” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 10). Ao mesmo tempo, o autor aponta que, dentro da atuação jornalística, há diferentes exigências éticas, como no caso dos conteúdos voltados ao entretenimento e ao jornalismo informativo. Kunczik (2001) já alertava que a existência de uma ética

é fundamental para coibir distorções das notícias e evitar a manipulação dos leitores, mas reconheceu a dificuldade de sua aplicabilidade na prática jornalística. Ao mesmo tempo, na avaliação de Lage (2001a, p. 91), essa “obediência a compromissos éticos têm resultado, com frequência, em redações empasteladas e profissionais assassinados”. Como alternativa, o autor recomenda que a ética não seja enxergada como mandamentos.

No livro *A ética jornalística e o interesse público*, Karam (2004) abre a discussão utilizando como exemplo a abordagem de dois casos de suicídio, de Shusuke Nomura, em Tóquio, e de Lisângela Cândido, em Porto Alegre, e reflete sobre os dilemas que envolvem a atuação jornalística diante desses casos:

Mas os gestos de Nomura e Lisângela, extremos em qualquer caso, continuam a povoar as páginas de jornais, e, dessa maneira, o jornalista vive o seu conflito moral: publicar ou não, em qual página, com quantas linhas e com qual abordagem. Vive alguns dilemas como ouvir fontes, procurar familiares, buscar fotos. O profissional, em tais exemplos, convive em breves instantes com quem jamais viu, para tentar recolher indícios de uma vida, razões pouco explícitas que levaram a tal gesto, ouvir autoridades que interpretam os atos e dão versões sobre o ocorrido (KARAM, 2004, p. 20).

As reflexões e os questionamentos do autor ilustram perfeitamente os conflitos éticos que permeiam as redações no momento em que chega uma notícia relacionada a suicídio. É possível simplesmente determinar um padrão sobre se um caso deve virar notícia ou não? Seguindo nessa discussão, Bucci (2000) e Karam (2004) concordam que o jornalismo é um espaço de geração e de administração de conflitos e de contradições. Para eles, essas questões refletem diretamente no produto dessa profissão e no seu impacto na sociedade.

Das consequências da produção jornalística, Bucci (2000), por exemplo, alerta para a extensão da responsabilidade do que é produzido pelos jornalistas, como a questão de diferenciação entre o público e o privado e o limiar em que o jornalista tem condições de avançar ao expor uma pessoa. Bucci (2000) reflete sobre o poder da notícia, no sentido ético, e o seu papel no contexto social, como apontado a seguir:

Notícia não é apenas uma *novidade*. É uma novidade que altera o arranjo dos fatos, dos poderes ou das ideias em algum nível. A notícia incide, portanto, sobre as relações humanas: ela é socialmente notícia. Ou não é. O jornalista não lida prioritariamente, portanto, com a *divulgação* de relatos. Ao contrário, sua justificativa é descobrir

segredos que não se quer divulgar... aquilo que o cidadão quer, precisa e tem o direito de saber, o que não necessariamente coincide com o que os outros querem contar (BUCCI, 2000, p. 42).

Nessa mesma frente, Christofolletti (2008) acrescenta que a relevância da discussão ética deve-se ao impacto das notícias, que escapam do controle, após a divulgação, e que isso está entrelaçado à atuação jornalística:

Os estilhaços de realidade que nos bombardeiam pelos meios de comunicação beneficiam (ou prejudicam) a todos. Ninguém está imune, e é por essa presença que a ética no campo do jornalismo deve preocupar não só quem produz informação, mas também quem a consome (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11-12).

Um exemplo de como uma notícia pode ser devastadora é o caso da Escola Base¹⁸, em São Paulo, reconhecido como um grave erro jornalístico. Certo ou errado, a escolha do publicar ou não uma determinada notícia recai como discussão ética nesta pesquisa.

Nesse ponto, Lage (2001a) reflete sobre a complexidade dos desafios éticos no fazer jornalístico. “Uma linha de problemas éticos que se apresenta, em geral, a partir de exemplos dramáticos é a que envolve a divulgação de informações sobre um processo em curso, de modo a alterar o próprio processo” (LAGE, 2001a, p. 99), exemplificando as notícias de um sequestro e o fato de não se noticiar casos de suicídios. O autor provoca ao apresentar um ‘jornalismo imaginário’ em que não se noticiaria determinados assuntos por causa da ‘indução’, e detalha que:

Supostos desafios éticos fundamentam-se na tese radical de que a divulgação de um procedimento é capaz de induzir pessoas a reproduzi-lo. Por esse critério, não se divulgariam suicídios, para evitar que as pessoas, por imitação, se suicidassem... tal critério impediria a divulgação de todas as notícias negativas, construindo na imprensa um mundo maravilhoso, de comportamentos corretos e éticos, só que, lamentavelmente, imaginário (LAGE, 2001a, p. 101).

¹⁸ Em março de 1994, duas mães denunciaram abusos sofridos pelos filhos na Escola de Educação Infantil Base, em São Paulo. No dia seguinte, o delegado Edélcio Lemos disse ter provas para indiciar os proprietários e outras três pessoas. Alguns, contudo, acabaram presos temporariamente, mas os crimes nunca foram confirmados. Socialmente, os estragos nas vidas dos envolvidos foi devastador.

Assim como a influência empresarial nos veículos de comunicação comprometem o quesito “responsabilidade social” da atividade jornalística, o mesmo ocorre em relação à ética. Nesse contexto, Kunczik (2001) alerta para o fato de que a ética varia de acordo com os cargos jornalísticos dentro dessa estrutura:

Os editores, chefes de redação etc., ou seja, os responsáveis pelo bem-estar de uma empresa de comunicação, se inclinariam mais para a ética da responsabilidade em seu comportamento jornalístico. A situação é igual para os que coletam informações e têm que cultivar e preservar o contato com as fontes de informações. É mais provável encontrar a ética dos valores básicos entre os jornalistas que não têm nenhuma obrigação para com seus colegas ou informantes, ou ainda entre os que encaram seu papel profissional como algo parecido com o Quarto Poder, como órgão que controla o governo (KUNCZIK, 2001, p. 45).

Gera receios essa influência, uma vez que a ética “é um pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público, num ambiente em que as instituições democráticas sejam sólidas” (BUCCI, 2000, p. 25). Sendo assim, se é preciso cuidado e cautela com os valores éticos em coberturas de economia e política, não seria diferente em assuntos como violência, em que a temática do suicídio esteja inserida. O alerta, segundo Christofolletti (2008), serve para todas aquelas notícias que podem resultar no pré-julgamento. Para o autor, esse é “um dos principais crimes que o jornalismo comete” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 60). Para evitar tal situação, o autor explica que o jornalista precisa conhecer as etapas de um processo judicial, por exemplo, e “explicar ao público o que cada estágio significa corretamente naquela história”, além de incorporar a presunção da inocência e evitar a “exploração exagerada de comoção” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 60).

Consideramos esses dois conceitos relacionados ao jornalismo – responsabilidade social e ética – fundamentais para o debate proposto nessa pesquisa. Principalmente, porque a abordagem da imprensa sobre o suicídio é marcada por tabus e receios, como será apresentado em seguida. Assim, é mais provável que a falta de uma orientação sobre o assunto possa gerar conflitos éticos e colocar em dúvida possíveis escolhas jornalísticas, assim como a sua relevância social.

Partimos, agora, para a próxima etapa, quando pretendemos explorar especificamente a relação do jornalismo e do suicídio, considerando os embasamentos feitos até este momento.

2.3 JORNALISMO, SUICÍDIO E TABU

"Agente penitenciário mata a ex-mulher a tiros e comete suicídio em seguida"; "Suicídio entre adolescentes avança, e casos recentes mobilizam escolas"; "Grupos nas redes sociais incentivam o suicídio"; "Cantor sertanejo é achado morto com tiro na cabeça e polícia fala em suicídio". Esses são alguns títulos de notícias que abordavam a morte voluntária e que nos possibilitam, desde já, trazer algumas considerações. Eles foram escolhidos de maneira aleatória, mas são de publicações de abril de 2018, em veículos de comunicação do Brasil. Juntos ou separados, trazem à tona a percepção de que o suicídio é noticiado de diferentes maneiras. Apenas pelos títulos, verificamos que não existe um padrão, podendo passar do caso isolado de um cantor, para a mobilização em escolas, após suicídio de alunos. As reportagens indicam que o suicídio é noticiado, independentemente da existência do tabu.

Para tal investigação, partimos do pressuposto de que a relação do jornalismo com a temática é baseada na cautela. Trigueiro (2015) reconhece, a partir de sua experiência profissional e do envolvimento com pesquisas na área que, no meio jornalístico, é delicado lidar com o tema. "Na maioria absoluta dos veículos de comunicação, prevalece o entendimento de que as notícias sobre suicídio podem precipitar a ocorrência de novos casos" (TRIGUEIRO, 2015, p. 44). Em sua pesquisa, Dapieve (2006) recupera alguns fatores que influenciam no tabu. Entre as razões desse silêncio, estaria a tentativa de amenizar a dor dos familiares, ou mesmo o possível sentimento de culpa que essas mortes deixam. Por outro lado, Grandó (2010) denomina esse silenciamento como uma "convenção profissional extraoficial, uma espécie de acordo entre cavalheiros" (GRANDÓ, 2010, s.p). Ao mesmo tempo, reconhece a necessidade de quebrar esse tabu.

Sendo assim, acreditamos que não existe um padrão sobre como se dá a cobertura dessa temática, podendo caminhar entre tons sensacionalistas e superficiais, até abordagens responsáveis. Os critérios que determinam se um caso

deve ser noticiado e como isso deve ser feito são ainda subjetivos. Dapieve (2006) argumenta que cabe ao profissional a função de dar essas respostas. Assim, não seria equivocado pensar que as redações e os próprios jornalistas encontram-se no processo de aprendizado sobre como abordar o assunto.

Afinal, do que é feita a cobertura do suicídio pela imprensa? A partir do olhar exploratório das notícias jornalísticas, durante o processo inicial de pesquisa, podemos dividir o conteúdo em dois blocos. O primeiro, pelo olhar de saúde pública. Por exemplo, em setembro de 2017, o Ministério da Saúde divulgou um panorama dos casos registrados no país, em um evento específico para a imprensa. Além disso, desde 2015, a morte voluntária começou a ser incluída na pauta jornalística brasileira, em função do movimento Setembro Amarelo, destinado à promoção da prevenção. A campanha de conscientização foi resultado de um movimento do CVV, do CFM e da ABP¹⁹, no Brasil. Uma das maneiras encontradas para chamar a atenção foi a iluminação de prédios e de locais públicos com a cor amarela, como o Cristo Redentor (RJ), o Congresso Nacional e o Palácio do Planalto (Brasília), além da promoção de uma série de atividades e de ações. Uma grande parte delas foi focada na área da saúde e destinada aos seus profissionais.

O movimento acaba por entrar na pauta jornalística dentro de um processo comunicacional da hipótese do agendamento²⁰ (MCCOMBS, 2009). Isso porque, a partir dos próprios exemplos citados, são atividades programadas e que tentam inserir o assunto no noticiário jornalístico. Segundo McCombs, a mídia, aqui entendida no seu conceito amplo de comunicação, pode escolher os temas que a sociedade vai discutir, o que está dentro da natureza do “jornalismo e a sua tradição de contar história à arena da opinião pública, uma relação com consideráveis consequências para a sociedade” (MCCOMBS, 2009, p. 16).

A segunda maneira, na nossa avaliação, é quando a notícia está relacionada a um caso ou a várias ocorrências de suicídios num determinado local ou grupo. “Se o suicídio está vinculado a outros crimes ou a situações que puseram em risco outras pessoas ou causaram transtorno à população, também ganha espaço nos periódicos”

¹⁹ Setembro Amarelo. Disponível em: www.setembroamarelo.org.br. Acesso em: 28 abr. 2018.

²⁰ O agendamento deve ser compreendido como um sistema aberto, ao invés de fechado, como é no caso de uma teoria. Por ser uma hipótese, está sempre em processo de construção de experimentação, sem que, caso o resultado não seja favorável, a pesquisa tenha se perdido (HÖHLFELDT, 2001).

(RAMOS, PAIVA, 2007, p. 127). Integram essa categoria ainda os casos de suicídios que envolvem personalidades ou as ocorrências de homicídio seguido de suicídio que, por suas características, recebem atenção da mídia.

Mas será que este tema sempre foi um tabu no jornalismo? Alguns estudos mostram que não. Assim, parece-nos fundamental tentar compreender quando houve essa mudança de posição da mídia, ao noticiar o suicídio, no Brasil, e sua argumentação. Notícias em jornais do início do século passado, por exemplo, mostram que o assunto era abordado, inclusive como destaque para detalhes das ocorrências e da vida pessoal do suicida e do método utilizado, como mostra a pesquisa de Carracho (2012), ao analisar as notícias de morte voluntária publicadas no jornal *Correio do Povo* (RS), nas décadas de 1930 e 1940. Uma das conclusões é que houve uma redução considerável no número de publicações sobre suicídio, indicando uma mudança de percepção sobre o assunto, no jornalismo. Para Carracho (2012), um dos argumentos que pode auxiliar no entendimento dessa mudança de relação estaria na recomendação da Associação Brasileira de Imprensa (ABI), de 1926, que pedia maior atenção por parte dos jornalistas ao abordar o tema.

Uma justificativa para a cautela do jornalismo, em relação ao suicídio, é que noticiar um caso de suicídio pode levar outras pessoas a adotarem o mesmo gesto, como um contágio ou um processo de imitação. Em outras palavras, a partir desse conceito, ao não dar destaque aos casos, o jornalismo evitaria que outros seguissemos, como exemplos. Essa concepção está, em parte, relacionada ao denominado “Efeito Werther”, uma referência ao livro de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774), em que um jovem comete suicídio após uma desilusão amorosa. A publicação teria estimulado outras pessoas a cometer o mesmo gesto e acabou tendo a sua comercialização proibida em alguns países.

A influência da imprensa, sobre a decisão de um indivíduo cometer suicídio, tem sido alvo de relevantes investigações, especialmente no exterior. Uma das pesquisas foi a realizada por Philips (1974) - citada por Gomes et al. (2014), que relacionou o comportamento suicida com a divulgação de notícias sobre o assunto, entre 1947 e 1968, em jornal americano. “Os resultados demonstraram um avanço significativo na ideação suicida após a publicação das notícias, havendo um decréscimo apenas dois meses após a sua divulgação” (GOMES et al., 2014). A pesquisadora Madelyn Gould, da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos,

indicou que 29 de 42 (69%) estudos revisados, comprovaram a hipótese de influência da imprensa sobre casos de suicídio (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 127). Outro estudo é de Steven Stack (2003), da Universidade Estadual de Wayne (Estados Unidos), que comparou a probabilidade de maior influência de uma notícia publicada no meio impresso em relação ao televisivo. Obviamente, no momento atual, é preciso levar em consideração a relevância de outros meios que podem ser avaliados como parâmetros, como a Internet, onde o acesso é, em grande parte, livre. Ainda segundo ele, “ao contrário das histórias de suicídio televisivas, reportagens impressas sobre suicídio podem ser guardadas, relidas, postas na parede ou no espelho das pessoas, estudadas”²¹ (STACK, 2003, p. 239). Há ainda outras reflexões sobre casos de grande repercussão internacional, como a maneira como foram noticiados, pela imprensa, os suicídios do cantor Kurt Cobain ou da atriz Marilyn Monroe.

No Brasil, a relação entre o possível contágio das notícias e casos de suicídio foi analisada por Dapieve (2006). Diante desse receio, o autor aponta que há uma necessidade da imprensa "fazer cada caso aparentar ser único, isolado, fechado, fruto amargo de uma perturbação pessoal" (DAPIEVE, 2006, p. 158). Outra conclusão é que, sob o receio de gerar imitações, a imprensa desqualifica o suicídio, como uma morte ilegítima, como descrito no seguinte trecho: "Dentro de cada um dos textos sobre casos de suicídio que consegue atingir as páginas esta mesma tensão entre a espetaculosidade (sua atração para o jornalista-leitor) e a subversão existencial da notícia (sua repulsa) é mantida" (DAPIEVE, 2006, p. 160).

Em seu estudo pioneiro sobre o suicídio, Durkheim também aborda a questão de influência. Explica que a imitação não é um processo que se restringe apenas ao suicídio, uma vez que tem cunho “puramente psicológico” (DURKHEIM, 2011, p. 129). A justificativa apresentada pelo sociólogo é que os casos de imitação ocorrem em contextos em que os indivíduos não apresentam vínculo social. “Um homem pode imitar o outro sem que sejam solidários um do outro ou de um mesmo grupo do qual dependem igualmente, e a propagação imitativa não tem, por si só, o poder de solidarizá-los” (DURKHEIM, 2011, p. 129). Ao contrário do silêncio, como defendido

²¹ “Unlike televised suicide stories, newspaper suicide stories can be saved, reread, displayed on one’s wall or mirror, and studied” (STACK, 2003, p. 239).

por alguns pesquisadores, ele afirma ser importante dar atenção para a maneira como o jornalismo fala sobre o assunto. Afinal, qual a melhor maneira de noticiar o suicídio?

2.4 EXISTE UMA MANEIRA CORRETA DE FALAR?

Entramos, a partir deste momento, no questionamento sobre como o jornalismo deveria abordar corretamente o suicídio, seguindo as recomendações de entidades de referência sobre o tema. Consideramos importante fazer essa reflexão, mesmo que nossa proposta de pesquisa não seja de cunho deontológico, que corresponde à ciência do dever e da obrigação. As recomendações das entidades da área da saúde, como Organização Mundial da Saúde (OMS), Ministério da Saúde (MS), Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), são para que os jornalistas adotem uma série de cuidados na produção de notícias sobre o tema. O primordial seria o de não fornecer detalhes sobre o método utilizado ou valorizar e/ou *glamourizar* o ato, além de não dar uma conotação sensacionalista ao assunto.

Na cartilha da OMS (2000), que é a mais antiga direcionada aos profissionais da área, há alguns alertas importantes, como a possibilidade de influenciar outros casos. “A maneira como os meios de comunicação tratam casos públicos de suicídio pode influenciar a ocorrência de outros suicídios” (OMS, 2000, p. 3).

Assim como Durkheim, a orientação da OMS é no sentido de que alguns tipos de coberturas podem auxiliar na prevenção do comportamento suicida, ao invés de estimular novos casos. Entre as recomendações, está o uso de dados e de fontes confiáveis. Nesse ponto, a organização alerta para a relevância da compreensão dos dados e que os números são subestimados, por existirem problemas e falhas nas notificações. Ao mesmo tempo, é importante o entendimento de que as taxas são expressas por 100 mil habitantes, como já explicado no capítulo anterior. O índice, em uma comunidade pequena, pode subir drasticamente tendo ocorrido apenas um caso novo. Ao mesmo tempo, numa população grande, uma elevada quantidade de ocorrências pode acabar diluída e não aparecendo nas estatísticas, dificultando a compreensão de um possível fenômeno local.

A OMS (2000) indica, na cartilha, o que não deve ser feito durante a cobertura jornalística, como publicar fotografias do falecido ou cartas suicidas; informar detalhes

específicos do método utilizado; fornecer explicações simplistas; glorificar o suicídio ou dar conotação sensacionalista sobre o caso; usar estereótipos religiosos ou culturais; atribuir culpa. Entre as recomendações do que deve ser feito, estão listados os seguintes pontos: trabalhar em conjunto com autoridades de saúde na apresentação dos fatos; referir-se ao ato como suicídio consumado, não como bem-sucedido; apresentar somente dados relevantes em páginas internas de veículos impressos; destacar as alternativas ao suicídio; fornecer informações sobre números de telefones e endereços de grupos de apoio e serviços onde se possa obter ajuda; mostrar indicadores de risco e sinais de alerta sobre comportamentos suicidas.

O documento da OMS aos profissionais da imprensa faz parte de um conjunto de ações relacionadas ao assunto, que destaca, ainda, a responsabilidade da sociedade e do poder público para reverter o panorama de mortes. Fruto desse movimento, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e o Conselho Federal de Medicina (CFM) divulgaram, em 2009, um documento destinado aos profissionais da área da comunicação, repetindo a linha norteadora da OMS, em que é importante falar, mas é necessária precisão sobre como fazê-lo. *Comportamento suicida: conhecer para prevenir* foi elaborado por uma comissão de profissionais, tendo como coordenador o psiquiatra Neury Botega.

A seguir, as indicações, de maneira sucinta, que constam na cartilha distribuída pelo Ministério da Saúde (2017), sobre o que os profissionais da imprensa não devem fazer ao noticiar um caso de suicídio:

1. O suicídio é um fenômeno complexo. É melhor não dar explicações simplistas ou o associar a um só fator.
2. Se não houve nenhum sinal de alerta, trata-se de um caso atípico. É preferível informar o leitor.
3. Dar informações sobre o método utilizado ou sobre o local da morte pode ser perigoso para as pessoas em risco de suicídio.
4. Recomenda-se não publicar fotos do suicida nem cartas ou bilhetes de despedida.
5. É melhor não procurar responsáveis pelo gesto suicida.

6. Recomenda-se não qualificar o gesto suicida nem expor comentários que sejam preconceituosos ou reiterem um estigma.

7. Não se deve sugerir que um suicídio possa ser um meio para se resolver algum problema. Evite divulgar a notícia em primeira página e de forma muito longa e detalhada. Uma cobertura excessiva pode provocar outros suicídios (efeito contágio).

Ao mesmo tempo, é relevante ressaltar que as notícias, efetivamente, só influenciam aqueles que têm predisposição ao ato. “Um dos muitos fatores que podem levar um indivíduo vulnerável a efetivamente tirar sua vida pode ser a publicidade sobre os suicídios” (OMS, 2000, p. 3).

Existem algumas reportagens que são indicadas como exemplos. Apenas para fins de representação, citamos “*Suicídio: o mal invisível*”, publicada em setembro de 2016, no jornal *Zero Hora*; “*Agrotóxicos, depressão e dívidas criam ‘bomba-relógio’ de suicídios no RS*”, que foi ao ar em outubro de 2016, pela *BBC Brasil*; e “*Suicídio.com*”, da revista *Época*, publicada em dezembro de 2008.

É possível verificar que, nas cartilhas de recomendação da OMS, do MS e da ABF, há um detalhamento do que deve e do que não deve ser feito nesses casos, sendo um documento de referência importante para os profissionais. Ao mesmo tempo, a maioria dos veículos de comunicação, no Brasil, não trata expressamente quais as suas orientações ao noticiar mortes por suicídio. Nos casos em que existem orientações, elas podem ser consideradas vagas ou subjetivas. No Manual de redação da *Folha de S. Paulo* (2000), sobre o termo *suicídio*, o que se encontra é a seguinte orientação: “Não omita o suicídio quando ele for a causa da morte de alguém” (FSP; 2010, p. 99).

O Código de Ética dos Jornalistas, da Federação Nacional dos Jornalistas, de 2007, por exemplo, não traz nenhuma orientação ou especificação sobre como o tema do suicídio deve ser abordado. Por outro lado, indica que o jornalista “deve respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão” (CEJ, 2007).

É importante ressaltar que a questão sobre como abordar o assunto já recebeu recomendações específicas em outros países, como na Alemanha, na Austrália, na Áustria, no Canadá, nos Estados Unidos, no Japão, na Nova Zelândia e na Suíça (RAMOS; PAIVA, 2007).

Nesse ponto, podemos concluir que a decisão final acaba por ser subjetiva, entre os profissionais envolvidos, no momento da apuração e da produção, não seguindo um padrão propriamente dito.

Na prática, seja por desconhecimento, por condutas próprias, conscientes ou inconscientes, parte dessas orientações não são seguidas e vemos alguns casos que vão exatamente no sentido oposto às recomendações. Podemos citar o caso do reitor da Universidade Federal de Santa Catarina²², em outubro de 2017. Para exemplificar, apresentamos a reportagem do jornal *Folha de S. Paulo*, publicada no dia 2 de outubro de 2017, sobre a morte do então reitor afastado da UFSC, Luiz Carlos Cancellier de Olivo. A reportagem traz detalhes sobre como ele cometeu suicídio, "se atirou de um *shopping* em Florianópolis". Na legenda da foto, há mais um detalhe de que ele "se jogou em vão de *shopping*". Ele estava sendo investigado por desvio de recursos, o que o mesmo negava. Afastado das atividades, estava em tratamento psiquiátrico.

Outro caso, desta vez mais recentemente, é do suicídio do DJ e produtor sueco Tim Bergling, conhecido como DJ Avicci²³, de 28 anos, em 20 de abril de 2018. No dia 1º de maio de 2018, o *site El Pais - Brasil* publicou a reportagem com o seguinte título: "Avicci se matou com vidro de uma garrafa, diz *site TMZ*". Entre os detalhes, além da chamada, o texto informa que ele "utilizou o vidro de uma garrafa quebrada para tirar a própria vida", sendo que há outra versão de que ele "se feriu no pulso".

A partir do que trouxemos sobre as recomendações, chama-nos a atenção algumas questões, como o fato de a publicação dos detalhes ocorrer dez dias depois do caso. Outro ponto é a reprodução de uma notícia de outro *site*, perpetuando e ampliando a divulgação das informações que, além de trazer detalhes desnecessários, tem conotação mais sensacionalista. Na mesma reportagem, há a informação de que a família havia emitido um comunicado indicando que a morte do jovem foi por suicídio.

²² O caso ganhou grande repercussão na mídia e dividiu opiniões sobre a atuação da Polícia Federal que coordenou a ação de afastamento do reitor e a divulgação das acusações, ao mesmo tempo, em que o reitor negava envolvimento.

²³ A notícia da morte do DJ Avicci também teve destaque, mas, desta vez, na esfera mundial, uma vez que ele era um músico de prestígio internacional.

Com reportagens produzidas sobre o suicídio no final dos anos 2000, o jornalista Carlos Etchichury²⁴ (2017) critica o silêncio nas redações e diz que, “ao publicarmos pouco (ou quase nada) sobre suicídio, estávamos deixando de cumprir uma das nossas funções sociais: relevar fenômenos e cobrar soluções das autoridades” (ETCHICHURY, 2017, p. 46)²⁵. Pela sua experiência, apresenta alguns critérios para a abordagem dessa temática. Diz que o jornalista deve evitar casos específicos, que só tem interesse para os familiares; tratar o assunto como questão de saúde pública; mostrar o compromisso do Estado com políticas públicas, mostrar as histórias dos familiares e trazer *dicas* e orientações (ETCHICHURY, 2017, p. 48). Ao sugerir um debate mais amplo, Ramos e Paiva (2007) citam a manifestação de Kathie Njaine, então pesquisadora do Claves (Centro de Estudos de Violência e Saúde da Fundação Osvaldo Cruz), de que a sociedade perde com esse silêncio; uma vez que “ao banir os casos de suicídio dos jornais a imprensa também tenha deixado de lado uma discussão mais ampla sobre as razões do aumento de suicídio em determinados grupos ou regiões” (NJAINÉ; 2007, p. 129)

Ao invés de silenciar, a recomendação por uma abordagem mais adequada colabora, tanto para combater o estigma presente na sociedade, como para mostrar alternativas a quem pensa em cometer tal ato. “Não tenha medo de abordar o tema, sempre seguindo as orientações específicas para a mídia. Quanto mais persistir o tabu, mais difícil para pessoas em risco de suicídio procurar e encontrar ajuda”, recomenda a cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde (2017)²⁶ aos profissionais do jornalismo. Trigueiro (2015, p. 42) também defende a abordagem responsável, ao passo que, “sem informação, a sociedade não o reconhece como um problema, não mobiliza esforços e nem consagra tempo e energia para tentar reduzi-lo”. Ao mesmo tempo, a cautela é importante porque “um destaque excessivo ao suicídio pode soar

²⁴ Carlos Etchichury é jornalista gaúcho e autor de uma série de reportagens sobre suicídio.

²⁵ Entrevista publicada na Revista do Instituto Humanitas Unisinos, nº 515, Ano XVII, 13 nov. .2017. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/515>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

²⁶ Fonte: Ministério da Saúde. “Suicídio. Saber, agir e prevenir”. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/802-sas-raiz/daet-raiz/saude-mental/l1-saude-mental/29685-agenda-estrategica-de-prevencao-do-suicidio/>. Acesso em: 31 out. 2017.

como apoio a esse ato extremo, servindo de estímulo à sua prática e indo contra o discurso da saúde, que o vê como problema” (MORAES, 2013, p. 3).

Concluindo essa etapa da pesquisa, acreditamos que abordar e como lidar com o assunto é uma decisão dos jornalistas e dos veículos de comunicação. Outra conclusão é que o tabu, de não noticiar os casos, não tem sido perpetuado. Ao contrário, há uma atenção cada vez maior com o assunto.

3 ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Ingressamos, a partir de agora, na etapa que corresponde aos procedimentos que serão realizados com o conteúdo. Como indicado, trata-se de uma pesquisa documental, a partir de notícias publicadas em jornal, que une análises quantitativa e qualitativa. Para tal, utilizaremos a base conquistada com a revisão bibliográfica sobre o suicídio e em relação ao jornalismo, com enfoque mais acentuado ao viés de responsabilidade social e de ética, como realizado nos dois capítulos anteriores. Nossa intenção foi, assim, garantir embasamento teórico mínimo para permitir sustentação na análise do conteúdo jornalístico.

Como a proposta, desde o início da pesquisa, era a utilização de notícias de jornais, constituídas de textos, refletimos sobre qual a metodologia melhor poderia ser usada para extrair as informações pertinentes para alcançar o nosso objetivo, que é o estudo do fenômeno do suicídio. Inicialmente, a proposta era fazer a apuração do material a partir da Análise de Conteúdo (AC), consolidada metodologia que mescla análises quantitativa e qualitativa, com o estabelecimento de categorias e, posteriormente, as indicações dos assuntos abordados com maior frequência no texto e as suas possíveis representações, a partir dessa segmentação, conforme indicado por Bardin (1977). Porém, constatamos, durante a observação exploratória, que esse caminho metodológico poderia não ser suficiente para dar conta do objeto, por suas limitações, isso porque a análise deveria, além de mostrar os resultados que estão explícitos no texto, trazer à luz discursos não visíveis. Apesar de descartarmos a AC, acreditamos que a aplicação dessa metodologia poderia trazer resultados e perspectivas interessantes sobre o assunto.

Com essa percepção em vista, optamos por aplicar o caminho metodológico descrito na Análise Textual Discursiva (ATD), seguindo o roteiro apresentado por Moraes (2003) e depois ampliado, junto com Galiazzi (2007). O referido processo prevê o aprofundamento da análise textual, de maneira a apresentar um metatexto. A definição dos próprios autores é de

uma metodologia de análise de dados e informações de natureza qualitativa com finalidade de produzir novas compreensões sobre os fenômenos e discursos. Insere-se entre os extremos da análise de conteúdo tradicional e a análise de discurso, representando um movimento interpretativo de caráter hermenêutico (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 7).

Com esse procedimento metodológico, acreditamos conseguir transitar entre duas formas consagradas de pesquisa textual, que são a Análise de Conteúdo (AC) e Análise de Discurso (AD). Para exemplificar, os autores usam a metáfora do curso de um rio:

Análise de Conteúdo e Análise de Discurso podem ser compreendidas como exercícios de movimentar-se num rio. A primeira assemelha-se ao deslocar-se *rio abaixo*, a favor da correnteza. Já a Análise de Discurso corresponde a mover-se *rio acima*, contra o movimento da água. A Análise Textual Discursiva pode tanto inserir-se num como no outro desses movimentos. Como toda metáfora esta também tem suas limitações, entretanto a entendemos útil na exposição de nossos argumentos (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 142).

Em relação à AC, a Análise Textual Discursiva avança, na nossa opinião, por dar um espaço relevante ao pesquisador, neste processo, e à interpretação produzida por ele que, para fazer isso, precisa estar mergulhado profundamente no conteúdo. A importância desse espaço, na nossa construção lógica, é que “todo texto possibilita uma multiplicidade de leituras, leituras essas relacionadas com as intenções dos autores, com os referenciais teóricos dos leitores e com os campos semânticos em que se inserem” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 13). Assim, “os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 14). Nesse caso, esperamos, a partir da aplicação da metodologia, construir significados por meio do conjunto de textos reordenados, em que caberá ao pesquisador atribuir sentidos e significados, apropriando-se da base teórica apresentada nos dois capítulos anteriores.

Assim, no processo final, o pesquisador tornar-se autor, propriamente dito. Esse ponto ganha ainda maior relevância, uma vez que o tema é recheado de complexidades, tanto de conceito, quanto de causas e de efeitos sociais. Parece-nos fundamental que, nesse momento, a interpretação receba espaço e importância. Sobre a postura do pesquisador, Moraes e Galiazzi (2007) alertam para a necessidade do envolvimento intenso e rigoroso. Ao mesmo tempo, consideram a Análise Textual Discursiva como um “processo auto-organizado e emergente, fundamentado no poder criativo de sistemas complexos e caóticos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 10).

Para tal, seguiremos as fases de apuração do material, que são basicamente três, de acordo com os autores (2007). A primeira é a *desmontagem dos textos*, por

meio da desconstrução e da unitarização; em seguida, a *categorização*, por meio do estabelecimento de relações entre as unidades; e, por fim, a *captação do novo emergente*.

No primeiro ponto, a “desmontagem dos textos”, Moraes (2003, p. 191) destaca ser necessário examinar o material em estudo em seus detalhes e, assim, conseguir fragmentá-lo em unidades referentes ao fenômeno em questão. A identificação das unidades ocorre a partir do contato com o corpus definido. Nesse caso, como será detalhado mais à frente, as notícias que trazem a palavra *suicídio*, no ano de 2017, no jornal *Folha de S. Paulo*.

A categorização, que é o segundo passo, busca, com essas unidades, construir relações, classificando-as, na ambição de compreender como as unidades podem ser reunidas em categorias mais complexas. Há duas maneiras de definir esses grupos, de acordo com Moraes e Galiazzi (2007, p. 86-87). Existem dois processos de referência na categorização: *a priori* e *emergentes*. Na primeira modalidade, o pesquisador apresenta as categorias antes da análise. No modelo emergente, elas aparecem a partir de análises indutivas. “Quando adota a análise indutiva o pesquisador não parte de hipóteses *a priori*, mas estas são construídas ao longo do processo em forma de hipóteses de trabalho” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 87).

Para os autores, as categorias precisam apresentar cinco características. São elas: *validade ou pertinência*; *homogeneidade*; *amplitude e precisão*; *conjuntos exaustivos*; e *exclusão mútua* (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 83-86). A validade ou pertinência permite que os textos analisados estejam ou sejam representados. A homogeneidade viabiliza a união das unidades. As características amplitude e precisão buscam dar coesão ao conteúdo. Sobre conjuntos exaustivos, os autores explicam que está relacionado ao aproveitamento amplo dos materiais coletados e a sua validade para a pesquisa. Por último, a exclusão mútua prevê que cada elemento seja classificado em apenas uma categoria. Porém, os próprios autores refletem que essa regra não deve ser levada ao extremo pelas nuances de interpretação dos conteúdos.

Enfim, após todo esse processo, o pesquisador deverá atingir o ápice, que é o emergir do novo, a partir dos metatextos. Para um melhor entendimento desse processo, reproduzimos a síntese dos autores:

A análise textual propõe-se a descrever e interpretar alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de texto pode suscitar. Sempre parte do pressuposto de que toda leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva. Ainda que, seguidamente, dentro de determinados grupos, possam ocorrer interpretações semelhantes, um texto sempre possibilita construir múltiplos significados (MORAES; GALIAZZI; 2007, p. 14).

Com o processo apresentado, esperamos fazer emergir um metatexto, que possa ser entendido como um discurso jornalístico, em que ficarão evidentes os conteúdos mais presentes e aqueles que são silenciados pelo jornalismo. Entendemos que o discurso jornalístico tem o papel de mediação e permite ao leitor a construção de um sentido comum e, assim, viabiliza uma coesão social.

Passadas as etapas de análise, chegamos ao último movimento, que é a conclusão. Para os autores, esse é um processo auto-organizado, em que tentaremos chegar a “resultados finais, criativos e originais” e, de preferência, não “previstos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 12). Esse elemento final torna o caminho metodológico interessante, no nosso entendimento, porque não podemos prever com total garantia os seus resultados. Exatamente ao contrário. Um dos objetivos da pesquisa é tentar mostrar o que não está visível nas notícias ou o que é deixado de lado na abordagem jornalística sobre o suicídio.

Os autores ainda apontam orientações em relação ao objeto empírico que, nessa metodologia, é denominado de “dados”, que precisa apresentar quantidade suficiente que permita resultados válidos e esclarecem que, seguidamente, o corpus não é obrigatoriamente trabalhado na íntegra. A quantidade, para os autores, é suficiente quando atinge a *saturação* (MORAES; GALIAZZI, 2007). Em outras palavras, a não introdução de novas informações ou a não produção de mais alterações nos resultados é o ponto ideal. Essa observação garante um certo conforto ao pesquisador, uma vez que o corpus previamente estabelecido para esta pesquisa representaria, na prática, um volume demasiadamente grande de texto e, que dele, segundo os autores, caberá ao pesquisador o poder de seleção. Moraes e Galiuzzi (2007) também alertam que o texto deve ser entendido em sua amplitude, como a inclusão de imagens ou de outras expressões linguísticas. Apesar disso, optamos por restringir nossa análise apenas ao conteúdo textual.

3.1 TÉCNICAS E PROCEDIMENTOS

Após a revisão bibliográfica de conceitos centrais da pesquisa, *suicídio* e *ética e responsabilidade social* no jornalismo, adotaremos os seguintes passos. No primeiro momento, pretendemos estabelecer um panorama quantitativo do material jornalístico, a partir da catalogação do seu conteúdo. Para isso, indicaremos as seguintes informações: a data de publicação, as respectivas editorias de publicação, a página e o título do conteúdo. Essa etapa já nos trará elementos importantes para dimensionar o material na íntegra, assim como o descarte de determinado conteúdo que venha a não ser útil ao estudo.

Optamos por catalogar o material referente às edições do ano de 2017 do jornal *Folha de S. Paulo* (FSP), como já adiantado nas considerações iniciais. Para fins de esclarecimento, a escolha do ano foi influenciada pelo fato de o tema ter ganho notoriedade em função do sucesso da série *13 Reasons Why*, que abordou o suicídio de uma jovem estudante americana e ganhou grande destaque. O seriado recebeu espaço em redes sociais, por meio de compartilhamentos e de discussões, como no Twitter²⁷, inclusive com a criação de uma *hashtag* específica, no caso do Brasil, *#NaoSejaUmPorque*, em que as pessoas compartilhavam situações de sofrimento que poderiam ser evitadas.

Outro fato que também ampliou o debate foi o Desafio da Baleia Azul, em que jovens teriam sido levados, a partir de um jogo nas redes sociais, a cometer uma série de atividades, sendo a última o suicídio. Juntos, os dois fatores fizeram com que a mídia tivesse que tratar o assunto por vários ângulos, entre eles, o suicídio de jovens e o aumento no número de ocorrências no país. Além disso, no mês de setembro, houve intensa cobertura das atividades do Setembro Amarelo, que reúne ações de prevenção ao suicídio, inclusive com a divulgação inédita do Boletim Epidemiológico, por parte do Ministério da Saúde, que traçou um panorama dos casos no Brasil e os desafios para ampliar a prevenção. Para complementar, no mês de outubro houve um caso de repercussão nacional do ex-reitor da Universidade Federal de Santa Catarina,

²⁷ Segundo dados obtidos pela *Variety* (2017), *site* de notícias especializado em entretenimento, a série *13 Reasons Why* se tornou a série mais comentada no Twitter, em 2017, ao acumular mais de 11 milhões de *tweets*, em menos de um mês.

Luiz Carlos Cancellier de Olivo que, afastado do cargo, cometeu suicídio dentro de um *shopping* de Florianópolis.

Retornando ao procedimento metodológico, após catalogar, esperamos, por fim, aplicar o movimento de desconstrução do texto, seguindo a base da Análise Textual Discursiva. Com o conteúdo das notícias jornalísticas separado e organizado, faremos a extração das unidades, para, enfim, reuni-las em categorias e dar início à construção dos metatextos, e à crítica final.

Partindo do pressuposto de que o jornalista/repórter, na redação, tem o desafio de estruturar o seu texto jornalístico, nesta pesquisa, a partir da análise textual, buscamos o contrário, desmontá-lo para reconstruí-lo com um olhar mais apurado sobre o respectivo assunto. Como resultado desse processo, vamos refletir sobre o conteúdo produzido pelo jornalismo a partir das noções do papel social e ético e destacar quais os discursos que são apresentados ao público em torno da temática do suicídio.

3.2 ESCOLHA DO JORNALISMO IMPRESSO

No contexto atual, em que temos a presença cada vez maior das redes sociais, onde o conteúdo muitas vezes não é verídico, como as *fake news*²⁸, acreditamos que o jornalismo impresso acaba por se colocar como um canal de divulgação de informações substanciais e com maior profundidade. Inclusive, esse é um dos fatores que justifica a escolha desse meio jornalístico nesta pesquisa.

Além disso, existem outras características encontradas no jornal impresso que reafirmam a nossa opção. Diante dos outros meios, são vantagens o fato de o impresso permitir a consulta permanente, a recuperação da informação e o fato de a linguagem escrita ser fixa, não permitindo alteração posterior, como ocorre com os suportes eletrônicos, além da capacidade de aprofundamento (ERBOLATO, 2003, p. 28). Nesse aspecto, Lage (2001b) destaca que o jornal diário tem condições de “copilar fatos já divulgados, investigar causas e antecedentes mais ou menos remotos,

²⁸ São as notícias falsas elaboradas e distribuídas a fim de enganar o público, além de ter interesses escusos (ALVES, 2017).

interpretar e produzir versões da realidade” (LAGE, 2001b, p. 52). Nessa mesma linha, Bahia (1990, p. 66) destaca que “é entre todos o de mais consistência”.

Ao mesmo tempo, não podemos desconsiderar as suas desvantagens diante de outros tipos de veículos de comunicação, especialmente em função dos avanços tecnológicos e da facilidade de acesso às redes sociais e aos *sites*, por exemplo. Nesse ponto, os jornais se enquadram como uma mercadoria “altamente perecível” (LAGE, 2001b, p. 16). Ainda nesta linha, Erbolato (2003) aponta que falta ao jornal condições de concorrer com a instantaneidade de apresentar as notícias ao leitor, tendo em vista que a sua edição física tem prazo de fechamento, independentemente de ser diária, semanal ou mesmo mensal. Outro ponto de dificuldade é atingir as camadas consideradas menos favorecidas, já que o seu consumo é pago, diferente do rádio ou da televisão.

Do apresentado, concluímos que utilizar o impresso mostra-se como o mais adequado, mesmo que tenhamos consciência de que o jornal vem perdendo força ao pautar os assuntos em debate na opinião pública. De acordo com dados da Pesquisa Brasileira de Mídia²⁹, do governo federal, em primeira menção, sobre qual meio de comunicação mais utilizam para se informar, 63% responderam ser através da televisão; 26% por meio da Internet; 7% pelo rádio; 3% pelo jornal; 1% por outras formas. Ao detalhar os dados específicos sobre o jornal, entre os entrevistados, 66% disseram ler a edição impressa, 30% leem mais a versão digital, 2% consomem ambas e 2% não sabe ou não respondeu. Sobre a confiabilidade, 30% disseram confiar sempre; 30% confiam muitas vezes; 36% afirmaram confiar poucas vezes; 4% responderam nunca confiar; 1% não sabe ou não respondeu. Se compararmos a mesma questão com a televisão, os números são favoráveis ao jornal. Entre os entrevistados, 28% disseram confiar sempre; 26% confiam muitas vezes; 38% confiam poucas vezes; 8% não confiam e 1% não sabe ou não respondeu. Já em comparação com a internet a situação é ainda mais crítica. Dos entrevistados, 6% disseram confiar sempre; 15% confiam muitas vezes; 62% confiam poucas vezes e 16% nunca confiam; enquanto 2% não sabe ou não respondeu. Diante dos dados

²⁹ A pesquisa, que tem dados mais recentes do ano de 2016, é desenvolvida pelo Departamento de Pesquisa de Opinião Pública, da Secretaria de Comunicação da Presidência da República. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br>. Acesso em: 02 maio 2018.

apresentados, mesmo que o consumo do jornal seja menor, a confiabilidade apresenta índices maiores na comparação com a televisão e com a internet.

Apesar da concorrência, grupos de estudiosos apostam que o caminho para o impresso resistir no atual contexto midiático será a união aos veículos virtuais, como já tem ocorrido com praticamente todos os jornais da atualidade, e assim, ampliar a sua relevância. “A tecnologia é avassaladora. Diante da impossibilidade de competir com a Internet, o jornal em papel não teve outra saída a não ser aliar-se ao inimigo, aproveitando a nova tecnologia para levar o seu material ao público”, reflete Amaral (2008, p. 27).

Para reforçar a nossa escolha, recuperamos o conceito apresentado por Beltrão, há quase quatro décadas, mas que continua relevante, que o jornal deve colaborar “na elaboração do pensamento e na promoção de um estado de espírito favorável à ação pública para a realização do bem comum” (BELTRÃO, 1980, p. 33). Na mesma linha, Amaral (2008, p. 19) define-o como “um centro de debates de opiniões políticas, sociais e econômicas que tende a acomodar divergências, buscar soluções, encontrar caminhos para estabelecimento de uma sociedade mais justa”. Sendo assim, o jornal tem papel fundamental ao fazer com que haja o entendimento sobre as mudanças e os fenômenos ao público leitor, nesse caso específico, em relação ao debate sobre suicídio. Outro argumento é a nossa experiência profissional em redações de jornais.

Na escolha de quais jornais utilizar, optamos pela *Folha de S. Paulo* (FSP). Baseamo-nos naquele que está entre as maiores circulações no país (ANJ)³⁰ e que é reconhecido como um jornal de referência³¹, levando em consideração a tiragem e a influência na opinião pública. A seguir, fazemos uma descrição sucinta do jornal em questão.

³⁰ Dados constam no ranking da Associação Nacional de Jornais (ANJ) referente a 2015. Disponível em: <http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>. Acesso em: 04 dez. 2017.

³¹ Marques de Melo (2003) considera o jornal *Folha de S. Paulo* como um jornal de referência no Brasil. Para o autor (2003, p. 105), “o jornalismo de referência tem validade pública não apenas pelo reconhecimento que lhe tributam as elites dirigentes (governamentais ou empresariais) ou as lideranças da sociedade civil, mas sobretudo pela função de agendamento informativo que exerce no interior do sistema midiático. Neste sentido, restringe-se ao segmento dos jornais diários, que atuam como fontes de alimentação contínua de pautas dos telejornais, radiojornais, webjornais, bem como das revistas semanais e outras publicações periódicas”.

3.3 FOLHA DE S. PAULO

A *Folha de S. Paulo*³² integra o Grupo Folha, considerado um dos principais conglomerados de mídia no Brasil. A empresa foi fundada em 1921, com o lançamento da *Folha da Noite*, e depois vieram os títulos *Folha da Manhã* (1925) e *Folha da Tarde* (1949). Na década de 1960, com a fusão dos três títulos, nasce a *Folha de S. Paulo* (FSP), com o lema “um jornal a serviço do Brasil” (MELO, 2003, p. 209).

Com sede na capital paulista, a FSP se denomina o “mais influente do Brasil”, sendo o mais vendido, com base em números do Instituto Verificador de Circulação (IVC), que apontam a circulação total, contabilizando as edições digital e impressa, em novembro de 2017, atingindo 292.331. No processo de consolidação, o veículo adotou as seguintes condutas editoriais: “pluralismo, apartidarismo, jornalismo crítico e independência”³³. “Sua filosofia de jornalismo plural, independente e apartidário tem rendido os frutos esperados. Ela vem sendo reproduzida pelas publicações congêneres, em todo o território nacional, a partir das diretrizes contidas no seu ‘manual de redação’”, avaliou Melo (2003, p. 205). Ao longo da trajetória dos quase 60 anos de existência, a *Folha de S. Paulo* acumula pioneirismo, como a adoção de modelos de impressão, que permitiu a tiragem em larga escala; ser a primeira redação informatizada na América do Sul e o primeiro *site* de jornal a adotar o sistema de *paywall*, em que há cobrança para acesso de seus conteúdos digitais.

Com edições diárias, o jornal impresso é formado basicamente por três segmentações, A, B e C; e um conjunto de editorias fixas. A sua ordem e distribuição pode sofrer algumas alterações por influência de anúncios publicitários ou conteúdos temáticos. Na capa, estão as principais chamadas de assuntos da edição. A primeira parte é denominada A. Nela estão inseridas as seguintes editorias. De *Opinião*, formada pelas duas primeiras páginas, após a capa. A primeira é de editoriais. A seguinte é dividida, metade por artigos, com a cartola *Tendências/Debates*; e a outra pelo *Painel do Leitor*, em que há manifestações do leitor e, quando necessário, notas de correções de erros das edições anteriores. Em seguida, estão as seguintes editorias: *Poder*, *Mundo* e *Mercado*. A segunda parte da edição, denominada B, é

³² Informação disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/institucional/>. Acesso em: 03 maio 2018.

³³ Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/institucional/o_grupo.shtml. Acesso em: 03 maio 2018.

composta pelas de: *Cotidiano*; *Saúde/Ciência: Esporte*; e *Folha Corrida*. A terceira parte é a C, formada pelo conteúdo cultural, com a *Ilustrada*.

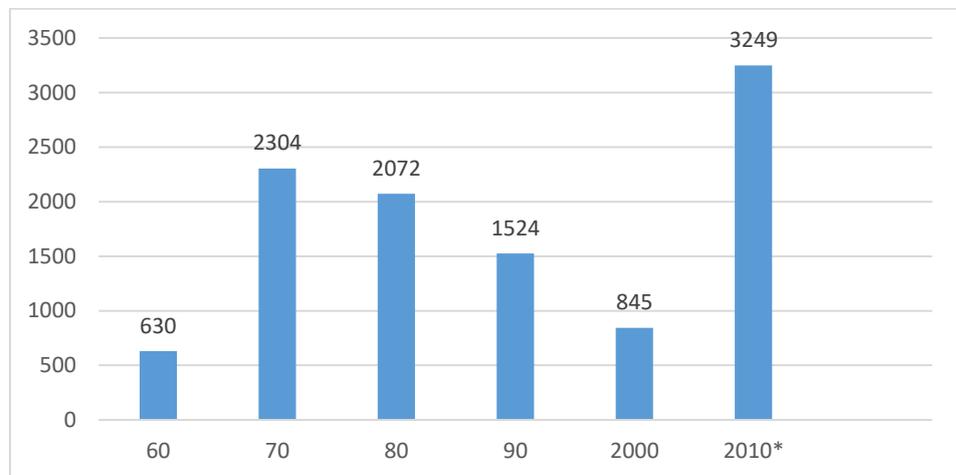
A edição é composta ainda por cadernos especiais. Aos finais de semana, há, por exemplo, a editoria *Ilustríssima* e a *Revista São Paulo*, um suplemento direcionado ao conteúdo sobre a cidade paulista. Existem ainda outros suplementos e editorias não fixas, como *Acontece*; *Tec* (tecnologia), *Turismo*, *Carreira* e de *Folha Fronteiras*. Além disso, dependendo do conteúdo, são montadas editorias temáticas, como da *Eleição*.

Na nossa seleção, do ano de 2017, apareceram citações da palavra *suicídio* nos seguintes conteúdos temáticos: *Morte na Lava Jato*; *Corrupção em Escala*; *Seminários Folha*; *Empreendedor Social*, *Estúdio Folha*. O jornal conta ainda com colunistas que escrevem sobre os mais variados assuntos de maneira fixa em alguns espaços já especificamente identificados.

3.4 MAPEAMENTO DOS DADOS

Apesar de os autores Moraes e Galiazzi (2007) denominarem ‘dados’, o conteúdo empírico, utilizamos na pesquisa o termo *corpus*. Para determinar qual *corpus* seria utilizado, a primeira ação foi ter contato com o material integral. Assim, superficialmente, acessamos as edições de 2017 do jornal *Folha de S. Paulo*. O primeiro olhar permitiu verificarmos a existência de uma quantidade elevada de conteúdos que poderiam ser pertinentes para análise. Após isso, o próximo passo foi a busca realizada no acervo da edição impressa.

Para termos um parâmetro sobre a presença da temática no conteúdo publicado pelo jornal, fizemos inicialmente um levantamento por década, a partir de 1960 em diante, utilizando a palavra-chave *suicídio*. Em relação à atual década, a pesquisa levou em consideração o período até o dia 30 de setembro de 2018. Para fins de esclarecimento, ressaltamos que optamos por usar o termo *suicídio* ao fazer o mapeamento por permitir identificarmos a presença da temática em diferentes espaços e editorias do jornal. Os dados obtidos foram representados no seguinte gráfico:

Gráfico 1: Mapeamento da citação da palavra suicídio nas décadas³⁴

Fonte: A autora.

O resultado mostra-nos que a palavra e, provavelmente, o assunto sempre estiveram presentes no conteúdo do respectivo jornal. Também é possível identificar algumas sazonalidades. A década de 1960 aparece a menor quantidade de vezes que a palavra foi usada. Ao mesmo tempo, nas décadas de 1970 e 1980 as quantidades são próximas. Verificamos ainda que houve uma queda considerável na década dos anos 2000, recuperando quase o patamar dos anos 1960, seguida por uma alta representativa após 2010. Apesar de ainda ser um dado parcial, a década atual, que não está completa, tem 384% mais vezes a palavra suicídio do que no período anterior (2000).

Isso permite acreditarmos que houve uma retração em relação ao assunto, seguida por uma mudança de posição, que pode, inclusive, estar relacionada ao movimento liderado pelas entidades de saúde para que o tema passasse a ser mais abordado, como apresentamos no segundo capítulo dessa pesquisa. Porém, é possível pressupormos, com base no respectivo panorama indicado na tabela, que apesar do tabu, o assunto, de alguma maneira, nunca deixou de ser noticiado no jornal.

Passamos agora para a definição do *corpus*. Utilizamos o mesmo procedimento na pesquisa do acervo da edição impressa, mas, desta vez, delimitando o período de

³⁴ Busca realizada no acervo do jornal. Disponível em: https://acervo.folha.com.br/busca.do?keyword_all=suic%C3%ADdio&keyword_exact=&keyword_any=&keyword_none=&por=Por+Per%C3%ADodo&startDate=01%2F01%2F2001&endDate=30%2F09%2F2018&days=&month=&year=&jornais=1. Acesso em 30 set. 2018.

1º de janeiro de 2017 a 31 de dezembro de 2017. Como resultado, obtivemos 299 citações para a palavra *suicídio*.

A partir deste dado, catalogamos o material em uma tabela. Nela identificamos as seguintes informações: a data da publicação; a página; a editoria; o título; qual era o tipo de conteúdo; e se o conteúdo era opinativo ou informativo. Inicialmente, catalogamos o material pelo formato do conteúdo e, nesse momento, identificamos que a palavra aparecia em notas, entrevistas, reportagens, críticas, sinopses, editoriais, artigos, colunas assinadas e cartas de leitores. Chegamos a avaliar a possibilidade de agrupar os conteúdos por formato para facilitar a análise. Porém, como alguns materiais perpassavam mais de um tipo de formato, optamos por ficar com a divisão apenas entre conteúdos opinativos e informativos, seguindo as divisões apresentadas por Melo (1994).

Nesse momento, observamos a existência de conteúdos repetidos, em função de a mesma edição, em algumas ocasiões, ter duas versões. Com a retirada dessas ocorrências, ficamos com um universo de 273 materiais. Descartamos ainda um conteúdo patrocinado (publicado em 29 de outubro de 2017, com o título *Envelhecimento é uma das apostas de tema*) e outro, por ser a reprodução do trecho de uma obra literária (publicado em 5 de novembro de 2017, com o título *Silêncio*). Também descartamos as publicações de sinopses de peças teatrais, o que representou a eliminação de mais 18 conteúdos.

Ficamos, por fim, com 253 conteúdos, como pode ser visualizado parcialmente a seguir³⁵.

³⁵ Pelo seu tamanho integral, a tabela é parcial e serve de demonstração do procedimento adotado. A tabela completa encontra-se no apêndice.

Tabela 2: Mapeamento completo da *Folha de S. Paulo* em 2017

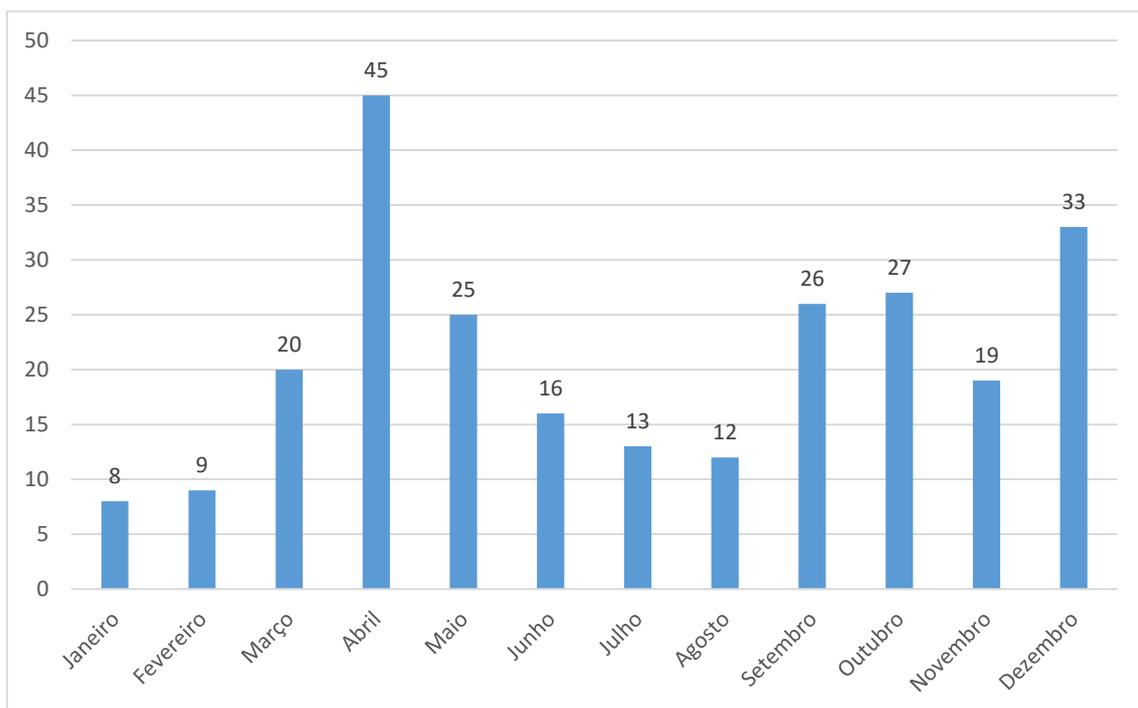
Suicídio

Nº	Nº/Mês	Data	Editoria	Página	Título	Tipo	Gênero
1	1	04.01.2017	Cotidiano	B3	Facções do crime disputam rotas na região do Trapézio Amazônico	Notícia	Informativo
2	2	13.01.2017	Guia Folha	48	Morte acidental de um anarquista	Sinopse	Sinopse
3	3	17.01.2017	Ilustrada	C4	Afinação l' valoriza pensamento crítico, mas sem doutriná-lo	Resenha	Opinativo
4	4	20.01.2017	Cotidiano	B2	Porque	Coluna	Opinativo
5	5	20.01.2017	Guia Folha	58	Morte acidental de um anarquista	Sinopse	Sinopse
6	6	20.01.2017	Morte Na Lava Jato	3	Assassinatos marcaram Lava Jato da Itália	Notícia	Informativo
7	7	22.01.2017	Cotidiano	B3	Presos 'federais' ficam isolados 22h por dia	Notícia	Informativo
8	8	27.01.2017	Guia Folha	12	Um novo "filme de Natal"	Resenha	Opinativo
9	9	27.01.2017	Guia Folha	52	Morte acidental de um anarquista	Sinopse	Sinopse
10	10	29.01.2017	Cotidiano	B3	Vítimas de pichadores, donos de imóveis em SP somam prejuízos e desânimo	Notícia	Informativo
11	11	30.01.2017	Ilustrada	C4	Eclético e com tipo para vilões, John Hurt não esnobou Hollywood	Notícia	Informativo
12	1	02.02.2017	Mundo	A12	Escolhido agrada à direita por apoiar argumento religioso	Notícia	Informativo
13	2	02.02.2017	Mundo	A13	Deputados do Reino Unido dão 1º aval a processo do 'brexit'	Notícia	Informativo
14	3	03.02.2017	Guia Folha	53	Morte acidental de um anarquista	Sinopse	Sinopse
15	4	05.02.2017	Mercado	A20	Brasil vai ser rebaixado	Coluna	Opinativo

Fonte: A autora.

Desse material integral, fizemos as seguintes avaliações. Para averiguar se houve uma concentração maior de conteúdo da temática em algum período específico ao longo do ano de 2017, agrupamos os conteúdos mensalmente. O resultado apresentou-se relevante. Num primeiro momento, acreditávamos que haveria uma concentração maior apenas nos meses de abril, em função do auge das notícias relacionadas ao Desafio da Baleia Azul, e setembro, por conta das atividades relacionadas ao Setembro Amarelo. Como previsto, em abril houve maior número de conteúdo, com 45, o que representa 17,7% do total do ano. Houve também um número considerável de materiais em setembro, mas que não chega a destoar muito de outros meses, como mostra o gráfico a seguir:

Gráfico 2: Distribuição por mês



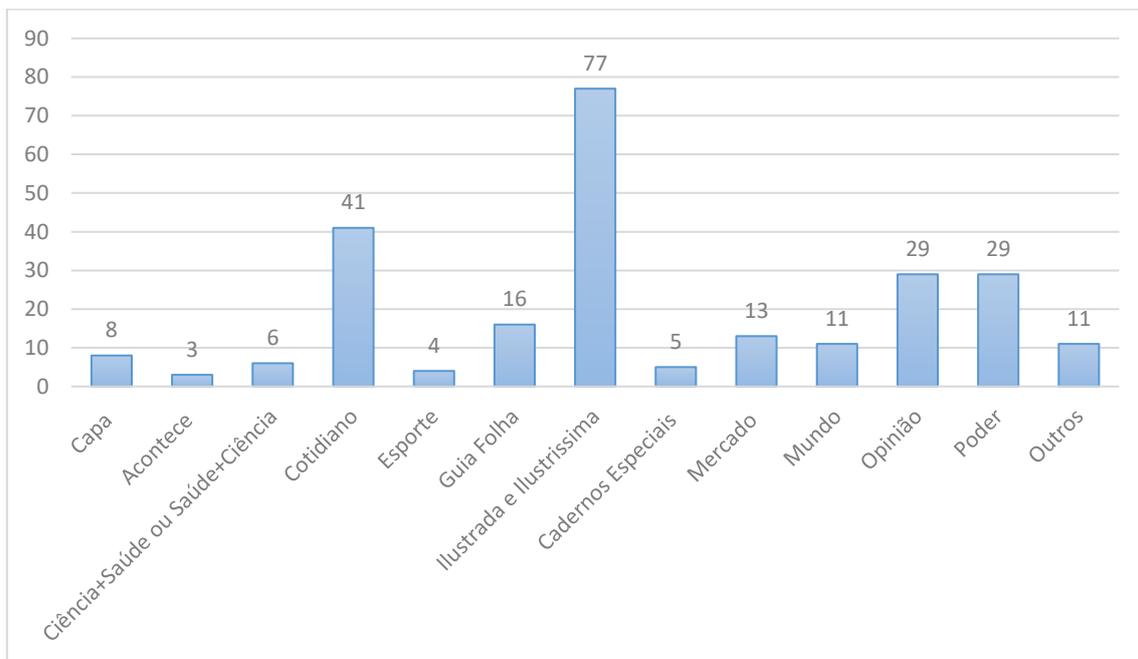
Fonte: A autora.

Destacamos ainda uma quantidade grande de conteúdos no mês de outubro. O elevado número de matérias deve-se ao suicídio do reitor afastado da Universidade de Santa Catarina (UFSC) Luiz Carlos Cancellier e aos dobramentos nos dois meses seguintes, novembro e dezembro. Além disso, em dezembro, segundo mês com mais conteúdo, há materiais de diversos enfoques, em especial, sobre o suicídio no ambiente acadêmico.

Com base neste gráfico, confirmamos que a temática suicídio esteve presente o ano inteiro no noticiário da *Folha de S. Paulo*. Essa observação é relevante, na respectiva pesquisa, porque ajuda a desconstruir o pensamento de que o suicídio não é um tema abordado.

Outra consideração sobre o mapeamento é a divisão do conteúdo a partir da sua editoria de publicação. A intenção foi identificar se a temática ficava concentrada em uma editoria ou permeava várias, no jornal. A diversidade confirmou-se, como é possível verificar no gráfico 3.

Gráfico 3: Distribuição por editorias



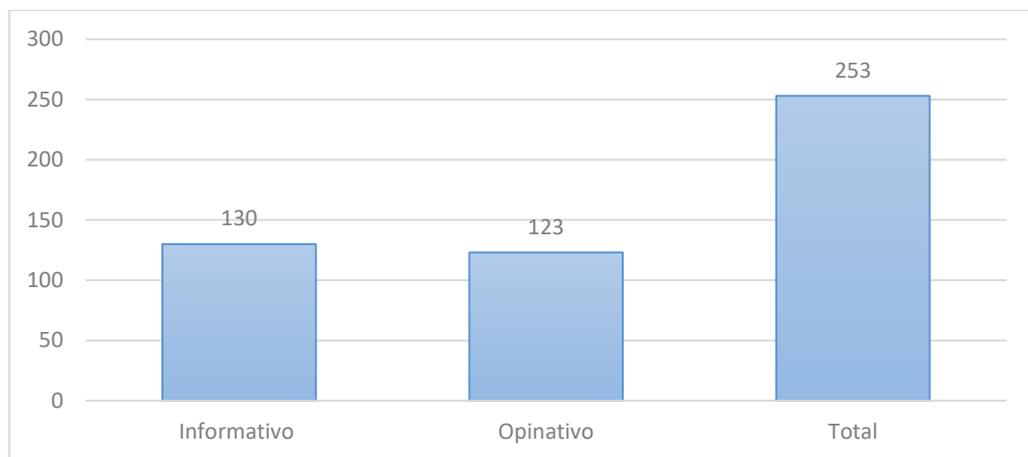
Fonte: A autora.

Na análise dos dados, verificamos que o maior número de conteúdo está nas editorias *Ilustrada* e na *Ilustríssima*, que são voltadas à produção cultural. Esse ponto será investigado com maior profundidade na análise do conteúdo das notícias. A partir do gráfico 3, identificamos um número representativo na editoria *Cotidiano* (41), onde são noticiados os casos de crimes e assuntos relacionados à saúde. Um dos destaques é a presença da palavra *suicídio* na capa, em 8 ocasiões. Mesmo que o número seja praticamente insignificante se pensarmos o ano inteiro, com 365 edições,

é uma informação interessante e que comprova a importância do assunto na sociedade.

Após essas observações, diante de todo o material, promovemos a distinção entre o opinativo e o informativo (MELO, 1994). A separação por gêneros jornalísticos buscou mostrar, em quantidade, o percentual do que é produzido pelo jornal como notícia daquilo que é veiculado, mas contém uma opinião, ou da empresa, no caso dos editoriais, ou de artigos e colunas, que são canceladas pelo jornal.

Gráfico 4: Gêneros informativo e opinativo



Fonte: A autora.

Com a separação, chegamos ao seguinte resultado: informativo, com 130 conteúdos; e opinativo, com 123. Assim, podemos afirmar que a temática do suicídio aparece em equilíbrio nos dois tipos de gênero.

Seguindo os eixos da metodologia da Análise Textual Discursiva (ATD), o próximo procedimento será concentrado no processo de *unitarização*, *categorização* e, por fim, a geração dos *metatextos*.

4 UNIDADES, CATEGORIAS E METATEXTOS

Seguindo o processo de pesquisa, ingressamos nessa etapa na análise propriamente dita. Partindo do caminho indicado por Moraes e Galiazzi (2007), apresentado no capítulo anterior, iremos aplicar os conceitos da Análise Textual Discursiva (ATD). No primeiro momento, iremos extrair do corpus suas unidades. Em seguida, elas serão agrupadas em categorias. A terceira etapa consiste na criação dos metatextos, e, por fim, os mergulhos discursivos, que tratam da etapa de interpretação final.

Antes de avançarmos, iremos esclarecer os procedimentos adotados na definição e recorte do corpus. Do conteúdo integral mapeado, conforme apresentado no final do capítulo anterior, recortamos apenas aquelas matérias que se enquadravam no gênero informativo, totalizando 130. A primeira ação foi a de criarmos uma tabela específica, em que cada material foi numerado de 1 a 130, levando em consideração a data de publicação, em ordem crescente. A respectiva numeração é fundamental porque a utilizaremos para identificar a origem dos fragmentos do texto na construção do metatexto, por exemplo, n. 1; n. 2, e, assim, respectivamente. Também identificamos nela a editoria, página e o título do conteúdo, como representado na Imagem 4.

Ainda na tabela, fazemos uma descrição do conteúdo, de maneira sucinta, para facilitar a compreensão de qual foi o uso da palavra *suicídio* adotado no material. Além disso, identificamos a(s) unidade(s) extraída(s) do conteúdo, que já integra parte da análise. Ao fim do processo, temos uma tabela do mapeamento³⁶ e uma tabela das unidades.

³⁶ A íntegra da tabela encontra-se no apêndice.

Imagem 4 – Modelo de identificação do conteúdo

Informação sobre a data da edição e a página.

FOLHA DE S. PAULO
QUARTA-FEIRA, 12 DE ABRIL DE 2017 37

saúde+ciência

Informação sobre a editoria.

SINAIS DE ALERTA
Comportamentos podem indicar plano de suicídio

N. 23

Titulo da reportagem

Medicina da USP se mobiliza após tentativas de suicídio

Faculdade criou grupo de atendimento psicológico após seis casos neste ano

Todos são do 4º ano do curso, no qual alunos enfrentam a realidade da profissão e sofrem pressão com o internato

CLÁBIA COLLICCI DE SÃO PAULO

Um série de tentativas de suicídio entre alunos do quarto ano de medicina da USP tem mobilizado estudantes e professores de uma das melhores faculdades do país. A maioria dos casos foram registrados neste ano — três nas últimas semanas.

Depressão em adolescentes
Sinais podem indicar a doença entre os jovens

Depressão em adolescentes é uma condição que afeta milhões de jovens em todo o mundo. Os sintomas incluem tristeza persistente, perda de interesse em atividades que gostavam de fazer, alterações de peso, alterações de sono, dificuldade de concentração e pensamentos negativos.

Carca de 90% das pessoas que morrem de suicídio possuem transtornos mentais. Elas poderiam ser tratadas e acompanhadas.

Contatos para obter ajuda

Centro de Valorização da Vida (CVV): 141
É possível contatar e receber apoio emocional do CVV via internet ou telefone, 24 horas por dia.

Titulo da reportagem

Especialistas se preocupam com retrato de suicídio em série

Série de Netflix '13 Reasons Why' trata do tema de modo descuidado, segundo especialistas, o que pode provocar efeitos negativos

N. 24

PHILIPPE WATANABE DE SÃO PAULO

A recém-lançada série "13 Reasons Why" (13 razões pelas quais), da Netflix, caiu na boca do povo por abordar temas polêmicos como suicídio. Contudo, o conteúdo conta a trama é conduzida tem preocupado médicos.

Também conhecido pela abreviatura "13rw", o seriado, baseado no livro homônimo lançado em 2007, conta a história de Hannah Baker, uma adolescente que se suicida. Na história, a personagem aponta os motivos (o bullying e estupro) e as pessoas "culpadas" pelo ato.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), quando o assunto é violência no público de modo adequado, pode ocorrer o efeito de prevenção de mortes e discussão saudável. Por outro lado, quando o efeito de modo descuidado — como muitos avaliam ser o caso —, o resultado pode ser exatamente o oposto.

A preocupação dos especialistas é que se seriado possa causar um efeito de imitação no mundo real, conhecido como "efeito Werther". Após a publicação do livro "Os Segredos do Jovem Werther" em 1774, houve diversas mortes relacionadas à obra.

Para Neury Botega, professor da Unicamp e fundador da Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio, um dos problemas de suicídio é a ideia de apontar os culpados. "O suicídio é um fenômeno complexo e bastante para não suportar uma explicação simplista, uma causa e efeito", afirma.

Segundo recomendações da OMS para a veiculação de conteúdos relacionados ao suicídio, não se deve tentar atribuir culpas.

Outra questão problemática levantada por especialistas ouvidos pela Folha é também por participantes de grupos de discussão sobre o suicídio: a romantização do suicídio. A história da adolescente cortada no pós-morte já traz esse elemento, de acordo com Luis Trífoli, professor de psiquiatria na área de saúde. Mas a cena mais penosa da série, segundo os médicos, é a que mostra o suicídio.

"É sensacionalismo deletéreo, prejudicial para os jovens", diz Alexandrina Meleto, coordenadora da comissão de estudo e prevenção de suicídios da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Segundo a OMS, não se deve mostrar métodos ou imagens de suicídio. É preocupante com adolescentes vulneráveis, que podem estar enfrentando problemas ou crises mentais como a depressão. "A série pode, sim, mobilizar uma pessoa que está mal-vulnerável para um ato autoagressivo", diz Botega.

Segundo Amanda Vidal, gerente de comunicação da Netilxno Brasil, a série é uma adaptação do livro, no qual a cena é descrita detalhadamente. "A abordagem foi discutida entre a equipe e consultores na área de saúde. Houve todo um cuidado de tratar um tema sensível com seriedade e autenticidade. São cenas fortes, gráficas, mas é preciso mostrar o quanto aquilo dói para as pessoas."

Os especialistas afirmam que, mesmo errando bastante a mão em alguns pontos, a série pode incentivar a conversa e a observação do entorno para sinais de alerta. Segundo o CVV (Centro de Valorização da Vida), o número de e-mails recebidos aumentou quase três vezes.

"Essa série coloca a problema na sala de visita das famílias", diz Botega.

Fonte: A autora.

Tabela 3: Mapeamento do conteúdo informativo

MAPEAMENTO DO CONTEÚDO INFORMATIVO

Nº	Data	Título	Descritivo e contexto da palavra	Unidades
1	04.01.2017	Facções do crime disputam rotas na região do Trapézio Amazônico	A reportagem trata do crescente na violência da região do Trapézio Amazônico. O suicídio aparece como um indicador de criminalidade.	Suicídio como indicador de criminalidade
2	20.01.2017	Assassinatos marcaram Lava Jato da Itália	Reportagem sobre mortes relacionadas às operações contra a corrupção na Itália. O suicídio foi a saída de investigados para não enfrentar a Justiça.	Suicídio como fuga da Justiça.
3	22.01.2017	Presos 'federais' ficam isolados 22h por dia	Reportagem sobre o rigor dos presídios federais. Cita problemas psicológicos entre os presos, como tentativas e suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
4	29.01.2017	Vítimas de pichadores, donos de imóveis em SP somam prejuízos e desânimo	Reportagem sobre pichações em região do centro de São Paulo. Entre os prédios está a sede do CVV, que atua na prevenção ao suicídio.	Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV.
5	30.01.2017	Eclético e com tipo para vilões, John Hurt não esnobou Hollywood	Suicídio como maneira de morte de personagens vivenciados pelo ator.	Descartado
6	02.02.2017	Escolhido agrada à direita por apoiar argumento religioso	Suicídio é citado como tema de um livro escrito por juiz indicado para vaga na Suprema Corte	Descartado
7	02.02.2017	Deputados do Reino Unido dão 1º aval a processo do 'brexit'	Palavra no sentido figurado.	Descartado
8	12.02.2017	Não abandonarás	Nota sobre médica veterinária que se suicidou. No caso, o ato foi relacionado a 'fadiga por compaixão'.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
9	20.02.2017	Kurt, 50	Reportagem sobre o aniversário de 50 anos do músico Kurt Cobain, que cometeu suicídio.	Suicídio relacionado a complexidade artística. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
10	01.03.2017	Modo de vender a reforma definirá seu sucesso político'	Suicídio político. Reportagem sobre as reformas na previdência	Descartado

Fonte: A autora.

Tendo como referência a análise proposta nessa pesquisa, de verificar o conteúdo jornalístico pelo viés da responsabilidade social e ética, adiantamos que não

utilizaremos todos os 130 materiais listados. Aqueles que trouxeram a palavra *suicídio* em seu texto, mas sem a mesma estar inserida no contexto proposto, como no sentido figurativo, como o suicídio político, não serão usados nas análises. Os conteúdos excluídos foram identificados como “descartados”. Assim, ficamos com 96 matérias para apuração.

4.1 AS UNIDADES

As unidades representam um elemento de que em relação ao fenômeno investigado na pesquisa. Elas surgem da “unitarização”, que é um “processo de recorte e fragmentação de textos reunidos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 47). Podem ser compreendidos também como uma maneira de desmembrar o texto. A unitarização requer ainda que o pesquisador comece a assumir o seu papel como autor, em que suas interpretações começam a ter representatividade na análise.

Como dito no capítulo anterior, as unidades podem ser pré-estabelecidas ou definidas durante a análise, chamadas *emergentes*. Optamos pelo segundo tipo. Assim, as unidades são resultantes da leitura do corpus e do que delas derivaram, a partir dos fragmentos de textos, levando em consideração o arsenal teórico montado nos capítulos 1 e 2, que serve de sustentação à decisão de apontar as unidades. Mas também compreendemos que é preciso ir além, como os autores orientam, “se não conseguirmos ir além de nossas teorias já constituídas, não há possibilidade de avançar em nossa compreensão” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 65)

As indicações da relação do corpus e unidade estão expressas na tabela 3. As seguintes unidades foram extraídas dos conteúdos, conforme detalhado na tabela anterior, e estão listadas na tabela a seguir:

Tabela 4: Unidades do conteúdo informativo

Número	Unidades
1	Suicídio como indicador de criminalidade
2	Suicídio como fuga da Justiça
3	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico
4	Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV
5	Suicídio relacionado à complexidade artística
6	Suicídio como fundo do poço da vida
7	Possibilidade de superação após uma tentativa de suicídio
8	Suicídio como um problema de saúde pública
9	Suicídio como resposta à angústia individual
10	Suicídio como característica de uma comunidade
11	Suicídio representado nas produções artísticas
12	Suicídio de jovens
13	Suicídio no meio acadêmico.
14	Suicídio como resposta às pressões
15	Dificuldades em debater o assunto por preconceito.
16	A questão do contágio
17	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio
18	Jogo nas redes sociais incentiva jovens ao suicídio
19	Alerta aos pais para o suicídio de jovens
20	Incentivar o suicídio é crime
21	Suicídio como morte violenta
22	Detalhes do método utilizado na morte
23	Suicídio como resposta ao sofrimento juvenil.
24	Suicídio que transforma a vida de outras pessoas
25	Tentativa de suicídio relacionado ao abuso de drogas e álcool
26	Tabu da mídia ao tratar casos de suicídio
27	Tentativa de suicídio como protesto contra a sociedade
28	Tentativa de suicídio por discriminação de gênero
29	Homicídio seguido de suicídio
30	Assunto mantido em sigilo
31	Suicídio pelo sofrimento do abuso sexual
32	Suicídio dentro da família
33	Suicídio de personalidade
34	Suicídio acontecimento marcante
35	Suicídio para encobrir assassinato
36	Suicídio como chantagem
37	Suicídio como risco à vida

Fonte: A autora.

4.2 AS CATEGORIAS

“A categorização constitui movimento de síntese, de construção de sistemas de categorias capazes de expressarem as novas aprendizagens e compreensões construídas no processo de análise” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 8). Ainda segundo os autores, cada uma traz uma perspectiva diferente do fenômeno em questão.

As categorias foram selecionadas a partir do agrupamento das unidades, conforme indicado na ATD, e também levando em consideração o referencial teórico apresentado nos dois primeiros capítulos dessa pesquisa. Porém, gostaríamos de deixar claro que elas foram definidas pelo pesquisador e a bagagem teórica trazida até este momento. É importante ressaltar que o conteúdo textual permite diferentes compreensões: “sempre é possível construir vários conjuntos de categorias a partir de um mesmo conjunto de informações” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 29). Em resumo, outros pesquisadores, ao ter contato com o mesmo corpus, poderão vir a identificar ou agrupar as informações em categorias diferenciadas das indicadas nesta pesquisa. Por fim, acreditamos que as categorias são “as pontes” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 33) para compreendermos o fenômeno.

Tabela 5: Categorias do conteúdo informativo

Número	Categoria
1	Como são noticiados os casos de suicídio?
2	Reconhecimento das ações de prevenção do CVV
3	O suicídio relacionado aos jovens
4	O suicídio no ambiente acadêmico
5	O suicídio e a falta de controle nas redes sociais
6	O suicídio relacionado às produções artísticas
7	A cultura e a abordagem do suicídio
8	Suicídio como um problema de saúde pública e relacionado às doenças mentais
9	A responsabilidade da sociedade

Fonte: A autora.

Reforçamos a não obrigatoriedade de utilizar todo o conteúdo dos textos (MORAES; GALIAZZI, 2007). Mesmo assim, a partir da visão panorâmica do conteúdo, há notícias que aproveitaremos mais do que outras, até pela repetição de informações que ocorre em alguns casos.

4.3 OS METATEXTOS

Passamos agora para a construção do metatexto. De acordo com Moraes e Galiazzi (2007), a Análise Textual Discursiva prevê a criação deles a partir dos fragmentos extraídos do conteúdo analisado, organizados em categorias, já identificadas. Segundo os autores, caberá ao pesquisador o “encaminhamento adequado na construção desses metatextos” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 33). Assim, ao final de cada um, faremos uma análise prévia do que foi exposto. Acreditamos que a separação entre o que é texto original e a crítica, tornará mais fácil a compreensão do que o jornal diz e o que nos, pesquisadores, refletimos sobre o conteúdo. Além disso, utilizamos as palavras que consideramos indicadas para que o metatexto fizesse sentido a partir dessa união de fragmentos.

Para facilitar a identificação da origem do conteúdo, os textos reproduzidos do jornal estão em itálico, seguido pela numeração do conteúdo que foi retirado. Por exemplo, *casal foi encontrado morto em um quarto do hotel Maksoud Plaza, na região central de São Paulo* (n. 29), o seguinte fragmento de texto corresponde à matéria número 29, com título *Casal é achado morto a tiros em hotel de luxo perto da av. Paulista*, publicada no dia 17 de abril de 2017.

4.3.1 Como são noticiados os casos de suicídio?

As notícias sobre os casos de suicídio seguem basicamente um padrão. No primeiro momento, há a apresentação das pessoas envolvidas e sua devida posição social, como indicamos nos trechos a seguir, além das indicações do tipo de morte. *Um casal foi encontrado morto em um quarto de hotel Maksoud Plaza, na região*

central de São Paulo (n. 29) em que suspeita inicial é que tenha sido um homicídio seguido de suicídio (n. 29).

O gráfico Fernando Santos da Silva, 33, é acusado e (sic) matar a tiros a mulher, Edna Aparecida Santos da Silva, 35, e a enteada Rayssa Mayara Santos Martins, 13, na casa em que moravam em Cajamar (Grande SP) (n. 57). Depois, ele mandou mensagem dizendo que iria cometer suicídio (n. 57), o que se confirmou. Um delegado da Polícia Civil matou a mulher e se matou em seguida na madrugada deste domingo (n. 81). O crime aconteceu no apartamento de alto padrão onde o casal morava, na rua Tucuna, por volta das 6h30 (n. 81).

O ex-cirurgião Farah Jorge Farah, 68, condenado pela morte da ex-amante em SP, cometeu suicídio ontem, quando policiais foram à sua casa para cumprir mandado de prisão (n. 90).

O reitor afastado da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina), Luiz Carlos Cancellier de Olivo, foi encontrado morto na manhã desta segunda (2) em Florianópolis, por volta das 10h30 (n. 92).

Foi noticiada ainda a morte do vigia noturno Damião Soares dos Santos, em Janaúba (interior de Minas Gerais), que ateou fogo na creche e matou oito crianças e uma professora, além de si mesmo (n. 96).

Ou ainda a ocorrência do deputado estadual conservador do Kentucky, nos EUA, acusado de abuso sexual de uma adolescente, que foi encontrado morto na noite desta quarta (13) e que a polícia trata o caso como suicídio (n. 121).

Outro elemento presente nessas matérias é o detalhamento do método utilizado no suicídio, como, principalmente, o uso de arma de fogo. *A PM informou que os dois corpos tinham marcas de tiro, mas só a perícia poderá confirmar as circunstâncias das mortes (n. 29); dois dias depois, sobre o mesmo caso, foi informado que os jovens foram à casa de Kaena, no sábado (15), de onde levaram uma pistola Glock que pertencia ao padrasto dela, policial civil aposentado (n. 32), indicando que a origem da arma. No outro caso relato, ao lado de Fernando, estavam o celular dele e um revólver calibre 32 (n. 57). Cristian Sant'Anna Lanfredi e Cláudia Zerati foram encontrados na cama de casa – ela, com um tiro na testa, e ele, com um disparo do lado direito da cabeça (n. 81) e encontraram um revólver calibre 38 (n. 81).*

Ele teria feito cortes na perna com um bisturi, e não houve tempo de socorro (n. 90), no caso do ex-cirurgião Jorge Farah. Ou ainda, o *corpo* [do reitor afastado da USFC] *estava no vão central do Beiramar Shopping, um dos mais tradicionais de Florianópolis* (n. 92), *ao lado da escada rolante no primeiro piso* (n. 92). Sobre o mesmo caso há o detalhe de que *o Beiramar tem sete pavimentos, entre lojas e garagens, que dão acesso ao vão. A suspeita é de que Cancellier tenha pulado de um deles* (n. 92).

No caso do vigia do interior de MG, além da informação que constava de que ele havia ateado fogo ao seu corpo e às vítimas, o texto detalha ainda mais, dizendo que, após encontrar um grupo de crianças, *Damião espalhou combustível sobre eles – sem perícia, análises preliminares acreditam que seja álcool, líquido que ele armazenava em casa para auxiliar na refrigeração dos picolés* (n. 96). Na ocorrência do deputado norte-americano, há a informação de que ele foi *achado ao lado de uma ponte de Mount Washington, na região de Louisville, maior cidade do estado, com uma marca de bala na cabeça* (n. 121).

Em seguida, notamos que os textos buscam justificativas para tais atos de suicídio, com pincelamos a seguir. *Estudante morta em hotel viu série sobre suicídio* (n. 32) ou um sofrimento particular, *‘sei que estou fazendo todos sofrerem, mas isso é necessário para que eu pare de sofrer. Obrigada por tudo que vocês fizeram por mim’* (n. 32). *Ele sofria de depressão profunda. Em 2016, sua mãe morreu enquanto esperava por transplante de fígado* (n. 81), ou *há episódios que indicam nele um comportamento estranho. Em 2014, ele procurou a Promotoria em Janaúba para denunciar a própria mãe que, segundo ele, tentava envenená-lo pela comida* (n. 96). Outro fator que pode ter sido influenciar foi que *no dia do atentado, completavam exatos três anos da morte de seu pai. Dois dias antes, ele teria dito à famílias (sic) que ‘daria um presente’ a eles e cometeria suicídio* (n. 96).

Condenado pelo esquartejamento da amante, médico se matou no momento em que seria levado preso pela polícia (n. 91), sendo que ele *tinha sido condenado a 14 anos e oito meses de prisão* (n. 91), *‘queria ter feito a prisão para ele cumprir a pena, mas não deu tempo’* (n. 91), disse o delegado que ia prendê-lo. O caso é agravado ainda pelo possível desequilíbrio mental do ex-cirurgião, que *estava vestido com roupas femininas, uma camiseta justa azul e uma calça legging, e tinha feito implantes de silicones* (n. 91) e *era conhecido também por seus hábitos excêntricos...*

e há algum tempo, ele passou a chamar atenção pelos implantes de silicone no peito e nas nádegas (n. 91).

Outra justificativa aparece neste trecho a seguir da reportagem sobre a investigação de corrupção na Itália, que teve *entre os efeitos colaterais da Mãos Limpas estão (sic) uma série de suicídios de empresários e o assassinato dos juízes Giovanni Falcone e Paolo Borsellino, pela máfia, que tinha ligações com políticos envolvidos no escândalo (n. 2).*

Ele [reitor afastado da UFSC que cometeu suicídio] e outras seis pessoas ligadas à UFSC foram presos em uma operação da Polícia Federal (n. 92), em que é suspeito de desviar R\$ 80 milhões em recursos que deveriam ser investidos em programas de EAD (educação a distância) (n. 92). Ele negava envolvimento em irregularidades (n. 92) e, em bilhete, deixou a mensagem: 'minha morte foi decretada no dia do meu afastamento da universidade' (n. 92), reforçado pela fala dos advogados, que 'a injustiça sobre os ombros de uma pessoa inocente é um fardo por demais pesado e muito difícil de ser suportado' (n. 92).

O conservador Dan Johnson (n.121) era acusado de abuso sexual (n. 121). Apesar das denúncias, afirmava que as acusações eram 'totalmente falsas' e parte de uma estratégia nacional para desacreditar a ala republicana mais conservadora (n. 121) e, na rede social, dizia sofrer de estresse pós-traumático. 'É uma doença que vai tirar minha vida, não posso mais aguentar. Derrotou esta vida, mas o céu é minha casa', dizia o texto, que depois foi apagado (n. 121).

Normalmente, na narração jornalística dos casos, as fontes e explicações são de origem policial. Segundo a *Polícia Militar, a suspeita inicial é que tenha sido um homicídio seguido de suicídio (n. 29). A PM informou que os dois corpos tinham marcas de tiro, mas só a perícia poderá confirmar as circunstâncias das mortes (n. 29). De acordo com a polícia, o irmão de Silva, 31 anos, foi para o local, arrombou a porta, e encontrou os três mortos (n. 57). Segundo a polícia, Lanfredi trabalhava na Assembleia Legislativa, mas estava afastado para fazer tratamento (n. 81). O caso foi registrado no 91º Distrito Policial como homicídio qualificado e suicídio (n. 81). Ele cometeu suicídio, de acordo com a Polícia Civil (n. 92) e o teor da mensagem foi confirmado pela Secretaria de Segurança de SC e pelos advogados do reitor (n. 92). A polícia trata o caso como suicídio (n. 121). Segundo o coronel Dave Billings, da*

polícia local, o parlamentar dirigiu até uma estrada afastada da cidade e então desceu do veículo. 'Eu diria que provavelmente é suicídio', afirmou o policial (n. 121). Além disso, a polícia apura tentativas de suicídios no RJ e no PR (n. 34), no caso envolvendo o jogo da Baleia Azul. A Secretaria de Segurança e a Polícia Civil do PR decidiram montar uma força-tarefa para investigar os responsáveis pela incitação (n. 34) e que em seguida recebeu o reforço da Polícia Federal (n. 41). O pedido, que já havia sido realizado informalmente, foi formalizado à PF nessa semana (n. 41).

Identificamos ainda a existência de uma necessidade extra de credibilidade na confirmação do suicídio. Esse aspecto fica em evidência na reportagem *Perícia oficial na Argentina conclui que promotor foi assassinado (n. 89). O relatório contradiz perícia anterior que apontou suicídio diante da falta de provas – muitas evidências se perderam ou foram alteradas quando a cena da morte foi tomada por muita gente (n. 89), especialmente quando envolve situações de clamar popular. O crime abalou o país e teve repercussão extrema. [Alberto] Nisman morreu na véspera de apresentar ao Congresso relatório em que acusava a então presidente Cristina Kirchner de encobrir investigações do atentado contra a Amia, Associação Mutual Israelense Argentina, em 1994 (n. 89). Importante destacar que a mudança na informação ocorreu dois anos após o registro do caso.*

4.3.1.1 Análise prévia

Nesta categoria, buscamos relacionar os casos de pessoas que cometeram suicídio, como foram noticiados e os padrões de discurso. Identificamos basicamente algumas situações. A primeira é que, normalmente, as ocorrências de suicídio receberam atenção da mídia porque extrapolaram uma questão pessoal e individual. Assim, estavam relacionados a outra característica externa, como envolvendo homicídios, seguido de suicídio; ocorreram em lugares diferenciados, como um hotel de luxo; ou são pessoas com cargos relevantes na sociedade ou personalidades. Especificamente nos casos de suicídios ocorridos após homicídios, o destaque é maior pelo contexto e pela vítima morta, tendo como princípio que ela não queria morrer, do que propriamente do suicida em si.

A segunda situação é que apesar da recomendação da OMS para o cuidado no momento da produção do conteúdo, verificamos que as orientações não são seguidas. Citamos os detalhes do método utilizados pelas pessoas que tiraram a própria vida. Ao contrário, todos os casos noticiados de suicídio indicam a maneira como a pessoa tirou a vida, como *cortes na perna com bisturi* (n. 90), ou que teria se atirado do vão da escada rolante em um shopping, ou dão indícios claros sobre como encontraram *um revólver calibre 38* (n. 81), sem necessariamente dizer que a pessoa tirou a vida com um tiro.

Outra é a abordagem da notícia, que acaba por simplificar as causas que levaram essas pessoas a cometerem suicídio. Como por exemplo do casal que tirou a vida num quarto de hotel de luxo e é relacionado ao fato de a jovem ter visto um seriado. Em algumas narrativas, é possível compreender o suicídio como uma maneira de fugir do cumprimento da Justiça. Essa situação fica em evidência no suicídio do médico Farah Jorge Farah, que estava prestes a ser preso; ou os casos relacionados às investigações de corrupção, como na Itália, ou no caso do ex-reitor da UFSC, que estava envolvido em uma investigação.

Nessa simplificação para justificar o ato, os discursos relacionados às mortes apresentadas nessa etapa parecem não trazer a possibilidade de que o suicídio pudesse ter sido evitado. Ao contrário, reforçam a narrativa de causa e efeito. Em outras palavras, uma determinada situação resultou no ato de tirar a própria vida. Não queria ser preso, se matou. Viu a série e estava deprimida, se matou. Brigou com a esposa, matou-a e se matou. Essa postura também é contestada pelas entidades de saúde, que a criticam, por considerarem o suicídio uma morte complexa, e o gesto final estar ligado, muitas vezes, apenas ao gatilho, não demonstrando a dimensão inteira da situação.

Por ser um crime contra a vida, a confirmação do suicídio está normalmente relacionada aos representantes de órgãos da segurança, como polícia. São eles as principais fontes nas reportagens, assim como os que repassam os detalhes das ocorrências, que posteriormente serão divulgados pela mídia, mesmo que não sejam os únicos a fornecer tais informações.

4.3.2 As ações de prevenção do CVV

No abordado no capítulo referente à prevenção ao suicídio, citamos a atuação do Centro de Valorização da Vida, que também é reconhecida e divulgada pela mídia. *O serviço de aconselhamento (n. 13) do CVV é gratuito, prestado por voluntários (n. 13), que são 2.000 ao todo (n. 13), no país. Pela sua importância, o serviço foi ampliado no país, a partir de uma parceria entre o Ministério da Saúde e o CVV (n. 13). Assim, as pessoas vão passar a discar 188 em qualquer cidade do país (n. 13), ao invés do atual 141, sem custos pela ligação. O número 188 já funciona no estado (Rio Grande do Sul) como projeto-piloto, desde 2015. Para termos uma dimensão da sua relevância, o serviço atinge picos de mil ligações por dia, alcançando um volume total 4,5 vezes superior à média anterior à gratuidade na ligação (n. 13), e o serviço realiza mais de 1 milhão de atendimentos ao ano, por telefone, chat, e-mail, Skype e também pelo Facebook (n. 13).*

Um exemplo de reconhecimento das ações é o trecho da reportagem sobre pichações na região central de São Paulo, que diz que *nem mesmo a unidade do CVV (Centro de Valorização da Vida), que faz prevenção do suicídio voluntariamente, foi poupada (n. 4). O serviço é indicado mesmo numa reportagem que não tenha nenhuma relação com a temática do suicídio*

4.3.2.1 Análise prévia

O trabalho do CVV tem importante reconhecimento na prevenção ao suicídio no país, tanto que a divulgação dos contatos do serviço ocorre em diversas notícias relacionadas à temática, como apontado nas reportagens *‘Medicina da USP se mobiliza após tentativas de suicídio’ (n. 23); na ‘Tentativa de suicídio muitas vezes traz uma mensagem’ (n. 38); ‘Ministro da Justiça manda PF investigar jogo da Baleia Azul’ (n. 41); ‘País registra 30 suicídios ao dia, idosos e índios lideram’ (n. 88); e ‘Suicídio levanta questões sobre saúde mental na pós’ (n. 101).*

Nota-se que, apesar do respaldo social que a entidade recebe, trata-se de um serviço voluntário e não vinculado ao poder público. É verdade que recebe apoio do governo federal, como na parceria para que a ligação não seja cobrada. Porém,

podemos refletir que essa ênfase ao trabalho ofertado pelo CVV seja uma demonstração da existência de uma carência de outras entidades, principalmente às do poder público, em oferecer um serviço efetivo de prevenção ao suicídio de maneira geral na sociedade? Ou que é um modelo que pode ser ampliado, com a presença do poder público, para ampliar o seu campo de atuação na prevenção ao suicídio?

4.3.3 O suicídio relacionado aos jovens

A temática do suicídio e automutilação de jovens recebeu intenso destaque na mídia, sendo puxado pelo impacto provocado pela série *13 Reasons Why*, que abordava de maneira, um tanto controversa, o assunto, entre outros, como bullying e abuso sexual. A repercussão da série foi grande, como destaque nos trechos a seguir. *Estreia na Netflix série de ficção que aborda suicídio adolescente* (n. 19). *A trama sobre uma garota que comete suicídio e deixa 13 fitas cassete para as pessoas que têm influência na sua decisão* (n. 19). Segundo uma das responsáveis pela série, a cantora Selena Gomez, a série foi idealizada como *'algo que poderia falar aos meus fãs, porque via adolescentes me dizendo como se sentiam e os problemas que viviam na época'* (n. 19).

Assim, *em vez de só inquirir o passado em busca do principal culpado pela decisão trágica, a série amplia a discussão do suicídio da jovem, apontando ainda a importância dos professores, dos pais e de outros alunos*. Além disso, o seriado *enfoca como eles lidam com essa perda* (n. 19).

Mesmo que a intenção tenha sido boa, a série trouxe receios. *'Especialistas se preocupam com o retrato de suicídio em série'* (n. 24), uma vez que o consideraram *de modo descuidado, o que pode provocar efeitos negativos* (n. 24). *A preocupação dos especialistas é que o seriado possa causar um efeito de imitação no mundo real, conhecido como 'efeito Werther'* (n. 24). Entre os problemas citados pelos especialistas, estava *a ideia de apontar os culpados* (n. 24), quando o *'suicídio é um fenômeno complexo o bastante para não suportar uma explicação simplista, uma causa e efeito'* (n. 24), como explicou o especialista Neury Botega.

Outro problema foi a *romantização do suicídio*. *A história da adolescente, contada no pós-morte, já traz esse elemento, de acordo com Luís Tófoli, professor de*

psiquiatria da Unicamp (n. 24). A cena mais perigosa da série, segundo os médicos, é a que mostra o suicídio (n. 24), considerada como sensacionalismo deletério, prejudicial para os jovens (n. 24). Destaque para o fato de que ambas situações – a romantização e o detalhe do método utilizado – não devem ser divulgadas, conforme indicam os manuais das entidades de saúde.

‘Houve todo um cuidado de tratar um tema sensível com seriedade e autenticidade. São cenas fortes, gráficas, mas é preciso mostrar o quanto aquilo é doloroso às pessoas’, justificou Amanda Vidigal, gerente de comunicação da Netflix Brasil diante das críticas. ‘Essa série coloca o problema na sala de visita das famílias’, diz Botega (n. 24), e está fazendo a sociedade conversar sobre suicídio, o que sempre foi tabu (n. 38). Inclusive, Botega afirma que a ‘tentativa de suicídio muitas vezes traz uma mensagem’ (n. 38).

Mas porque a atenção especial com o jovem? O adolescente é mais impulsivo, neurologicamente, ele ainda não tem o sistema nervoso central completamente desenvolvido (n. 38), o que o torna mais vulnerável. No Brasil, o suicídio é a quarta maior causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos (n. 88).

O que mais tem chegado ao consultório são pais apavorados com o filho adolescente ou antes disso, que não sai da frente do computador, do jogo. Há casos dramáticos em que os pais, desesperados porque o filho não come, só joga, levam comida para ele no quarto, o que incrementa um círculo vicioso (n. 38). Assim, é preciso conversar, trocar olhares, refletir sobre os problemas juntos. Não dá para liberar a internet a toda hora, ficar na frente da TV na hora do jantar (n. 38). Os pais precisam é botar limites em seus filhos, da mesma forma que devem incentivá-los a serem autônomos e livres (n. 38).

Além disso, o contexto aponta que os jovens estão vulneráveis a agressões de outros jovens, não tendo, muitas vezes, condições de reagir nessas situações e ficando com sequelas que perpassam a juventude. A menina foi alvo de bullying em vários momentos da vida, até desenvolver uma grave depressão no ano passado, conta a mãe (n. 105). Após os pensamentos suicidas, a menina foi afastada da escola por recomendação médica e perdeu os anos letivos de 2016 e 2017 (n. 105). Não conseguiu mais retornar ao colégio. A depressão se agravou. Vieram as ameaças de suicídio, a fobia escolar (n. 105). Perseguição na infância afeta saúde física e mental

e tem reflexo na vida adulta das vítimas (n. 105). Ele faz tratamento para depressão e tentou se suicidar. 'Foram várias tentativas, mas amigos conseguiram me impedir' (n. 105). As motivações de quem pratica o *bullying* a questão racial (n. 105); homofobia (n. 105); ou por ser *gordinho e desajeitado* (n. 105).

4.3.2.1 Análise prévia

A temática do suicídio relacionado a jovens obteve considerável espaço na cobertura jornalística em 2017 em função do lançamento do seriado da *Netflix* e do desafio da Baleia Azul, que será tratado, com maior profundidade, em outra categoria. Podemos considerar que esses dois episódios representam um marco ao dar visibilidade para um assunto pouco, para não dizer, até aquele momento, inexistente na mídia: o suicídio de jovens.

Porém, pelos dados do Ministério da Saúde, o suicídio é a quarta maior causa de morte entre jovens, sendo, assim, um tema latente e que, até então, não encontrava espaço para ser explorado e melhor discutido na sociedade. Ao mesmo tempo, em que trouxe a discussão à tona, o que pode ser considerado um reflexo positivo, o seriado *13 Reasons Why* gerou receios entre especialistas sobre a possibilidade de estimular outros casos, reforçando a dificuldade de romper a barreira do tabu e se falar sobre o suicídio, além é claro de destacar a importância de o assunto ser abordado de maneira adequada pela mídia.

Os textos jornalísticos analisados, em geral, colocam os jovens em posição vulnerável frente às exigências e desafios da sociedade, como indicam os especialistas citados como fontes. Assim, repassam parte da responsabilidade desse comportamento suicida aos pais, que são mostrados, em alguns casos, como incapazes de lidar com a situação.

Ao mesmo tempo, os mesmos especialistas ressaltam que os próprios jovens também necessitam de ajuda, como evidencia o enfrentamento ao *bullying*, que pode provocar tendências suicidas nos que sofrem, e é cometido por outros jovens. Logo, os que praticam essas agressões merecem atenção porque as características que justificam a prática do *bullying* são sociais, como raça e orientação sexual.

Abre-nos a percepção de que o suicídio de jovens carrega consigo outras problemáticas, que vão além da faixa etária, a um desequilíbrio de ordem macrossocial. Fica em evidência que esse jovem não consegue dialogar com a sociedade que vive e que, sem saídas, comete suicídio. Ao mesmo tempo, ele está intolerante com o diferente dessa mesma sociedade, por isso pratica o *bullying*, que pode levar o outro jovem ao suicídio. Além disso, há um discurso de que os pais precisam ser lembrados para dar atenção aos filhos, para evitar que eles cometam suicídio.

Parece evidente que o suicídio nesta faixa etária se mostra como uma ponta de um gigantesco e complexo *iceberg*, que esconde uma série de fatores e influências sociais, que, dentro do possível, as reportagens apontam, mesmo que superficialmente, em alguns casos.

4.3.4 O suicídio no ambiente acadêmico

Na mesma onda do suicídio de jovens, a segmentação de casos entre os estudantes de graduação e pós-graduação trouxe à tona um assunto importante e preocupante, como trazem alguns trechos de reportagens identificadas.

Uma série de tentativas de suicídio entre alunos do quarto ano de medicina da USP tem mobilizado estudantes e professores de uma das melhores faculdades do país (n. 23). 'Esgotamento, ansiedade, depressão, internações psiquiátricas, tentativas de suicídio, mortes. Os relatos [dos estudantes] nos parecem crescentes em frequência e intensidade, e soam como um pedido de ajuda' (n. 23).

Outra crítica é *porque as pressões se multiplicam (n. 23)*, nesta fase do curso (quarto ano), em que *as aulas começam às 8h e terminam às 18h quase todos os dias (n. 23) e em apenas dez semanas de duração, somos cobrados sobre fisiopatologia das doenças, sobre diagnósticos e sobre quais exames solicitar para excluir ou confirmar hipóteses (n. 23)*, além da rivalidade existente entre os estudantes, como fica em evidência quando *há disputas infantis por notas, muitas divulgadas nominalmente (n. 23)*. Existe ainda um processo de exclusão, em que é formada a *famigerada 'panela lixo' ou esses estudantes são excluídos e tem que mendigar uma vaga entre os grupinhos já formados (n. 23)*.

Nos cursos de pós-graduação, ocorre o mesmo. A consequência pode ser drástica, como *um aluno de doutorado, do Instituto de Ciências Biomédicas da USP, que se suicidou no laboratório no qual trabalhava* (n. 101), o que foi relacionado ao pico de exigência da sua formação, uma vez que *ele estava próximo da qualificação (exame crucial que precede a defesa da tese) e vinha enfrentando problemas em sua pesquisa* (n. 101). O mesmo sentido é compartilhado por outros relatos. *Foram várias as situações em que, mesmo sabendo que não cometeria suicídio, pensava 'até que não seria má ideia'* (n. 124) e *estou no meu segundo ano de doutorado e já fiz planos de suicídio mais de uma vez* (n. 124); os relatos de *depressão, esgotamento, crises de ansiedade, frustrações, medo, vergonha, surto psicótico, raiva e humilhações* (n. 124). Entre os fatores, estão os *prazos apertados, pouco dinheiro, pressão para publicar artigos, carga de trabalho excessiva, cobranças, solidão* (n. 101).

As relações conflituosas com orientadores se destacam: *minha orientadora sumia por meses* (n. 124); *minha orientadora me tratava com pouco caso, atribuindo o fracasso a mim mesmo, quando não tinha a ver comigo* (n. 124); *apesar do péssimo relacionamento com a minha orientadora* (n. 124); *meu orientador simplesmente me agarrou no laboratório* (n. 124); *meu orientador não orientava, ele desorientava todos os seus alunos* (n. 124); *minha ex-orientadora se tornou um pesadelo* (n. 124).

As dificuldades das instituições também desestabilizam esses estudantes. *Crise afeta saúde de aluno e professor na Uerj. Desânimo toma conta de ambiente acadêmico, com sinais de esgotamento e de depressão em estudantes e funcionários* (n. 68), em que o agravamento abate grupos de maneiras diferentes. Por exemplo, a *depressão já é mais prevalente entre os estudantes de medicina do que na população em geral, devido à pressão natural do curso* (n. 68), e *quem ocupa posições de liderança também se abala* (n. 68). E os reflexos aparecem, *'tenho sentido entre os docentes muitos indícios de síndrome de burnout [esgotamento]'*, diz Alessandro Gemino, coordenador do Núcleo de Apoio Psicopedagógico ao Residente. *'As pessoas não aguentam mais, querem deixar a universidade'* (n. 68) e em atos mais drásticos. *Neste ano, já houve um suicídio, o que está dentro da média da universidade, que é de quase dois por ano* (n. 68).

Há reconhecidas *dificuldades em lidar com o assunto no ambiente acadêmico* (n. 23), onde *não há tempo para cuidar da nossa saúde mental e física* (n. 23), ou a *depressão é vista como frescura, ou desculpa do aluno que não quer entregar um*

trabalho digno (n. 124). Ou ainda *'é uma questão sobre a qual ainda se fala pouco, embora o mestrado e o doutorado tenham, sim, características que podem desencadear problemas psicológicos ou psiquiátricos'* (n. 101) em que os próprios estudantes reclamam de *o programa de pós nunca ofereceu auxílio psicológico* (n. 124). Porém, essa reclamação não é universal, uma vez que há relatos de outros estudantes que só superaram esses momentos pelo *apoio psicológico da universidade* (n. 124). Principalmente porque há os relatos de quem fez *terapia durante quase todo o processo* (n. 124), como registrado em outro depoimento.

A justificativa para essa instabilidade entre os estudantes de medicina, conforme as notícias, é que *são jovens em amadurecimento, enfrentando a entrada numa profissão que tem contato com o sofrimento humano. É um curso difícil (medicina), que exige das pessoas. Também há a pressão pelo sucesso* e essa união de fatores *leva a uma maior predisposição à depressão, que é mais prevalente entre os estudantes de medicina do que na população em geral* (n. 23). No contexto social, é uma *geração imediatista e provavelmente com grau de resiliência menor* (n. 38), em que *a tolerância das pessoas mudou demais nos últimos anos* (n. 38), elementos tão fundamentais na formação médica.

Nos alunos de pós-graduação, *algumas situações sobretudo em indivíduos mais suscetíveis, podem contribuir para o estudante achar que não tem saída e desencadear um quadro de ideação suicida* (n. 101), como *'a impressão que eu tinha era a de que esperavam de mim mais do que eu poderia dar. Cheguei a pensar em suicídio'* (n. 101).

Diante dos casos e a repercussão gerada, na USP, *foi criado um grupo de atendimento psicológico para atendimento individualizado. Foi instituída também uma linha telefônica que funciona 24 horas, para onde os alunos podem ligar em situações de emergência* (n. 24), na possibilidade de ser um canal de prevenção.

Outra recomendação interna da universidade foi a *análise de currículo* (n. 38), em que *cursos de medicina não comecem imediatamente ensinando com cadáveres e que haja disciplinas no campo das artes e da filosofia, que ajudam a lidar com o ser humano.*

4.3.4.1 *Análise prévia*

Assim como os jovens, os casos de estudantes de Medicina e de pós-graduação ganharam repercussão no noticiário diário após o registro de tentativas e suicídios. Esses registros abriram um espaço relevante para uma reflexão sobre as condições que acabam por levar os estudantes a cometerem esse ato. Porém, compreendemos uma limitação a apenas esses dois grupos (estudantes de Medicina e de pós-graduação), como se o mesmo não ocorresse em outros níveis da educação. Uma evidência que colabora com essa percepção é o fato de estudantes do ensino médio estarem se automutilando, como ficou claro na etapa 4.3.3, em que apesar de o foco ser os jovens, está diretamente interligado com o ambiente acadêmico.

Além das causas pessoais e individuais de cada um, sobre como conseguem lidar com a pressão e as exigências, os casos trouxeram luz ainda a outra característica, desta vez relacionada ao elevado patamar de cobranças do meio acadêmico. Partindo do pressuposto de que a pesquisa e o estudo buscam a formação de profissionais e o desenvolvimento de conteúdos para melhorar a vida da sociedade, parece totalmente contraditório que este mesmo ambiente seja tão insalubre e penoso aos que estão inseridos nele.

Outra percepção é a existência limitada de serviços de apoio e do ‘preconceito’ em relação ao assunto, dentro da academia. Esses dois pontos são importantes porque estão diretamente interligados. No momento em que não há uma aceitação de que estudantes podem desenvolver transtornos mentais durante os cursos, como ter e manter serviços que efetivamente vão atingir o seu objetivo, ou, mais ainda, que esses alunos vão buscá-los? Assim, combater o preconceito internamente e ampliar a divulgação dos serviços de apoio não deixam de ser maneiras de garantir que o apoio realmente ocorra.

Além disso, recuperando o contexto apresentado por Cassorla (1998), em que o suicídio é compreendido como uma ‘solução’ para terminar com um sofrimento, parece mais do que evidente que esse grupo, os estudantes, diante da pressão que vivem, mereçam destaque e maior atenção, pela vulnerabilidade que se encontram.

Os episódios também dão destaque ao perfil da sociedade atual. No momento em que um especialista afirma que a geração é imediatista, com menor grau de

resiliência e menos tolerância, é um indicativo relevante de que procedimentos adotados no passado no meio acadêmico precisam ser reavaliados, assim como deve-se dar atenção ao perfil dos estudantes que estão em formação. Fica claro que o ambiente acadêmico está permeado pelos sentimentos descritos por Lipovetsky, em *A sociedade da decepção* (2007), de amargura, ressentimento e frustração. Assim, os estudantes, no processo que deveria ser glorioso e recompensador de qualificação, acabam ficando com a sensação de fracasso mais elevada do que os sistemas da felicidade.

4.3.5 O suicídio e a falta de controle nas redes sociais

O Facebook vai contratar 3.000 funcionários para responder a denúncias de material inapropriado e acelerar a remoção de vídeos de assassinatos e suicídios (n. 45). Essa é uma reação diante da incapacidade dos filtros feitos apenas pelos softwares, *que não bastam para a rede social monitorar seus posts* (n. 45). Por exemplo, *a transmissão ao vivo de tentativa de suicídio e autoflagelação é (sic) permitida* (n. 56). *A rede diz não querer 'censurar ou punir pessoas que estão sofrendo'* (n. 56). A justificativa é que, sendo que assim, *elas (as pessoas) podem ser ajudadas por quem as estejam assistindo* (n. 56), e *seus os vídeos, no entanto, devem ser depois removidos, já que não haverá mais oportunidade de prestar auxílio* (n. 56).

Os moderadores demonstram preocupação com a inconsistência de certos pontos da política de mediação adotada pela rede social em questão (n. 56). *Monika Bickert, chefe de gerenciamento de políticas globais do Facebook, disse que é difícil chegar a um consenso sobre o que permitir ou não na rede* (n. 56) e, cita, demonstrando a problemática da questão, que se *alguém escreve uma piada sobre suicídio. É um mero comentário ou um grito de ajuda?* (n. 112). Assim, o Facebook criou as suas próprias regras, considerando *raça e etnia, religião, gênero e orientação sexual como 'categorias protegidas'* (n. 112).

Os dados mais recentes do Facebook apontam que a rede exclui 300 mil publicações por mês (n. 112). *A meta para cada revisor era avaliar, por dia, 3.500 fotos, vídeos e textos denunciados. Mais de sete por minuto, ou um a cada 8,5 segundos* (n. 112), entre os conteúdos estão *suicídios, assassinatos, assédios,*

ameaças, armas, drogas e violência animal publicadas em 15 idiomas (n. 112). Essa declaração mostra que na rede 'tudo é permitido' e circula livremente, até ser identificado e vetado.

Os casos de suicídios são *encaminhados a autoridades* (n. 112), justifica a rede social. Com o volume de trabalho, é *impossível não ter erro humano nesse ritmo* (n. 112). A rede reconhece as dificuldades e atribui a *falha a erro humano e disse que seus moderadores deveriam ter percebido que o conteúdo precisava ser retirado* (n. 26). *As reclamações mais urgentes, como as que envolvem risco de suicídio ou abusos sexuais contra crianças, vão para o topo da lista para avaliação pelos moderadores* (n. 26).

Para dar conta, o Facebook anunciou contratação de *10 mil funcionários diretos e indiretos* para controlar os conteúdos inapropriados (n. 112). A rede havia recebido críticas *por não tomar providências para proibir a publicação de imagens abusivas, propaganda extremista e notícias falsas* (n. 56) e reação de que *a empresa faria tudo o que poderia para evitar novos casos* (n. 56), após a transmissão de um homicídio ao vivo.

É nesse oceano infinito das redes sociais que há espaço para a incitação ao suicídio, como ficou em evidência o caso envolvendo o jogo da Baleia Azul. *Rio de Janeiro e Paraná apuram se adolescentes que tentaram suicídio foram motivados pelo jogo Baleia Azul, que circula nas redes sociais – trata-se de uma série de desafios que culminam na tentativa de suicídio* (n. 34). *Outros três casos estão em investigação no país, em Mato Grosso, Minas e Paraíba* (n. 34). *A unidade vem fazendo um trabalho solitário de identificação por redes sociais, pois ainda não recebeu denúncias* (n. 34). Com o avanço dos casos, *o ministro da Justiça, Osmar Serraglio, determinou... que a Polícia Federal investigue o jogo Baleia Azul, que circula em redes sociais* (n. 41). O presidente da ONG Safernet, Thiago Tavares, disse que *o jogo Baleia Azul surgiu como uma 'fake news'* (n. 47). *Essa notícia falsa que surgiu na Rússia e chegou ao Brasil de forma sensacionalista e alarmista acabou servindo de gatilho para um efeito de imitação* (n. 47), que se refletiu em *grupos de WhatsApp criados pelos próprios jovens em situação de vulnerabilidade* (n. 47).

Assim, as redes sociais permitem o desenvolvimento de jogos perigosos. *A Baleia azul é algo perverso, sádico, torturante, pois trabalha com a habituação da dor.*

O *adolescente* vai se dessensibilizando, tomando atitudes mais graves e amedrontadoras até estar totalmente sem medo e excitado para o desafio de pôr em risco a própria vida. O *jogo é criminoso, é caso de polícia* (n. 38). As redes sociais viabilizam ainda o *bullying*. Por exemplo, no relato em que, *além da exclusão em sala, a menina foi atacada por mensagens na internet, que incluíam incitação ao suicídio* (n. 105), ao exemplificar um caso de *cyberbullying*.

Ao mesmo tempo, as mesmas redes sociais que circulam conteúdo inapropriado, permitem espaços para impulsionar serviços de apoio. Um deles é o serviço do CVV, que realizou *mais de 1 milhão de atendimentos ao ano, por telefone, chat, e-mail, Skype e também pelo Facebook* (n. 13).

4.3.5.1 Análise prévia

Diante do exposto, há questões centrais no debate sobre o suicídio e as redes sociais. Um desses pontos é a existência da circulação de conteúdo inapropriado, segundo as orientações da OMS, como exposição de métodos ou mesmo de transmissões ao vivo de tentativas e/ou suicídios. A preocupação é grande porque a própria empresa reconhece a impossibilidade de filtro total. Logo, até que seja apagado, o conteúdo inapropriado pode ganhar grande amplitude e impactar aqueles que estão mais vulneráveis. Assim, compreendemos que, nas redes sociais, não há controle, ou ele é muito limitado, representando situações de risco.

Outro aspecto preocupante, em relação às redes sociais, é que ela pode servir para fins criminais, como pessoas querendo incentivar jovens a cometerem atos suicidas, como ficou em evidencia no episódio da Baleia Azul. Foi pelas redes sociais que o desafio se disseminou, que ultrapassou rapidamente a questão territorial. Trouxe ainda um desafio: a dificuldade de encontrar os responsáveis, exatamente pela disseminação massiva de informações. Mas a incitação não está exclusivamente exposta em jogos, mas por ataques através das redes, em que a violência sai da vida real e vai para a virtual, como *cyberbullying*.

Assim, existe a necessidade de ampliar a responsabilidade pelo conteúdo que circula nas redes sociais e o debate mostra-se urgente. Como aponta *Ricardo Pedreira, diretor-executivo da ANJ (Associação Nacional de Jornais), a sociedade vive*

um momento, no Brasil e no mundo, em que as fragilidades das redes sociais estão sendo expostas (n. 26). Mas elas (internet e plataformas digitais) também criaram um território livre de inverdades, informações falsas e, como mostra a reportagem do Times, conteúdos perniciosos que preocupam a sociedade (n. 26).

Ao mesmo tempo, é nas redes sociais que os casos acabaram ganhando ampla divulgação e alcance, mesmo que o grupo envolvido não queira abordar determinado assunto. Por exemplo, como ocorreu nas tentativas de suicídio de estudantes da Medicina da USP (Universidade de São Paulo), em que *o clima de tensão aparece nas páginas do Facebook dos estudantes – que citam “surto de suicídio” (n. 23).* Partindo do pressuposto da existência do tabu na sociedade e o receio da estigmatização, é possível prever que se esses casos não tivessem circulado nas redes sociais provavelmente não teriam sido noticiados. O fato de o conteúdo sobre suicídio circular de maneira rápida na rede é uma mostra de que as pessoas querem falar sobre eles ou, pelo menos, que têm receio de que se prolifere, como no caso de utilizarem o termo ‘surto’ de suicídio citado anteriormente.

4.3.6 O suicídio relacionado à produção artística

A produção artística pode ser um caminho para o indivíduo conseguir expressar a sua situação emocional, como a depressão ou um sentimento de autodestruição. Isso fica em evidência nas reportagens que trazem artistas que cometeram suicídio. Um dos exemplos mais marcantes é o do músico Kurt Cobain, que é descrito como *um compositor fora de série, que capturou, em letras misteriosas e crípticas, as angústias e incertezas de sua geração (n. 9). Os temas das canções – depressão, as pressões da fama, as dificuldades do relacionamento com a esposa, Courtney Love, etc (n. 9).* Assim, é possível indicar que ele levava para as suas produções musicais os conflitos internos.

Outro exemplo é o suicídio de *Chris Cornell, conhecido vocalista das bandas Soundgarden e Audioslave (n. 53), que completa um ciclo triste e violento, iniciado com o suicídio de Kurt Cobain, em 1994, aos 27 anos (n. 54).* A personalidade de Chris Cornell era *um tanto soturna e introvertida, com suas letras, ora depressivas, ora raivosas, ora chapadas (n. 54), além dos problemas com álcool e outras drogas durante a carreira (n. 53), mas que, nos últimos anos, empreendeu bem-sucedida*

carreira solo, entre o rock e o pop, arriscando-se em outras searas (n. 53). Chris Cornell morreu na noite do dia 17 de maio de 2017. Poderia ter sido um registro apenas relacionando a sua produção artísticas e a falta que faria no meio musical, porém, assim como no caso da reportagem sobre Kurt Cobain, a genialidade de ambos na música é relacionada com o seu estado emocional ou mental.

O saxofonista Charlie Parker (n. 46), figura do músico genial que acaba destruído pelas drogas (n. 46), morreu num inferno pessoal de álcool e heroína (n. 46), aos 34 anos. O vício levou Parker a passagens humilhantes, de tentativas de suicídio a internação em sanatório (n. 46). E foram nos últimos anos de vida, sua aura de gênio do saxofone só aumentava (n. 46). Assim como Parker, o pianista James Rhodes encontrou, em obra de Bach, força para lidar com fatalidades (n. 65), como estupro na infância, o que resultou em anos de isolamento no colégio. Abandonou a Universidade de Edimburgo, foi internado em um hospital psiquiátrico, viciou-se em drogas e álcool. Identificou ter 13 diferentes personalidades, automutilou-se e tentou o suicídio (n. 65), mas encontrou na música uma maneira de lidar com os tiques nervosos.

A complexidade emocional, retratada nas obras, pode ser vista também na peça montada pelo ator Matheus Nachtergaele sobre sua mãe, a poeta Maria Cecília Nachtergaele, que se matou aos 22, quando o ator tinha 3 meses (n. 20). Ao explorar a produção da mãe, o ator diz que passou a compreendê-la. 'Eu mudei muito quando soube, essa imagem ficou muito forte. Refleti sobre coisas da vida, principalmente sobre o que é suicídio, inclusive sobre o fato de o suicídio ser um direito' (n. 20), e ele diz acreditar que Maria Cecília deixou tudo muito preparado para a morte (n. 20) e que em alguns momentos a gente não tem muito o que dizer, a não ser saborear (n. 20).

A melancolia de Jonathan Davis, 46, é o que alimenta o álbum mais recente do Korn, banda de nu-metal (n. 33). Segundo o vocalista, '[o disco] joga luz à sensação de estar deprimido ou para baixo, nela eu me sinto em casa, encontro uma serenidade porque eu estive nesta situação várias vezes' (n. 33), relata o vocalista, que empresta suas dores às composições que o Korn apresenta (n. 33). Para o músico, que, sofria de bullying todo tempo (n. 33) na juventude, a obrigação de ser feliz foi 'como um espinho' (n. 33). Além das músicas, Davis promove a campanha 'Freaks Do It Better', da qual a renda arrecadada com vendas de camisetas é encaminhada a instituições

antibullying e de prevenção ao suicídio (n. 33), uma vez que *eu sei o quanto dói, quero fazer algo para ajudar, estou tentando retribuir*' (n. 33).

4.3.6.1 Análise prévia

O suicídio de personalidades e artistas recebe atenção especial da mídia. Ao mesmo tempo, consideramos que há outros elementos nessas mortes, que podem, inclusive, refletir em suas produções artísticas. Como o cantor Kurt Cobain, que levou parte de seus sentimentos de *depressão e pressão da fama* (n. 9) para as músicas que ajudaram a torná-lo ícone musical. Ou ainda, no caso do cantor Jonathan Davis, que também usa o sentimento de melancolia que sente na produção das suas músicas, ou melhor, *empresta suas dores às composições que o Korn apresenta* (n. 33). Pelos exemplos recortados no conteúdo jornalístico selecionado, verificamos que não se trata de casos isolados.

Chama-nos a atenção que a relação suicídio e produção artística é reforçada nas reportagens, uma vez que a omissão dessa informação não influenciaria em nada o resultado final da matéria. Ao mesmo tempo, são conteúdos que atingem um grande público de fãs, o que pode despertar a relação de contágio quando, por exemplo, se detalha o método, como no caso de Cornell. A maneira como ele cometeu suicídio foi detalhado: *encontrou-o morto, com uma faixa ao redor do pescoço* (n. 53), indicando enforcamento.

Podemos avaliar ainda que por ser um conteúdo relacionado ao meio artístico, em que existe uma curiosidade mais intensa por parte do público do que acontece nos bastidores e na vida privada dos artistas, essa relação entre estado emocional e produção apareça com maior destaque nas reportagens.

4.3.7 A cultura como espaço para falar do suicídio

Se, por um lado, o sentimento dos artistas pode ser expresso em suas obras, é possível compreender que isso ocorre porque a cultura, por meio dos seus produtos, permite a expressão de temas complexos, como sentimentos e gestos, como o

suicídio? Um exemplo é a obra de samba que se apropria do livro de Albert Camus. *O sentimento de absurdo, escreveu Albert Camus em 'O mito do sísifo', é consequência do 'divórcio entre o homem e sua vida, o ator e seu cenário'. Lidar com esse impasse existencial, acrescenta o filósofo e escritor francês, pode levar a atos extremos, como o suicídio* (n. 30). O músico e um dos autores do projeto, Rodrigo Campos, justificativa que *'o samba é um gênero existencial por excelência, tem essa coisa do lamento. Você ouve Nelson Cavaquinho, Paulinho da Viola, e percebe conceitos filosóficos depurados de uma maneira cotidiana'* (n. 30). Ele recorda ainda que, *'assim que terminei de lê-lo [o livro de Camus], tive o impulso de compor músicas. Queria registrar as sensações da leitura antes que me escapassem'* (n. 30).

Nessa mesma linha, aparece a obra de Heloisa Seixas, que *investiga a morte, em contos* (n. 28). No seu livro, *um escritor, ao concluir o último deles, está decidido a se matar. Antes de pegar o revólver, porém, deixa uma longa carta-testemunho, um texto corrido com reflexões e lembranças, uma explicação desesperada do ato final* (n. 28).

Esses são exemplos que mostram que a arte pode ser um espaço para explorar esses sentimentos internos complexos e de difícil explicação, como também ocorre na produção *'Se Existe Eu Ainda Não Encontrei'* (n. 114) que, *com personagens banais e uma trama prosaica, acumula temas e situações esperados desse universo – bullying, brigas de família, tentativa de suicídio –* (n. 114). Ou ainda o espetáculo *'DearEvan Hansen'* (n. 63), premiado pelo Tony, que *conta os percalços de um adolescente com transtorno de ansiedade no ensino médio, que se vê no centro de uma polêmica após o suposto suicídio de um colega* (n. 63).

O filme *First Reformed*, em que *um pastor passa a se defrontar com questões fatalistas após o suicídio de um de seus fiéis, um ambientalista radical* (n. 86), em que *na espiral alcoólica em que o religioso se afunda, fatalismo cristão e o cataclismo ecológico caminham de mãos dadas e sem qualquer chance de salvação* (n. 86).

Podemos incluir ainda, nesta categoria, a estreia, na Netflix, da série de ficção que aborda *suicídio adolescente* (n. 19). A trama sobre *uma garota que comete suicídio e deixa 13 fitas cassete para as pessoas que têm influência na sua decisão* (n. 19), em vez de só inquirir o passado em busca do principal culpado pela decisão

trágica, a série amplia a importância dos professores, dos pais e de outros alunos e enfoca como eles lidam com a perda (n. 19).

Como exemplo de como o mundo artístico permite explorar os sentimentos de angústia está a obra *‘O livro dos Coelhos Suicidas’* (n. 127) em que o britânico *Andy Riley* imaginou mortes bizarras autoimpostas em alusão a atropelamentos de animais que viu na infância (n. 127), o que resultou em uma série de coelhos se matando das formas mais bizarras (n. 127). Ao explicar sua obra, ele diz que os cartuns são muito mais sobre resolver problemas e encontrar soluções inusitadas do que sobre tristeza ou pensamentos suicidas (n. 127).

4.3.7.1 Análise prévia

Historicamente, as produções artísticas têm conseguido dar espaço para temas complexos, como as inquietudes dos homens, entre eles, o suicídio. Obras para demonstrar isso, são várias. O discurso sobre suicídio parece fluir quando trata-se da cultura, inclusive, com espaço para compreendê-lo como um direito individual. Exatamente, por essa visão mais ampla, surgem as condições mais propícias para vislumbrar como o suicídio deixa marcas e provoca efeitos naqueles que estão mais próximos. Debate fundamental para compreender que a dor causada por um suicídio vai além da vida ceifada.

Ao mesmo tempo, essa liberdade, na abordagem do tema, tem gerado preocupação. Um exemplo foi o seriado da Netflix, *13 Reasons Why*, por trazer, além da romantização da personagem principal, Hannah, o que pode facilitar uma identificação do telespectador, detalhes do método utilizado no suicídio. Segundo especialistas, essa questão final pode representar condições que incitem outras ocorrências.

Como já apresentamos em outras oportunidades, o limiar para tratar o assunto do suicídio é muito fino e complexo. O mesmo seriado que gerou preocupação dos especialistas foi o responsável por abrir um gigantesco canal de comunicação, que ficou refletido nas redes sociais, em que as pessoas voluntariamente falavam sobre as suas experiências e sobre o sentimento de querer tirar a vida. Como resposta, os serviços de apoio e de prevenção também puderam se manifestar.

Podemos analisar ainda a situação pelo viés de que o assunto encontra tanta resistência para ser discutido na sociedade, por meio da cultura, que se abre uma oportunidade importante para esse tipo de debate, mesmo que involuntariamente. Além disso, é claro que estamos neste momento focando a nossa atenção em apenas um seriado, enquanto que a quantidade de produções que trazem o suicídio como eixo central da sua trama ou que abordam os impactos e desdobramentos desses episódios são inúmeros.

4.3.8 Suicídio como um problema de saúde pública

Todos os dias, em média, 30 pessoas tiram a própria vida no Brasil. Entre 2011 e 2015, houve 55.649 casos do tipo no país – média de 11 mil por ano, segundo dados divulgados pelo Ministério da Saúde (n. 88). A taxa de casos de suicídio no país é de 5,5 mortes para cada 100 mil habitantes (n. 88). É a primeira vez que o Ministério da Saúde divulga esses dados em forma de boletim epidemiológico, como faz com outras doenças, como dengue e gripe.

Em 2010, foram registrados 10.490 casos de suicídio. Em 2015, 11.736 – aumento de 12% (n. 88). A elevação pode ser relacionada a dois fatores: a população está mais informada e passa a investigar melhor casos prováveis de suicídio. Ela [Fátima Marinho, diretora do Departamento de Doenças e Agravos Não Transmissíveis do Ministério da Saúde] acredita que o número real de casos se mantém estável no país (n. 88).

‘Eu só consigo prevenir aquilo que eu conheço’ (n. 88). Com os números, as ações ficam mais visíveis. Os povos indígenas são os mais vulneráveis (n. 88) porque há ‘a dificuldade do indígena de conviver com dois mundos diferentes (n. 88). A faixa etária mais atingida entre os indígenas é a de crianças de 10 a 19 anos (n. 88). Quanto aos idosos, os mais velhos são relegados (n. 88). A existência de Caps no município é apontada pelo ministério como um fator que reduz em 14% o risco de suicídio. Há 2.463 equipamentos do tipo do país (n. 88). Outro aspecto é a questão de regiões do país. Proporcionalmente, a região Sul é a mais afetada concentra 23% dos casos, mas com apenas 14% da população do país (n. 88).

Diante desse problema de saúde pública, há a busca por maior entendimento das suas causas. *Suicídios na família podem ter componentes genéticos* (n. 76). Inclusive existem especialistas que *buscam respostas nos genes estudando mortes de irmãos* (n. 76). *A relação entre esse aspecto hereditário e a decisão de pôr fim à própria vida, porém, é indireta, complicada e difícil de esmiuçar, sem nenhuma semelhança com uma suposta ‘maldição no DNA’* (n. 76). *“É como a queda de um avião: em geral, ele cai por uma sequência de problemas”* (n. 76). *Dados reunidos em 2008, por David Brent e Nadine Melhem, do Westem Psychiatric Institute (EUA), por exemplo, indicam que o risco de um gêmeo idêntico cometer suicídio depois que seu irmão o fez, é bem mais elevado do que entre irmãos fraternos* (n. 76). Há estudo recente que aponta que a herdabilidade do comportamento suicida seria de 43% (n. 76).

Ganha destaque, apesar do tabu, os transtornos mentais. *Cerca de 90% dos casos de suicídio estão associados a algum tipo de transtorno mental* (n. 76). Porém, esse mesmo problema, por vezes, é minimizado. *Na instituição onde estudo, depressão é vista como frescura, ou desculpa do aluno que não quer entregar um trabalho digno* (n. 124).

Existem ainda outros transtornos, como o caso do *suicídio de Chien Chihcheng, médica veterinária que trabalhava em um abrigo e realizou mais de 700 eutanásias em dois anos. Chien sucumbiu àquela que tem sido considerada a principal ameaça à saúde mental dos profissionais de saúde: a fadiga por compaixão, uma síndrome que causa exaustão física e emocional em decorrência do constante contato com o sofrimento alheio* (n. 6). Essa situação acabou sendo apontada como o gatilho que a impulsionou a cometer suicídio.

4.3.8.1 Análise Prévia

O entendimento do suicídio como um problema de saúde é um ponto de virada na relação da sociedade com o assunto, na contemporaneidade, se levarmos em consideração que esse viés tem poucas décadas de existência. A mudança foi importante porque colocou o suicídio ao lado de doenças que são abordadas com maior naturalidade entre as pessoas, como a dengue e a gripe. Claro que não

podemos ser ingênuos de achar que atualmente são assuntos tratados da mesma maneira. Ao contrário. O suicídio, quando pensamos pelo viés da depressão e das doenças relacionadas à saúde mental, enfrenta inúmeros preconceitos e tem abordagem extremamente limitada na mídia.

Porém, o reconhecimento pelo Ministério da Saúde, em 2017, por meio da divulgação do primeiro Boletim Epidemiológico, foi um gesto relevante nesse processo. O documento apresentou uma série de “ganchos jornalísticos” para o assunto ser abordado, tanto pelo viés de prevenção, como deu atenção aos considerados grupos mais vulneráveis.

Ao mesmo tempo, o mesmo boletim deixou em evidência um problema social grande: o fato de os idosos e índios serem os que lideram os casos. Ao mesmo tempo, a taxa cresce entre o grupo de jovens. Assim, quer dizer que há um problema com diferentes nuances e que precisa ser enfrentado na sociedade e por essa própria sociedade, especialmente, quando se trata da prevenção. Além disso, se são grupos diferentes, as iniciativas de acolhimento também precisam ser. Não é errado dizer que cabe ao jornalismo, dentro das suas prerrogativas éticas e de responsabilidade social, como os conceitos apresentados no capítulo dois dessa pesquisa, dar atenção a essas especificidades e cobrar posicionamento e atitudes mais efetivas dos órgãos públicos de saúde.

Talvez, entre todos os discursos, o enfoque mais importante, quando se aborda o suicídio, deva ser o de saúde pública. A tentativa de suicídio e o ato consumado propriamente dito geram impactos para todos, mesmo àqueles que não têm uma relação direta com quem cometeu ou tentou tal gesto. O impacto devastador na vida de uma mãe que perde um filho nessa situação, não vai se refletir apenas dentro da sua casa, mas vai, com certeza, comprometer, e muito, a sua rotina e as atividades que desenvolve, como trabalho e estudos. Os desdobramentos desse acontecimento são incalculáveis, assim como as suas perdas.

Então, levantar a bandeira de um problema de saúde pública é chamar para a responsabilidade todos da sociedade, especialmente para que não precisem passar pela mesma situação. Os números oficiais divulgados pelas entidades de saúde dão uma dimensão, mesmo que parcial, do problema. Sabe-se que, diante dos preconceitos e dos estigmas, a subnotificação é grande. Quando passa a ser

entendido como doença, uma atenção maior para as possibilidades de enfrentamento, como a identificação de uma possível pré-disposição genética, é viável, além de colaborar para minimizar preconceitos e tabus. Até porque se é uma doença, logo é possível buscar ajuda e tratamento.

4.3.9 A responsabilidade da sociedade

‘Eu não consigo explicar o que acontece, mas tenho hipóteses. Talvez [o crescimento nas taxas de suicídio] esteja associado a mudanças na sociedade. Existe uma falta de comunicação entre as pessoas, de amorosidade, um olhar mais afetivo’, afirma (n. 88) o coordenador do CVV, Carlos Correa, ao avaliar os dados dos casos no país. Porém, é esta mesma sociedade que pode ajudar a reverter esse panorama. ‘A gente tem que chamar a sociedade a ser solidária com as pessoas que estão em sofrimento. Não evitar, não chamar o outro de fraco’, diz (n. 88) Fátima Marinho, diretora do Departamento de Doenças e Agravos Não Transmissíveis do Ministério da Saúde (n. 88).

A tolerância das pessoas mudou demais nos últimos anos. Temos uma geração imediatista e provavelmente com grau de resiliência menor (n. 38), contextualiza um especialista. É nessa mesma sociedade em que há bullying (n. 105) e homofobia (n. 51), que transformam negativamente a vida das pessoas. A menina foi alvo de bullying em vários momentos da vida, até desenvolver uma grave depressão no ano passado... após os pensamentos suicidas, a menina foi afastada da escola por recomendação médica e perdeu os anos letivos de 2016 e 2017 (n. 105). Em 2016, segundo a Rede TransBrasil, 64 transexuais e travestis tentaram suicídio - 12 deles conseguiram (n. 51). Também mudou a relação entre pais e filhos. É preciso conversar, trocar olhares, refletir sobre os problemas juntos (n. 38).

4.3.9.1 Análise Prévia

O discurso de que a sociedade, no seu conjunto inteiro, também é responsável pelo suicídio, mesmo que esse seja um ato individual, está presente, apesar de não a parecer como protagonista na discussão. Na nossa avaliação, esse é um caminho a

mais para entender a importância do debate sobre o suicídio e sua complexidade, como dito pelos especialistas, “*eu não consigo explicar o que acontece*” (n. 88). Ao mesmo tempo, é na sociedade que estão os caminhos para evitar o suicídio. Como conjunto, não ajudamos a prevenir a morte voluntária quando mantemos o tabu e preconceitos em relação às questões de gênero, de raça; de posição econômica. Os discursos não dizem explicitamente que se um jovem tenta suicídio por sofrer *bullying*, a culpa é da sociedade que deu apoio para a formação de pessoas que se sintam poderosas a ponto de praticar esses atos contra os outros. Assim, os discursos não indicam que é a sociedade que precisa melhorar a maneira como lida com as diferenças, como nos casos de gênero e de opção sexual, evitando a homofobia e a discriminação, que podem levar a quadros de depressão e até ao suicídio.

Ampliar o debate sobre a responsabilidade da sociedade neste contexto é urgente. Porque, entre as poucas certezas que temos, é que esse não é um problema de saúde pública a ser solucionado como outras doenças, que basta fazer uma campanha de imunização, como no caso da febre amarela ou do uso de um antigripal para enfrentar uma gripe. Mas será pelo reconhecimento de que está na sociedade o caminho para a real prevenção e que merece mais atenção e investigação quando o assunto é suicídio e abordado. Como pontuou Durkheim (2011), o homem está diretamente ligado à sociedade que vive, que, em muitos casos, exerce um poder de regulação sobre ele. Logo, a discussão do suicídio não pode ser separada do contexto social.

4.4 MERGULHOS DISCURSIVOS

Após a construção dos metatextos e as análises prévias, ingressamos, nesse momento, na etapa correspondente aos *mergulhos discursivos* que é “o processo de análise textual discursiva em seu todo” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 8). Os autores comparam esse processo a “impregnação intensa em discursos sociais visando a sua compreensão cada vez mais profunda e simultaneamente à participação em sua transformação” (MORAES; GALIAZZI, 2007, p. 8). Corresponde, na prática, a uma avaliação crítica do conteúdo, levando em consideração ainda o embasamento teórico, realizado nos dois primeiros capítulos da pesquisa.

Verificamos que o discurso sobre o suicídio não é único e, muitas vezes, é controverso. Aprofundando a análise proposta, ao noticiar os casos de suicídio, a imprensa não segue as recomendações indicadas pelas entidades de saúde, como não buscar uma justificativa para o ato, uma vez que se trata de uma situação complexa e a morte, propriamente dita, é apenas o gesto final desse indivíduo. Nessa tentativa, rompe-se ainda com a questão ética, de preservar a vida privada e não transformar o episódio em sensacionalismo. O caso mais marcante nesse aspecto é o envolvendo o médico Farah Jorge Farah, que cometeu suicídio prestes a ser preso. No conteúdo, há detalhes da sua vida, da maneira como ele vinha agindo, como os implantes colocados. A narrativa explora ainda comportamentos que evidenciam um transtorno mental.

Além disso, o discurso que nos parece claro, nesse ponto, é de que para não enfrentar a Justiça, tirar a vida é uma alternativa. Assim, consideramos esse o ponto mais preocupante por ir contra às recomendações e poder servir de exemplo para aqueles que estão recebendo as informações. Quando se recupera os argumentos em torno do tabu da mídia em relação ao tema, a justificativa é exatamente a de não servir de estímulo a outros casos. Porém, o que ocorre é exatamente isso, quando identificamos nas reportagens o detalhamento do método utilizado pelo indivíduo para cometer suicídio, o que, segundo as entidades de saúde, pode levar outras pessoas a repeti-lo.

Podemos avaliar, assim, que, a partir do discurso, a mídia ao noticiar os casos de suicídio, mais prejudica do que colabora com o debate público e ne, não auxilia a fortalecer a discussão preventiva, mas sim, punitiva.

Consideramos, ao mesmo tempo, que existem alguns casos que a mídia não tem como ignorar, e, com certeza, não é o objetivo dessa pesquisa vetá-los, especialmente pelo impacto social que carregam, como o suicídio após um homicídio ou de uma personalidade. É exatamente nesses que a atenção deve ser ampliada com o conteúdo a ser produzido.

O discurso de prevenção também se faz presente no conteúdo jornalístico. Nesses momentos, são apresentadas indicações de onde buscar ajuda, como identificar quem possa estar passando por um momento de sofrimento e como auxiliá-la. Ao mesmo tempo, não encontramos discursos que busquem a ampliação dos

serviços ou mesmo de cobrança para que eles sejam reforçados ou ampliados. Essa lógica nos faz acreditar que o discurso jornalístico ainda compreende o suicídio como uma situação individual e pontual, tendo dificuldade de abordá-lo de maneira mais ampla e dentro do seu contexto social.

No próprio caso das tentativas e de suicídios cometidos por adolescentes, há uma co-responsabilização direta dos pais, num discurso que, avaliamos, acentua o sentimento de culpa daqueles responsáveis que já enfrentaram uma situação similar, como que viram um filho tirar a própria vida. Além do mais, em vários momentos, há o reforço de que os pais e responsáveis não estão preparados para lidar com a situação, a ponto de irem aos consultórios “pais apavorados com o filho adolescente” (n. 38).

A análise da temática do suicídio faz emergir, ao nosso ver, outros discursos que vão além do suicídio, mas são bem mais profundos, como sobre as condições da sociedade em que vivemos e que se encontram obscuros no dia a dia. Por exemplo, acreditamos que existem muitas questões em aberto, no caso de jovens que tiram a própria vida. Por trás desse gesto, haveria um sentimento de rejeição ou uma falta de conexão com a sociedade em que estão inseridos?

Ainda neste contexto, os suicídios também mostram como as relações familiares e o diálogo entre pais e filhos estão comprometidos nos tempos atuais, a ponto de um grupo de WhatsApp ou um jogo nas redes sociais ter condições de influenciá-los a cometer suicídio.

Os discursos analisados deixam ainda em evidência um certo nível de menosprezo pelas doenças mentais: “a depressão é vista como frescura, ou desculpa” (n. 124), como se todos estivéssemos imunes a esse nível de sofrimento e patologia.

A falta de tolerância da sociedade com o outro, ou com aquele que é diferente de si, é outro ponto crítico que emerge do noticiário, representado nos casos de práticas de *bullying* e homofobia. Conectando o debate com o referencial teórico do jornalismo, avaliamos que o papel da comunicação, nesse processo, é essencial. O jornalismo, ao nosso ver, tem condições de enfrentar a circulação indevida de conteúdos que existem nas redes sociais, com a produção de materiais que tenham como referência a ética e estejam baseados na responsabilidade social, como quando se dá espaço para abordar as dificuldades dos acadêmicos no ambiente da pós-

graduação e de alerta aos pais para jogos que incentivam a automutilação e o suicídio de crianças e adolescentes.

Uma vez que ficou em evidência que as redes definem os seus próprios critérios de responsabilidade, por vezes, duvidosos, além de terem fragilidades, como a ineficácia de seus filtros de conteúdo, ao mesmo tempo, é possível aproveitar esses espaços para ampliar a divulgação de materiais de prevenção, como já vem ocorrendo.

Outro alerta é para o discurso de exaltar as personalidades que cometeram suicídio, especialmente na área cultural, como os casos de Kurt Cobain, que é descrito como um cantor fora de série (n. 9) e Charlie Parker, como 'musico genial' (n. 46).

O objetivo da análise era o de apurar o que os discursos diziam, mas também trazer à luz aqueles que são ignorados ou desconsiderados no noticiário diário. Apuramos que não há discursos que enfatizem a necessidade de ampliação dos serviços de apoio psicológico, assim como, pedindo o estabelecimento de ações de prevenção mais personalizadas para os diferentes grupos. Esse é um ponto que pode vir a ser revisto, uma vez que o suicídio tem diferenças dependendo do grupo em questão, como os profissionais da saúde apontam. Um exemplo positivo de como ações específicas apresentam bons resultados é a redução da morte de indígenas a partir de um novo programa do Ministério da Saúde, focado apenas nesse grupo.

Na prática, acreditamos que todos os discursos caminham juntos. Na nossa avaliação, no momento em que um caso é criminalizado, no âmbito social, como é possível querer que a mesma sociedade abra espaço para falar mais sobre o assunto? Mais ainda, como avançar no debate para dissolver ou amenizar os estigmas já estabelecidos? Ou como se conseguirá estimular alguém a buscar ajuda nesse contexto? Acreditamos que o discurso sobre o suicídio deve estar mais relacionado ao da prevenção.

Consideramos que abordar a temática do suicídio é ir muito além do que apenas evitar mortes. Na verdade, avança num processo de compreensão profundo da sociedade em que estamos inseridos e, conseqüentemente, ajudando a construir para as futuras gerações.

CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

A proposta do caminho trilhado até aqui foi a de verificar como o jornalismo aborda o suicídio no seu noticiário diário, a partir dos discursos produzidos nos seus conteúdos. Assunto polêmico e que divide opiniões, não só dos profissionais da imprensa, mas da sociedade, como um todo. Falar? Não falar? Como falar? O que falar? Até onde ir? É ético? Onde fica a responsabilidade social? Questionamentos que permearam todas as etapas dessa pesquisa. A ânsia e o desejo, nesse momento, é apresentar recomendações conclusivas, o que, consideramos, praticamente impossível.

Apreendemos, nesta pesquisa, um recorte da temática. Acreditamos que, com certeza, o ganho maior está no caminho percorrido e nas reflexões e inquietações que se fizeram presentes. Apresentamos algumas considerações para a discussão deste estudo e almejando que possam colaborar com outras pesquisas, especialmente no campo da comunicação, onde a produção ainda é limitada.

A morte voluntária é um assunto delicado e, por vezes, inconveniente. Ninguém gosta de falar abertamente. Mas ela ocorre. Muitas vezes, bem mais perto do que gostaríamos. Não é um fenômeno atual. Ao contrário, perpassa as gerações da sociedade, mudando apenas a maneira de se compreender o ato. Talvez a maior inquietação, e também um dos elementos que nos instigou desde o início, é que o suicídio está ligado à vontade do indivíduo. As influências são várias. Rejeição e conflito da sociedade, como bem descrevem Durkheim e Marx; transtornos mentais, como apontam a classe médica; ou ainda uma crise interna, numa compreensão mais psicanalítica. Se o objetivo é lutar a todo o custo para viver, ir contra isso, parece, para alguns, incompreensível. Porém, é o caminho pelo qual algumas pessoas optam. Ignorar esse ato, ou a “mensagem” (BOTEGA, 2017), que o suicídio representa, é tentar esconder um fenômeno social que está latente e gritando para ser ouvido. Principalmente, quando pensamos em uma sociedade pós-moderna, em que tudo é instável, excessivo, rápido, em que todos querem falar, o silêncio pode ser o empurrão que falta no parapeito de um prédio.

É com esse conflito que chegamos a este momento. Com as aproximações, realizadas ao longo da pesquisa, identificamos que a temática do suicídio está presente no noticiário, superando a concepção da existência de tabus de que o

jornalismo não deve noticiar o assunto. Observamos que a morte voluntária é cercada por diferentes discursos e inclusive existem contradições entre e dentro deles. Há aqueles que são voltados à prevenção e ao acolhimento dos que tentam o suicídio, porém, de maneira pontual e limitada.

Identificamos que o jornal *Folha de S. Paulo* noticiou, dentro do período de análise, muitos casos de pessoas que tiram a sua vida, mostrando que esse tipo de discurso torna-se predominante. Diante dessa observação, consideramos que a mídia concede mais espaço para o suicídio como caso individual, e ao discurso relacionado ao crime, principalmente, quando esse ato é antecedido de um homicídio. Nesse contexto, o status social dos envolvidos é elemento importante para a dimensão que o noticiário recebe. Os casos que envolvem pessoas com uma certa representatividade social recebem maior destaque na comparação com as situações envolvendo aqueles mais simples.

Nos discursos, há uma constante busca por justificativas para o fato de essas pessoas terem tirado a própria vida. Esse pode ser apontado como um ato equivocado, utilizando como referência as orientações das entidades de saúde, como a OMS. As justificativas para o ato do suicídio, a partir dos discursos jornalísticos, podem ser comparadas, numa metáfora, a uma faca de dois gumes. Num momento, trazem elementos que podem auxiliar nas ações de prevenção. Por exemplo, quando se trata de pessoas em sofrimento porque são rejeitadas ou discriminadas socialmente. Ao mesmo tempo, essas mesmas justificativas podem sinalizar como possíveis saídas de situações consideradas críticas para indivíduos que se identifiquem com elas. Além disso, os discursos, nesse caso, não trazem explicitamente a existência de outros caminhos. Outras alternativas. Essa posição acaba por não convergir com o discurso de prevenção.

Silenciar o debate sobre o suicídio é algo ultrapassado e prejudicial. O debate também é importante para que o assunto seja compreendido na sua amplitude e não em discursos que buscam apenas uma justificativa. E principalmente, como Stengel (1980, p. 47) aponta, “é frequente as razões apresentadas pelas vítimas serem bastante compreensíveis, mas é muito raro serem de natureza que tornem o suicídio a única ação possível”. Assim, o suicídio não é a única alternativa. Ao contrário, é um alerta de sofrimento e que ele deseja “ele deseja é fugir do sofrimento” (CASSORLA, 1998, p. 22).

O discurso de que o suicídio pode ser uma saída para uma situação acaba reforçado, em vez de ser desmistificado. Nas situações em que não seja possível ignorar os casos de pessoas que cometem suicídio, que seja adotado um discurso de esclarecimento ao invés de contribuir para a replicação das ocorrências.

Partindo do pressuposto de que a comunicação, do latim *communis* que significando *comum*, o que, segundo Marques de Melo (1970, p. 14), “introduz a ideia de comunhão, comunidade”, o jornalismo não deve ignorar um fenômeno que representa um ato de extremo desespero. Assim, acreditamos que a questão central não deve ser o “abordar” ou “não abordar”, mas sim, compreender que cada caso precisa de uma abordagem específica, e, assim, a construção de um discurso condizente, amparado pela prevenção e quebra de estigmas. Mesmo que não possamos definir fórmulas de certo e errado, até porque eticamente, como destaca Bucci (2000), no jornalismo, essa definição nem sempre é possível, podemos recomendar a ampliação das discussões sobre o assunto nas redações e a divulgação dos manuais de recomendação de entidades renomadas e utilizadas amplamente nesta pesquisa, como da Organização Mundial da Saúde, do Ministério da Saúde e da Associação Brasileira de Psiquiatria.

Além disso, se é importante que a sociedade fale sobre o suicídio, é fundamental que os profissionais da comunicação o discutam, não apenas os que estão em formação, mas, essencialmente, aqueles que têm poder de decisão sobre a orientação editorial em um veículo de comunicação. Acreditamos ainda ser importante a promoção de debates e discussões em âmbito multidisciplinar, unindo os profissionais da área da comunicação, os da área da saúde e da área de segurança (polícia). Talvez esse trabalho em parceria seja frutífero, em todas as direções. Cada um, dentro das suas responsabilidades e competências, pode descobrir como melhorar as suas manifestações. Jornalistas, compreendendo melhor as suas responsabilidades e o impacto social e ético do conteúdo produzido; os profissionais da saúde, fazendo a sua mensagem ser melhor compreendida; e os da área da segurança, podendo identificar quais são as melhores e as necessárias informações a serem detalhadas. Como definido por Botega (XAVIER, 2018) agora “é preciso afinar o discurso”, de maneira a estimular a prevenção e evitar a criação de mais culpas sobre aqueles que sobreviveram. Acreditamos que isso só será possível por meio de um trabalho conjunto, como já defendido. E, ao fim, o cidadão, que consome

esse conteúdo, possa compreender melhor o assunto, o seu impacto e como ele pode auxiliar nesse processo.

Aproveitamos a oportunidade para defender, no âmbito da formação universitária dos profissionais da comunicação, a disciplina de 'jornalismo de saúde'. A área da saúde tem recebido atenção cada vez maior da população. Compreende a um universo em que os assuntos são variados, complexos, específicos e cheio de particularidades. Assim, uma informação equivocada pode agravar um panorama de atenção à saúde e, ao mesmo tempo, um conteúdo apropriado pode auxiliar, consideravelmente, no combate de doenças e epidemias, como nas campanhas de imunização.

Diante dos apontamentos, acreditamos que o jornalismo, e o campo da comunicação como um todo, pode contribuir mais com o debate. Identificamos que o espaço para o conteúdo voltado à prevenção do suicídio fica vinculado apenas a datas comemorativas, como ocorre no 'Setembro Amarelo', ou quando são registrados um número de casos elevados relacionados a um grupo em especial, como ocorreu entre os estudantes do curso de medicina, em abril de 2017, ou de pós-graduação, em dezembro de 2017, e de jovens, entre abril e maio de 2017.

Porém, ao longo da pesquisa, outros *ganchos* ficaram em evidência. É possível investir em conteúdos que reforcem um discurso de prevenção, ou nas ações de acolhimento aos que estão em sofrimento psíquico e ainda mais voltado à questão da saúde pública. As opções são várias, como reportagens sobre onde e como buscar auxílio; o relato de casos de pessoas que conseguiram superar um momento de desequilíbrio emocional ou psíquico, reafirmando o discurso que é possível enfrentar o pensamento de suicídio, e os impactos negativos que provocam naqueles que são mais próximos e ficam. Outro caminho são conteúdos que abordem a prevenção pelo olhar das doenças mentais, especialmente a depressão, que é considerado um fator de risco. É importante que o discurso jornalístico reforce a necessidade de união entre os integrantes da comunidade para a prevenção ao suicídio.

Contudo, consideramos como a grande contribuição ao campo pensar que, por trás do discurso sobre o suicídio, encontram-se elementos fortes para promover uma crítica social. Seguindo as concepções de Durkheim e as reflexões de Lipovetsky, sobre a contemporaneidade, é urgente a reflexão sobre em qual sociedade estamos

inseridos e que estamos ajudando a construir. Se o suicídio é uma comunicação, sobre si e sobre a sociedade, será que a prevenção mais efetiva para o suicídio não é tratarmos a sociedade que está doente?

Temos a consciência de que não abrangemos todos os tipos de suicídio e nem os analisamos por todos os seus vieses. Ao mesmo tempo, não podemos deixar de levar em consideração as brechas que ficam abertas para outros estudos. Destacamos como um caminho interessante a análise dos conteúdos do gênero opinativo, como os editoriais e artigos, que ficaram de fora dessa pesquisa, em função da limitação de tempo, e que podem trazer reflexões importantes. A própria análise dos critérios de noticiabilidade em relação à temática pode produzir relevantes discussões. Ou ainda a ampliação desse estudo para outros meios de comunicação, como os sites e as redes sociais, em que a presença predominante é de jovens, grupo em que os casos de suicídio têm aumentado.

Reforçamos a importância e urgência do debate acerca do assunto. Afinal, a cada 40 segundos, alguém no mundo achou que valia mais a pena morrer do que viver. Se esse não é um tema que mereça a atenção, o que mais seria, seguindo os preceitos da responsabilidade social, como apresentados no capítulo dois dessa pesquisa? Falar sobre suicídio não é apenas uma maneira de salvar uma vida. Mas evitar a dor e sofrimento oriundos dessa morte. É também impedir um impacto ao sistema de saúde, especialmente, no atendimento de urgência e emergência ou no serviço contínuo, no caso daqueles que ficam com sequelas.

Além disso, não podemos terminar esse trabalho sem destacar que, apesar das críticas e das contestações da sua credibilidade, o jornalismo tem uma função social incontestável. Assim, o jornalismo pode salvar vidas. Diferente da medicina e da psicanálise, a mídia pode fazer isso por meio da informação, que permite termos conhecimento dos problemas que existem na sociedade, como o suicídio, mas, principalmente, nos dar condições de reverter esse cenário, como reduzindo os preconceitos e estigmas.

REFERÊNCIAS

- ALSINA, Miguel Rodrigo. **A construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ALVAREZ, A. **O deus selvagem**. Um estudo do suicídio. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- ALVES, Gabriel. Cientistas buscam estratégias para lutar contra 'fake news'. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2017. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2017/03/1865611-cientistas-buscam-estrategia-s-para-lutar-contrafake-news.shtml>. Acesso em: 1 jun. 2018.
- AMARAL, Luiz. **Jornalismo**: matéria de primeira página. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2008.
- AMARAL, Luiz. **Técnica de jornal e periódico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.
- ANGERAMI-CAMON, V. A. **Suicídio**: fragmentos de psicoterapia existencial. São Paulo: Pioneira, 1997.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). **Suicídio**: Informando para prevenir. Disponível em: <http://www.abp.org.br/portal/conheca-a-cartilha-para-combater-o-suicidio/>. Acesso em: 31 out. 2017.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS (ANJ). Disponível em: <https://www.anj.org.br/>. Acesso em: 4 dez. 2017.
- BAHIA, Juarez. **Jornal**: História e técnica, as técnicas do jornalismo. São Paulo: Ática, 1990.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BBC Brasil. Agronegócios, depressão e dívidas criam 'bomba relógio' de suicídio no RS. **BBC Brasil**. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/brasil-37491144>. Acesso em: 2 fev. 2018.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BERTOLETE, José Manoel. Prevenção do suicídio. **Debates em Psiquiatria**, n 1 (2), p. 10, 2010.
- BOTEGA, N. J.; GARCIA, L. S. L. Brazil: the need for violence (including suicide) prevention. **World Psychiatry** 3; p. 157- 158, 2004.
- BOTEGA, Neury José. **Crise suicida**. Avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed, 2015.

BRANDALISE, Vitor Hugo. **O último abraço**. Uma história real sobre a eutanásia no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 2017.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO. CÓDIGO PENAL BRASILEIRO. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm. Acesso em: 4 jun. 2018.

BUCCI, Eugênio. **Sobre ética e imprensa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMUS, Albert. **O mito do Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

CAPES. Banco de Teses. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>. Acesso em: 28 maio 2018.

CARRACHO, Túlio Glüer. **Compaixão e respeito**: discursos e diferenciações de gênero em notícias de suicídio no Correio do Povo, em Porto Alegre (1925-1926). Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História - UFRGS). 2012.

CASSORLA, Roosevelt M. S. (Coord.). **Do suicídio**: estudos brasileiros. Campinas: Papirus, 1998.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. **Falando abertamente sobre suicídio**, 2017. Disponível em: www.cvv.org.br. Acesso em: 02 fev. 2018.

CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA. **Cartilha do voluntário do Centro de Valorização da Vida**. S/D.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Pragmática do jornalismo**. Buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 1994.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

CIULLA, L; SERRANO, A. Í.; TRES, G.L.; CATALDO NETO, A. Suicídio: avaliação de risco e manejo. In: CATALDO NETO, A.; GAUER, G. J. C.; FURTADO, N. R. **Psiquiatria para estudantes de medicina**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS BRASILEIROS. 2007. Disponível em: <http://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2016/01/codigo-de-etica-dos-jornalistas-brasileiros.pdf>. Acesso em: 2 fev. 2018.

COMPÓS. Anais. Disponível em: <www.compos.org.br/anais_encontros.php>. Acesso em: 2 out. 2017.

CORRÊA, Carlos; XAVIER, Mauren. Suicídio: É preciso falar. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 7-11, 23 abr. 2017.

CUNHA, Jurema Alcides (Org.). **Dicionário de termos de psicanálise de Freud**. Porto Alegre: Globo, 1978.

DAPIEVE, Arthur Henrique Motta. **Suicídio por contágio** – A maneira pela qual a imprensa trata a morte voluntária. 2006. Dissertação (Pós-Graduação em Comunicação Social PUC-Rio). 2006.

DINES, Alberto. **O papel do jornal**: uma reeleitura. São Paulo: Summus, 1986.

DURKHEIM, Émile. **O suicídio**. Estudo de sociologia. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

EL PAÍS-BRASIL. Avicci se matou com vidro de uma garrafa, diz site TMZ. **El País-Brasil**. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/05/01/cultura/1525165483_746024.html. Acesso em: 01 jun. 2018.

ERBOLATO, Mário. **Técnicas de codificação em jornalismo**: redação, captação e edição no jornal diário. São Paulo: Ática, 2003.

ETCHICHURY, Carlos. **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**, nº 515, Ano XVII, 13 nov. 2017. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/515>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. Cientista David Goodal, 104, morre após fazer suicídio assistido na Suíça. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 maio 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2018/05/cientista-david-goodall-104-morre-apos-fazer-suicidio-assistido-na-suica.shtml>. Acesso em: 4 jun. 2018.

FOLHA DE S. PAULO. **Manual da redação**. São Paulo: Publifolha, 2000.

FONTANELLE, Paula. **Suicídio**. O futuro interrompido. Guia para sobreviventes. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

FRIAS FILHO, Otávio. **Queda livre**: ensaios de risco. São Paulo: Companhia das Letras. 2003.

GOETHE, J. W. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

GOMES, J. O., Baptista, M. N., Carneiro, A. M, & Cardoso, H. F. (2014). Suicídio e internet: análise de resultados em ferramentas de busca. *Psicologia & Sociedade*, 26 (1), 63-73.

GRANDO, Carolina Pompeo. **O suicídio na pauta jornalística**. Observatório da Imprensa. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/>. Acesso em: 9 set. 2017.

HANNS, Luiz. **Dicionário comentado do alemão de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HOHLFELDT, Antonio. "Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação". In. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; VEIGA FRANÇA, Vera (Orgs). **Teorias da comunicação**: Conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2001.

INTERCOM. **Anais**. Disponível em: portalintercom.org.br/eventos1/congresso-nacional-apresentacao5. Acesso em 2 out. 2017.

KALINA, E; KOVQADLOFF, S. **As cerimônias da destruição**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

KARAM, Francisco José Castilhos. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: norte e sul: manual de comunicação. São Paulo: Edusp, 2001.

KUTCHER, S.; CHEHIL, S. **Manejo do risco de suicídio**. Um manual para profissionais de saúde. Med Line, 2007

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3.ed. Florianópolis: Insular, 2001b.

LIPOVETSKY, Gilles. **A sociedade da decepção**. Barueri: Manole, 2007.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**. Jornalismo coo produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. São Paulo: Boitempo, 2006.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**. A mídia e a opinião pública. Petrópolis: Vozes, 2009.

MEDINA, Cremilda. **Notícia**: Um produto à venda: Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1988.

MELEIRO, A. M. A. S.; WANG, Y. P. Suicídio e tentativa de suicídio. In: LOUZÃ NETO, M. R.; MOTTA, T.; WANG, Y. P.; ELKIS, H. (Org.). **Psiquiatria básica**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. **Comunicação social**. Teoria e pesquisa. Petrópolis: Vozes, 1970.

MELO, José Marques de. **Jornalismo brasileiro**. Porto Alegre: Sulina, 2003.

MENNINGER, Karl. **Eros e Tântatos**. O homem contra si próprio. São Paulo: Ibrasa, 1970.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Suicídio**. Saber, agir e prevenir. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/802-sas-raiz/daet-raiz/saude-mental/l1-saude-mental/29685-agenda-estrategica-de-prevencao-do-suicidio>. Acesso em: 31 out 2017.

MORAES, Alice Ferry de. Suicídio na mídia semanal. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, mar. 2013. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/449>. Acesso em: 10 nov. 2018.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2007.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. Genebra, 2001.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Suicídio é responsável por uma morte a cada 40 segundos no mundo**. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oms-suicidio-e-responsavel-por-uma-morte-a-cada-40-segundos-no-mundo>. Acesso em: 31 out. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Word health Organization** – Banco de dados - Relatório sobre suicídio, 2000 e 2001. Disponível em: <http://www.who.int/word>. Acesso em: 1 jun. 2018.

Pesquisa Brasileira de Mídia. **Secretaria de Comunicação da Presidência da República**. Disponível em: <http://pesquisademidia.gov.br>. Acesso em: 02 maio 2018.

RAMOS; Silvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência**. Novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

Reitor da UFSC encontrado morto deixou um bilhete no bolso da calça. **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1923630-reitor-da-ufsc-encontrado-morto-deixou-um-bilhete-no-bolso-da-calca.shtml>. Acesso em: 01 jun. 2018.

SETEMBRO AMARELO. Disponível em: www.setembroamarelo.org.br. Acesso em: 28 abr. 2018.

STACK, S. **Media coverage as a risk factor in suicide**. 2003. Disponível em: <http://jech.bmj.com/content/jech/57/4/238.full.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2018.

STENGEL, Erwin. **Suicídio e tentativa de suicídio**. Lisboa: Dom Quixote, 1980.

ÉPOCA. Suicídio.com. **Época**. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG81603-6014-508,00.html>. Acesso em: 2 fev. 2018.

ZERO HORA. Suicídio: o mal invisível. **Zero Hora**. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/saude/vida/noticia/2016/09/suicidio-o-mal-invisivel-que-mata-mais-de-mil-gauchos-por-ano-7401401.html>. Acesso em 2 fev. 2018.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2005.

TRIGUEIRO, André. **Viver é a melhor opção**. A prevenção do suicídio no Brasil e no Mundo. São Bernardo do Campo: Correio Fraternal, 2015.

VENEU, Marcos Guedes. **Ou não ser**. Uma introdução à história do suicídio no Ocidente. Brasília: UnB, 1994.

WAINER, Samuel. **Minha razão de viver**. Memórias de um repórter. São Paulo: Planeta, 2010.

WASELFISZ J.J. **Mapa da violência 2014**. Os jovens do Brasil. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2014/Mapa2014_JovensBrasil.pdf. Acesso em: 1 abr. 2018.

WERLANG, Rosângela. **Pra que mexer nisso?**: suicídio e sofrimento social no meio rural. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social e Institucional) - Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional), UFRGS, Porto Alegre, 2013.

XAVIER, Mauren. Suicídio: devemos afinar o debate. **Correio do Povo**. Porto Alegre, p. 6-7, 14 jul. 2018.

APÊNDICE

MAPEAMENTO DO CONTEÚDO INFORMATIVO

Nº	Data	Título	Descritivo e contexto da palavra	Unidades
1	04.01.2017	Facções do crime disputam rotas na região do Trapézio Amazônico	A reportagem trata do crescente na violência da região do Trapézio Amazônico. O suicídio aparece como um indicador de criminalidade.	Suicídio como indicador de criminalidade
2	20.01.2017	Assassinatos marcaram Lava Jato da Itália	Reportagem sobre mortes relacionadas às operações contra a corrupção na Itália. O suicídio foi a saída de investigados para não enfrentar a Justiça.	Suicídio como fuga da Justiça.
3	22.01.2017	Presos 'federais' ficam isolados 22h por dia	Reportagem sobre o rigor dos presídios federais. Cita problemas psicológicos entre os presos, como tentativas e suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
4	29.01.2017	Vítimas de pichadores, donos de imóveis em SP somam prejuízos e desânimo	Reportagem sobre pichações em região do centro de São Paulo. Entre os prédios está a sede do CVV, que atua na prevenção ao suicídio.	Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV.
5	30.01.2017	Eclético e com tipo para vilões, John Hurt não esnobou Hollywood	Suicídio como maneira de morte de personagens vivenciados pelo ator.	Descartado
6	02.02.2017	Escolhido agrada à direita por apoiar argumento religioso	Suicídio é citado como tema de um livro escrito por juiz indicado para vaga na Suprema Corte	Descartado
7	02.02.2017	Deputados do Reino Unido dão 1º aval a processo do 'brexit'	Palavra no sentido figurado.	Descartado
8	12.02.2017	Não abandonarás	Nota sobre médica veterinária que se suicidou. No caso, o ato foi relacionado a 'fadiga por compaixão'.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
9	20.02.2017	Kurt, 50	Reportagem sobre o aniversário de 50 anos do músico Kurt Cobain, que cometeu suicídio.	Suicídio relacionado a complexidade artística. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico.
10	01.03.2017	Modo de vender a reforma definirá seu sucesso político'	Suicídio político. Reportagem sobre as reformas na previdência	Descartado
11	06.03.2017	Recordista da natação ofuscou astros no Rio e agora mira Tóquio	Reportagem focado na trajetória do atleta que atingiu o fundo do poço, com a tentativa de suicídio.	Suicídio como fundo do poço da vida. Possibilidade de superação após tentativa de suicídio.

12	06.03.2017	Treino e tecnologia adiam aposentadoria de atletas	Reportagem sobre atletas mais velhos. Neste caso, a situação de um atleta é vista como uma barreira ou dificuldade que ele superou, ao lado das drogas.	Suicídio como fundo do poço da vida. Possibilidade de superação após tentativa de suicídio.
13	10.03.2017	Parceria entre governo e CVV tira custo de ligação telefônica	Ampliação do serviço do CVV de prevenção ao suicídio, após parceria com o governo federal.	Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV. Suicídio como um problema de saúde pública.
14	11.03.2017	Ator espanhol dá novo alento para musical	A peça que aborda o suicídio, como "um resultado de inadequação e angústia individual".	Suicídio como resposta à angústia individual.
15	17.03.2017	Divulgar delação é demagogia, diz procurador	Entrevista sobre atuação do Estado nas ações de investigação.	Descartado
16	19.03.2017	Previdência vai precisar de nova reforma em 2019	Entrevista sobre previdência, que fala que quem sair do INSS vai cometer suicídio.	Descartado
17	20.03.2017	Oscar da educação	Reportagem sobre premiação de uma professora que trabalha em local onde há alto índice de suicídio de jovens.	Suicídio como característica de uma comunidade.
18	23.03.2017	Sem armadilha para turistas, comer bem e pagar pouco é regra	Reportagem de turismo, sobre dependendo do lugar do mundo, entrar num restaurante sem saber detalhes pode representar em suicídio	Descartado
19	31.03.2017	Estreia na Netflix série de ficção que aborda suicídio adolescente	Destaque para a série que trata sobre suicídio na adolescência e apresenta a complexidade do assunto nos dias atuais	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio de jovens.
20	01.04.2017	Ator monta versão amplificada de peça que retrata sua mãe	Reportagem sobre peça de teatro que é baseada na mãe do ator, que cometeu suicídio aos 22 anos	Suicídio representado nas produções artísticas.
21	01.04.2017	Ascensão		Descartado
22	03.04.2017	Folha faz pré-estreia de nova temporada da série de TV 'Psi'	Nova série que terá episódios sobre suicídio assistido	Descartado
23	12.04.2017	Medicina da USP se mobiliza após tentativas de suicídio	Reportagem que tem como foco a tentativa de suicídios de estudantes de medicina. Há maior de apoio e orientações de onde busca ajuda. Casos de tentativas de suicídio de estudantes de medicina da Usp chama atenção. Críticas ao modelo de estudo, carga horária e exigência. Dificuldade em abrir o diálogo	Suicídio no meio acadêmico. Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV. Suicídio como resposta às pressões. Dificuldades de debate o assunto por preconceito.
24	12.04.2017	Especialistas se preocupam com retrato de suicídio em série	Série começa a fazer sucesso e traz preocupação. Mas também tem o lado positivo de trazer o assunto à tona.	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio de jovens. A questão do contágio. Suicídio como um problema de saúde pública.

25	12.04.2017	USP se mobiliza após tentativas de suicídio	Chamada para a matéria	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio de jovens. A questão do contágio. Suicídio como um problema de saúde pública.
26	14.04.2017	Facebook falha contra pornografia infantil	Reportagem sobre a dificuldade do Facebook, como rede social, em controlar conteúdos, como suicídio	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio.
27	15.04.2017	Jogo suicida requer atenção de pais e da polícia	Desafio da Baleia Azul começa a ser noticiado. Visão criminal, de incitar a morte	Jogo nas redes sociais incentiva jovens ao suicídio. Alerta aos pais para o suicídio de jovens. Incentivar o suicídio é crime.
28	16.04.2017	Heloisa Seixas investiga a morte em contos	Reportagem sobre livro que retrata o momento final de um escritor que quer se matar.	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio relacionado à angústia interna.
29	17.04.2017	Casal é achado morto a tiros em hotel de luxo perto da av. Paulista	Homicídio e Suicídio em hotel de luxo de SP - Criminal	Suicídio de jovens. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte.
30	17.04.2017	Trio de artistas evoca samba e Camus para enfrentar o absurdo	Disco trata sobre o absurdo a partir de Camus	Suicídio representado nas produções artísticas.
31	18.04.2017	A paixão de Lamar	Musico que trata, entre outros assuntos, sobre suicídio	Descartado
32	19.04.2017	Estudante morte em hotel viu série sobre suicídio	Reportagem dá continuidade à investigação de casal encontrado morto em hotel. Detalhes da morte e das cartas deixadas.	Suicídio de jovens. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte. Suicídio como resposta à angústia individual.
33	19.04.2017	Conforto melancólico nutre disco do Korn	Banda que fala de músicas superar a depressa / conflitos adolescentes // ação de apoio e prevenção	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio como resposta ao sofrimento juvenil.
34	20.04.2017	Polícia apura tentativas de suicídio no RJ e no PR	Reportagem sobre o avanço de jogos que incentivam jovens a cometerem suicídio. Visão criminal da situação e investigação policial.	Suicídio de jovens. Jogos nas redes sociais incentiva jovens ao suicídio. Incentivar o suicídio é crime.
35	20.04.2017	O futebol está doente', diz pai de torcedor atirado de arquibancada	Reportagem sobre torcedor morto em jogo de futebol. Acusado justificar crime como suicídio, ao invés de homicídio.	Suicídio como morte violenta.
36	22.04.2017	Brincadeiras macabras não são novidade	Chamada para coluna de opinião que condena jogos que incentiva jovens ao suicídio.	Suicídio de jovens. Jogos nas redes sociais incentiva jovens ao

				suicídio. Incentivar o suicídio é crime.
37	22.04.2017	Para psiquiatra, jovem precisa de atenção e limites	Chamada para entrevista que avalia os casos de tentativas de suicídio de jovens.	Suicídio de jovens. Suicídio como problema de saúde pública.
38	22.04.2017	Tentativa de suicídio muitas vezes traz uma mensagem'	Entrevista sobre os casos com psiquiatra, aborda a questão dos pais, dificuldade dos dias atuais/ redes sociais	Suicídio de jovens. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como um problema de saúde pública. Alerta aos pais para o suicídio de jovens.
39	24.04.2017	Um gigante desce do Olímpio	Expressão de um dos dirigentes	Descartado
40	26.04.2017	Reforma trabalhista avança na Câmara	Expressão - em relação à votação da reforma trabalhista, como ato contra o povo.	Descartado
41	27.04.2017	Ministro da Justiça manda PF investigar jogo da Baleia Azul	Reportagem sobre as ações policiais contra o jogo da Baleia Azul.	Suicídio de jovens. Incentivar o suicídio é crime. Jogo nas redes sociais incentiva jovens ao suicídio. Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV
42	30.04.2017	Os fanáticos e o resto de nós	Reportagem sobre o escritor Amós Oz, que teve sua vida impacta pelo suicídio da mãe.	Suicídio que transforma a vida de outras pessoas. Suicídio representado nas produções artísticas
43	01.05.2017	Corpo Rebelde	Reportagem sobre a morte do artista Vito Acconci. Entre outros assuntos, ele abordou o suicídio em suas obras.	Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio representado nas produções artísticas.
44	01.05.2017	13 Reasons Why e o efeito Werther	Chamada de evento, mas não contribui	Descartado
45	04.05.2017	Facebook contrata para evitar posts violentos	Reportagem sobre a reação do Facebook para coibir postagens de suicídio.	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio.
46	07.05.2017	Curta carreira de Charlie Parker muda o jazz	Reportagem sobre a carreira de Charlie Parker no jazz, que tentou suicídio.	Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio como fundo do poço da vida. Tentativa de suicídio relacionado ao abuso de drogas e álcool.
47	10.05.2017	Baleia Azul é 'fake news' que virou real, diz ONG	Reportagem aborda os desdobramentos do desafio da Baleia Azul e os seus reflexos.	Tabu da mídia ao tratar casos de suicídio. Incentivar o suicídio é crime. Jogo nas redes sociais incentiva jovens ao suicídio. A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio. Suicídio de jovens. Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV.

48	14.05.2017	O capital no confessionário	Chamada de filme, não contribui	Descartado
49	14.05.2017	Entre Jovens	Quais os cuidados ao abordar o suicídio de jovens na TV. A atuação da mídia nesse contexto.	Tabu da mídia ao tratar casos de suicídio. Suicídio de jovens.
50	15.05.2017	Militar presa no episódio Wikileaks será solta	Nota sobre militar presa que tentou suicídio duas vezes.	Suicídio como fuga da Justiça. Tentativa de suicídio como protesto contra a sociedade.
51	17.05.2017	País patina no combate à homofobia e vira líder em assassinato de LGBTs	Reportagem sobre o crescimento de casos de homofobia e do crescimento de casos de tentativas de suicídio.	Tentativa de suicídio por discriminação de gênero. Suicídio como morte violenta.
52	17.05.2017	Política Bruta	Criminal. House of Cards	Descartado
53	19.05.2017	Chris Cornell	Reportagem sobre o suicídio do cantor Chris Cornell.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio representado nas produções artísticas. Detalhes do método utilizado na morte.
54	19.05.2017	Morte completa ciclo iniciado com suicídio de Kurt Cobain	Reportagem relaciona o suicídio do cantor Chris Cornell com o de outros da geração.	Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio representado nas produções artísticas. Detalhes do método utilizado na morte.
55	21.05.2017	Linhas Tortas	Entrevista com a monja Coen que falou sobre o episódio em que tentou suicídio.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como fundo do poço da vida. Possibilidade de superação após uma tentativa de suicídio.
56	22.05.2017	Jornal revela políticas de moderação do Facebook	Reportagem aborda as novas políticas de moderação do Facebook, entre elas a questão do suicídio.	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio
57	22.05.2017	Homem se mata após duplo homicídio	Nota sobre homicídio seguido de suicídio.	Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte. Homicídio seguido de suicídio.
58	24.05.2017	Diretor abandona 'Liga da Justiça' após morte da filha	Reportagem sobre a saída do diretor de filmagens após o suicídio da filha.	Suicídio que transforma a vida de outras pessoas. Assunto mantido em sigilo.
59	29.05.2017	Arte Bruta	Tema de filme polêmico, mas não amplia o assunto	Descartado
60	02.06.2017	Atirador abre fogo em hotel nas Filipinas	Reportagem sobre ataque em hotel. Após o ataque, atirador cometeu suicídio.	Suicídio como morte violenta. Homicídio seguido de suicídio.
61	04.06.2017	Caminhos da Cracolândia	Em caso de suicídio, há atendimento na cracolândia	Descartado

62	11.06.2017	Maluquez com lucidez	Reportagem sobre tratamentos não tradicionais para doenças mentais, entre eles suicídios e tentativas.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico
63	13.06.2017	Musical sobre ansiedade ganha sete Tony	Reportagem sobre produções artísticas que se destacaram em premiação. Suicídio na adolescência e os seus reflexos.	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio de jovens. Suicídio que transforma a vida de outras pessoas.
64	16.06.2017	Uma trans no Supremo	Reportagem sobre a trajetória de uma advogada transexual. Ela descreve pensamentos suicidas pelas dificuldades de aceitação social.	Suicídio como resposta à angústia individual. Tentativa de suicídio por discriminação de gênero.
65	19.06.2017	Livro relata como estupro moldou vida de pianista	Reportagem retrata livro de pianista em que narra a tentativa de suicídio.	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio pelo sofrimento do abuso sexual
66	25.06.2017	Feminismo em Ação	Reportagem sobre o perfil do criador da personagem Mulher Maravilha e mostram as dificuldades enfrentadas por ele na juventude, inclusive uma tentativa de suicídio.	Suicídio como fundo do poço da vida. Possibilidade de superação após uma tentativa de suicídio.
67	26.06.2017	Saga após a morte	Descartada / Panorama das mortes/ enterros	Descartado
68	28.06.2017	Crise afeta saúde de aluno e professor na Uerj	Reportagem sobre as dificuldades na Universidade e os reflexos no meio acadêmico.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio no meio acadêmico.
69	29.06.2017	Coisa de Louco	Local onde ocorrem acidentes e suicídios	Descartado
70	19.07.2017	Suicídio atinge três gerações da família Vargas	Nota sobre os três suicídios da Família Vargas.	Suicídio de personalidade. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte. Suicídio dentro da família.
71	24.07.2017	In memoriam	Nota sobre sucesso musical após o suicídio do cantor.	Suicídio de personalidade. Suicídio relacionado à complexidade artística.
72	25.07.2017	Filho de Brizola morre aos 64 anos em São Paulo	Reportagem sobre a morte do filho de Brizola e que cita o suicídio de Getúlio Vargas.	Suicídio de personalidade. Suicídio como acontecimento marcante.
73	28.07.2017	Erramos	Correção de data do suicídio de Getúlio Vargas	Descartado
74	28.07.2017	Alckmin quer prévia tucana ainda neste ano	Conceito de suicídio político	Descartado
75	29.07.2017	Genética pode ter influência no suicídio, afirmam especialistas	Pesquisa para evitar o suicídio.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como um problema de saúde pública. Suicídio dentro da família.

76	29.07.2017	Suicídios na família podem ter componentes genéticos	Reportagem sobre estudo que relaciona o suicídio à questão hereditária.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como um problema de saúde pública. Suicídio dentro da família.
77	29.07.2017	Livro lembra crimes e processos famosos em seus bastidores	Reportagem sobre acontecimentos históricos, incluindo o suicídio de PC Farias e de Wladimir Herzog.	Suicídio para encobrir assassinatos. Suicídio de personalidade.
78	29.07.2017	Adoração a Steve Jobs é ponto fraco de livro sobre o Iphone	Reportagem sobre casos de suicídio no ambiente de trabalho.	Suicídio como resposta às pressões
79	06.08.2017	Meu hotel minha vida	Entrevista sobre dono de hotel onde ocorreram suicídios	Suicídio como morte violenta. Suicídio acontecimento marcante.
80	17.08.2017	Morre ex-senador boliviano que vivia asilado no Brasil	A palavra é usada para representar um sentimento.	Descartado
81	21.08.2017	Delegado mata mulher juíza e se suicida em área nobre de SP	Reportagem sobre suicídio após homicídio.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte. Homicídio seguido de suicídio
82	31.08.2017	Influência de Diana resiste a duas décadas	Reportagem que trata da vida da princesa Diana e diz que ela tentou suicídio caindo da escada para chamar atenção	Suicídio como chantagem.
83	02.09.2017	O irmão mais velho	Reportagem sobre a vida do poeta chileno Nicanor Parra. Irmã dele cometeu suicídio.	Suicídio dentro da família. Suicídio relacionado à complexidade artística.
84	04.09.2017	Amizade clandestina	Reportagem sobre músico que era amigo de Carlos Araújo, que tentou cometer suicídio para fugir de uma situação de prisão na Ditadura	Tentativa de suicídio como protesto contra a sociedade
85	06.09.2017	Mostra reflete as contradições de São Paulo	Reportagem sobre uma mostra artística. Um dos pontos abordados é o suicídio de Wladimir Herzog.	Suicídio de personalidade. Suicídio para encobrir assassinato.
86	14.09.2017	Angústias espirituais aterrissam em Toronto	Reportagem sobre produções artísticas destacadas em uma premiação. Entre eles, um que aborda os desdobramentos após um suicídio.	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio que transforma a vida de outras pessoas. Suicídio acontecimento marcante
87	22.09.2017	Governo passa a divulgar suicídios em boletim, como faz a dengue	Chamada para reportagem sobre o primeiro boletim epidemiológico sobre o suicídio.	Suicídio como um problema de saúde pública.
88	22.09.2017	País registra 30 suicídios ao dia, idosos e índios lideram	Problema de saúde pública	Suicídio relacionado a um transtorno. Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV. Possibilidade de superação após uma tentativa de suicídio.

				Suicídio como um problema de saúde pública. Suicídio de jovens.
89	22.09.2017	Perícia oficial na Argentina conclui que promotor foi assassinado	Reportagem mostra que um suicídio na verdade era homicídio.	Suicídio para encobrir assassinato
90	23.09.2017	Ex-cirurgião Jorge Farah se mata para evitar prisão	Chamada para reportagem sobre o suicídio de médico que seria preso.	Suicídio como fuga da Justiça.
91	23.09.2017	Ex-cirurgião Jorge Farah é achado morto	Reportagem sobre o suicídio do médico que seria preso. Traz detalhes do ato.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte.
92	03.10.2017	Reitor afastado da UFSC é achado morto	Reportagem sobre o suicídio do reitor afastado da Universidade de Santa Catarina.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como morte violenta. Detalhes do método utilizado na morte.
93	04.10.2017	Lula não é mais só Lula, Lula é uma ideia', afirma Lula	Em reportagem, Lula diz que o suicídio é resultado de uma pressão externa, ao se comparar ao ex-reitor da UFSC.	Suicídio como resposta às pressões. Suicídio acontecimento marcante.
94	07.10.2017	Corregedor da Federal de SC relatou pressão de reitor diante de apuração	Reportagem que fala dos desdobramentos do caso do ex-reitor da UFSC.	Suicídio acontecimento marcante. Tentativa de suicídio como protesto contra a sociedade. Suicídio como morte violenta. Suicídio como fuga da Justiça
95	07.10.2017	Vida tão fina	Reportagem sobre a nova produção de Torquato Neto, após 45 anos do seu suicídio.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio relacionado à complexidade artística. Suicídio como fundo do poço da vida. Tentativa de suicídio relacionado ao abuso de drogas e álcool.
96	08.10.2017	Horror em creche de MG travou até policial	Reportagem sobre homem que matou crianças em uma creche e depois cometeu suicídio.	Suicídio como morte violenta. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Detalhes do método utilizado na morte. Homicídio seguido por suicídio

97	11.10.2017	O Estado tem de exercer o poder com a devida parcimônia	Entrevista sobre o poder de pressão do Estado em relação ao cidadão. Cita o caso do ex-reitor da UFSC.	Suicídio como resposta às pressões
98	12.10.2017	Léa Seydoux acusa Weinstein de assédio	Reportagem sobre a tentativa de suicídio do produtor acusado de abusar de atrizes.	Suicídio como fuga da Justiça.
99	21.10.2017	Atirador planejou ataque por três meses	Reportagem sobre jovem que matou colegas em escola. Ele disse ter sido influenciado por outros casos, em que o atirador se matava depois.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como resposta às pressões.
100	27.10.2017	Suicídio levanta dúvidas sobre a saúde mental na pós-graduação	Chamada de reportagem sobre suicídio e tentativas na pós-graduação	Suicídio no meio acadêmico
101	27.10.2017	Suicídio levanta questões sobre saúde mental na pós	Reportagem sobre os casos de transtornos mentais entre alunos dos cursos de pós-graduação.	Suicídio no meio acadêmico. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Valorização das ações de prevenção ao suicídio, como o CVV
102	27.10.2017	Longe do paraíso	Peça teatral que tem um suicídio no seu roteiro	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio acontecimento marcante.
103	27.10.2017	Pela segunda vez	Peça teatral que tem um suicídio no seu roteiro	Suicídio representado nas produções artísticas. Suicídio acontecimento marcante.
104	28.10.2017	Ela é autoconfiante, 'linda e manchada' desde pequena	Descartado. Sentido figurado	Descartado
105	29.10.2017	Marcas do bullying vão de baixa autoestima a tentativa de suicídio	Reportagem relaciona bullying e suicídio.	Suicídio como resposta ao sofrimento juvenil. Possibilidade de superação após uma tentativa de suicídio. Suicídio como resposta às pressões
106	29.10.2017	Em prol da ciência	Doação de corpos para universidade. No caso de suicídio é vetado, mas não há explicações.	Descartado
107	05.11.2017	Desafio é domar essência nacionalista da Europa	Reportagem sobre sobreviventes do Holocausto e como alguns cometeram suicídio	Suicídio como fundo do poço da vida. Suicídio como resposta às pressões. Suicídio como resposta à angústia individual.
108	05.11.2017	Os segredos dos cisnes	Reportagem sobre apresentação de balé, que tem o suicídio como um dos pontos altos	Suicídio representado nas produções artísticas
109	07.11.2017	Houve interesse internacional em minha prisão	Entrevista com um dos investigados em ato de corrupção. No contexto, ele diz que pensou em suicídio.	Suicídio como resposta às pressões

110	07.11.2017	Advogado high-tech	Reportagem que trata das mudanças na vida de um empresário. O suicídio aparece como acontecimento na vida das pessoas.	Suicídio que transforma a vida de outras pessoas
111	09.11.2017	Morto há 45 anos, Torquato é celebrado	Reportagem sobre a vida do artista Torquato, após 45 anos do seu suicídio	Suicídio relacionado à complexidade artística
112	10.11.2017	8,5 segundos para excluir um suicídio	Reportagem sobre o tempo que uma pessoa tem para avaliar e excluir postagens da rede social Facebook, como suicídio.	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio
113	15.11.2017	Para anglicanos, crianças devem explorar identidade de gênero	Reportagem sobre a importância de as crianças e jovens explorarem a questão da identidade de gênero e prevenir suicídios	Suicídio como resposta à angústia individual. Tentativa de suicídio por discriminação de gênero.
114	16.11.2017	Elenco eleva peça para além do retrato trivial de uma família de classe média	Notícia sobre peça teatral que aborda assuntos da rotina de uma família, como uma tentativa de suicídio.	Suicídio de jovens. Suicídio como resposta ao sofrimento juvenil. Suicídio acontecimento marcante.
115	16.11.2017	Globo e Tv do México pagaram propina por Copas, afirma delator	Reportagem sobre corrupção em negociação. Um dos citados cometeu suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio acontecimento marcante
116	05.12.2017	Polícia investiga e-mail com ameaça a faculdade da Usp	Reportagem sobre ameaças a faculdade, em que uma pessoa diz que atacaria funcionários e depois cometeria suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça
117	05.12.2017	Reforma tributária de Trump traz temas sobre investimento no Brasil	Figurativo. Reportagem sobre reforma tributária nos EUA	Descartado
118	06.12.2017	Lava Jato é modelo para busca de dado sigiloso	Reportagem sobre ação envolvendo investigação da Lava Jato e busca por dados. A investigação pode identificar outras situações, como tentativas de suicídio.	A falta de controle das redes sociais com publicações de suicídio. Suicídio como risco à vida
119	07.12.2017	Polícia apura se cometeu erros em operação na UFSC	Reportagem envolvendo o caso do reitor da UFSC que cometeu suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio como resposta às pressões. Suicídio como morte violenta.
120	08.12.2017	PF realiza nova operação na Federal de SC	Reportagem envolvendo o caso do reitor da UFSC que cometeu suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio como resposta às pressões. Suicídio como morte violenta.
121	15.12.2017	Deputado americano é encontrado morto	Reportagem sobre deputado americano que cometeu suicídio após envolvimento em caso de abuso sexual.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como resposta às pressões. Detalhes do método utilizado na morte. Suicídio como morte violenta.

122	17.12.2017	A velha miragem do racismo científico	Figurativo. Reportagem sobre a questão racial	Descartado
123	17.12.2017	Genocídio do negro, suicídio do branco	Figurativo. Reportagem sobre a questão racial	Descartado
124	18.12.2017	Dores do pós	Reportagem sobre o aumento de problemas mentais no ambiente de pós-graduação.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio como fundo do poço da vida. Suicídio como resposta à angústia individual. Suicídio no meio acadêmico. Suicídio como resposta às pressões.
125	19.12.2017	Porto Rico ordena recontagem de mortes	Reportagem sobre catástrofe ambiental que provocou suicídios em Porto Rico	Suicídio como indicador de criminalidade. Suicídio como característica de uma comunidade.
126	22.12.2017	Dois dias antes de suicídio, Cancellier disse não ter protegido ninguém	Reportagem sobre desdobramento do caso do reitor afastado da UFSC que cometeu suicídio.	Suicídio como fuga da Justiça. Suicídio como resposta às pressões. Suicídio como morte violenta.
127	23.12.2017	Coelhos fazem britânico pensar em suicídio	Reportagem sobre livro que trata, de maneira sarcástica, o suicídio de coelhos.	Suicídio representado nas produções artísticas. Dificuldades em debater o assunto por preconceito.
128	25.12.2017	Alunos atuam em escolas contra racismo, automutilação e suicídio	Reportagem sobre ação nas escolas para evitar violência, como suicídio.	Suicídio relacionado a um transtorno psicológico. Suicídio no meio acadêmico. Alerta aos pais para o suicídio de jovens. Tentativa de suicídio por discriminação de gênero.
129	26.12.2017	Elite brasileira tem que ter menos espírito de Miami	Figurativo	Descartado
130	27.12.2017	Livro mapeia golpes, crises e trapaças na política nacional	Reportagem sobre livro que retrata de acontecimentos da política nacional, como o suicídio de Getúlio Vargas.	Suicídio de personalidade



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br